

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: LEITÃO DE CARVALHO, EURICO DUTRA e NILO VAL

N.º 108

Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1922

Anno IX

Iº CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL

7 DE SETEMBRO



1822

Ao transpor o limiar do 2.º seculo de sua independencia politica, o Brasil pôde, com orgulho, rever o caminho percorrido e, cheio de esperanças, encarar o futuro promissor, confiante no labor e no patriotismo de seus filhos.



1922

Tendo vencido as grandes etapas de sua evolução social

e politica sem atropellos nem precipitações; transformando em realidades praticas os grandes ideaes patrioticos agitados pelas gerações que emprehenderam e impulsionaram a formação da nacionalidade, somente quando, já amadurecidos, permittiam a evolução sem revolução, o povo brasileiro, liberto dos preconceitos de raça, livre nas suas crenças religiosas, servido por instituições liberaes fundadas nos mais puros principios democraticos, de espirito internacional justo e desinteressado, atinge o esplendor de sua maturidade cercado do respeito e da amizade de todos os povos, da estima de suas irmães do Continente, do amôr de seus filhos, que, orgulhosos do passado, antevêem o futuro glorioso que o destino lhe reserva.

Suas classes armadas, guardas fieis da ordem e do progresso da nacionalidade, entram definitivamente no caminho de seu desenvolvimento profissional, fecundando, com os vastos conhecimentos militares elaborados pelos grandes exercitos a custa de crueis provações, o seu tradicional patriotismo, integrando-se dessa forma na evolução geral do pais, que nellas terá os leaes defensores de seus direitos, assegurando a marcha progressiva das instituições ao abrigo de convulsões internas ou de intervenções exteriores.

Sua riqueza, producto do trabalho incessante de seus filhos, offerece solida base ao desenvolvimento de seus inexgottaveis recursos, que temos sabido conservar e que hão-de fazer a nossa opulencia.

No limiar do novo seculo da independencia, robusto e generoso, altivo e abnegado, enobrecido por suas tradições e seguro da grandeza de seu futuro, o Brasil fita os seculos que hão-de vir com serenidade e confiança.

Salve ! grande Patria ! O futuro te reserva o mais glorioso destino.

A DEFEZA NACIONAL

O Brasil inteiro freme de júbilo e se alvorota, ufano, preparando-se para comemorar dignamente, no dia de hoje, o centenario de sua emancipação política.

Ha um largo sopro de ressurgimento, claramente perceptivel na palpitação desse entusiasmo.

Mas nós somos, ainda agora, a certos respeitos, um paiz que quasi se não conhece a si mesmo. Nos processos de nossa evolução, que a desorientação geral dos espíritos tanto tem embarracado, muito movimento salutar de idéas escapa ao conhecimento do grosso públlico, cuja attenção, em geral, não se preoccupa com o desenvolvimento das propagandas solidas e lentas.

E', entretanto, esse apostolado obscuro e pertinaz, a que alguns consagram devotadamente as suas energias, a verdadeira mola de certos progressos e adiantamentos, que acabam enchendo de satisfação a alma nacional. O esforço subterrâneo e silencioso desses verdadeiros patriotas pôde assim, ás vezes, surprehender com orgulho a indiferença dos outros e mostrar como se alcançam, pelo trabalho e pela fé, triumphos consoladores, que nos paguem, com a nobre alegria do dever conscientiosamente cumprido, as fadigas passadas e os aborrecimentos soffridos no longo jornadear em prol de um ideal que corresponde á vehemencia e ao desinteresse de nosso sentimento cívico.

Deve ser esse, por força, o estado de alma do grupo mantenedor desta excelente revista, que tanto tem feito pela construção e ordenação do pensamento militar do Brasil.

Falta apenas um mez para que *A Defeza Nacional* complete a nona volta annual no curso de sua prestimosa e brilhantíssima carreira. Emprégo de propósito a palavra volta, pôrque é a que logo me acode para fixar a nobre persistencia do programma desenvolvido nos oito opulentos volumes, que aqui tenho encadernados deante de mim, e nos fasciculos, ainda por encadernar, do anno que não terminou. Cada serie de doze numeros dessa benemerita publicação repete energicamente, na etapa immediata, os pontos de vista do começo, multiplicando fecundissimamente os temas de sua acção educadora, sempre dentro dos principios e do rumo geral traçado no artigo de apresentação.

Reside nisso mesmo o merito principal e o proficuo valor da lição de confiança e de patriotismo sadio e batalhador, que este bello mensario technico representa. Quando se percorre, como eu acabo de percorrêr, a importante collecção, a impressão immediata que nos fica é a de uma elevada tenacidade de propósitos, vencendo galhardamente todos os motivos de desanimo e caminhando invariavelmente para deante, sem o mímino desfalecimento.

Essa obstinação patriótica honra sobremodo aos redactores e collaboradores d'*A Defeza Nacional* e é um seguro penhor de que o magno problema da organização efficiente de nosso Exercito entrou realmente numa phase de realizações definitivas. O ímpulso adquirido não permitirá mais novas pausas ou retrocessos, e não tenhamos duvida que, se o perigo surgir de se desandar o caminho andado, o nucleo forte, que

accelerou aquelle progresso, será uma barreira decisiva contra esse funesto e imperdoavel recto.

Não ha mais que parar na senda que, com tanta resolução, hoje se trilha. Encerrou-se, de facto, a éra do acaso e da inercia deante da necessidade nacional mais palpitable, que vem a ser esta: compôr com efficacia a tropa na disciplina e no preparo, entregando-se resolutamente a direcção profissional e technica do Exercito aos seus valores reaes, afirmados no estudo sem interrupção e na pratica continua do officio, de sorte a habilitar, todos os annos, a juventude, que tiver de ser incorporada, a receber do melhor modo o grande banho de saude, de força e de civismo, do que hão de resultar necessariamente para a Nação os maiores beneficios e vantagens.

Ninguem facilmente dará conta, á primeira vista, da magnitude e relevancia desse trabalho, que representa, em ultima analyse, a verdadeira formação do Brasil de amanhã. E' toda uma nova ethica social e politica, que se processa com elevação dentro das casernas, á sombra neutral da bandeira. Nenhum cidadão realmente digno desse nome poderá desinteressar-se de semelhante tarefa. Todas as bellas e grandes causas, que nós andamos porfiadamente tentando e realisando nouros terrenos igualmente meritorios, serão edificios sem base e palacios construidos na areia, se não lhes damos o fundamento da segurança militar, que é o que forma a consciencia legitima da Patria, na plenitude de sua vontade tranquilla e na convicção perfeita da efficiencia de seus meios de defeza.

Nós tinhamos adormecido criminosamente sobre os louros rutilantes de uma grande campanha de cinco annos, travada exactamente a meio da existencia e no apogeu do Imperio. Ao envés de tirar dos sacrificios dessa victoria a licção que devíamos, continuámos impenitentemente nas diversões theoricas e nos bulicios anarchicos da politica, contentes e satisfeitos com o espectaculo banalissimo do rotativismo dos partidos, sem cuidar de nada que fosse profundo e substancial e preferindo sempre as reformas de occasião ás outras modificações menos superficiaes, que a vida nacional urgentemente reclamava.

Não se pôde decentemente afirmar que semelhante relaxação houvesse de todo acabado depois da Republica. Mas os trinta e tres annos de vacilações e ensaios do novo regimen começam finalmente a redimir as faltas dessa imprevidencia, e a preparar o paiz para se collocar á altura de seu proprio crescimento.

Ainda não se desenhara muito nitido esse avanço, nem essa correlata necessidade, até o quatriennio Rodrigues Alves, obrigados como se viram os antecessores deste, a attender a solicitações de ordem mais immediata, nascida da conveniencia imperiosa de manter a paz interna e reerguer o credito publico.

Mas os grandes melhoramentos materiaes realisados pelo benemerito paulista deram logo uma idéa concreta do quanto havíamos augmentado e progredido, e já o governo immediato não poude mais fugir ao dever precipuo de zelar pela segurança desse immenso patrimonio incessantemente enriquecido pelo trabalho e pela intelligencia do brasileiro.

O ultroliberalismo romantico e divagador dos Constituintes Republicanos, com o sectarismo recalcitrante de outra philosophia, que não considerou nunca, nas suas cogitações, a realidade das cousas e fez sempre obra com os principios em vez de considerar mais de perto os factos e as exigencias imprecriptiveis da nação, como organismo social necessitado do amparo seguro da força para poder evoluir, não deixou caminho bem aberto e bem franco á obra de renovação que se impunha.

Mas, quando chegou o momento oportuno, uma interpretação adequada do dispositivo contido no texto constitucional permitio o primeiro ensaio do serviço obrigatorio, a que teremos de chegar completamente um dia pela crescente generalisação do sorteio.

Mais de dez annos são passados, e, através de todos esses obices e entranves, de que não preciso fallar porque elles envergonham a minha geração, que levou tanto tempo para se corrigir e se emendar, a grande obra veio afinal esboçando cada vez mais nitidamente os seus lineamentos.

Um anno antes de rebentar a Grande Guerra, que foi o que abrio melhor e mais depressa os olhos de todos, apprencia aqui *A Defeza Nacional*,

Andaramos já, no começo, alguns visionarios, militares e civis, como batedores, desbravando corajosamente o caminho.

D'A *Defeza Nacional* se pôde dizer que centralisou e encarreirou superiormente esses esforços, com uma responsabilidade profissional e uma idoneidade técnica que nós, os irreverentes, que havíamos tomado a iniciativa de romper nesse sentido a marcha, não podíamos ter. E o elogio desta valiosa publicação está feito com o dizer-se que a intrepida pioneira substituiu, com immensa vantagem, a acção dispersa e tumultuosa das patrulhas isoladas, que tinham iniciado o tiroteio na vanguarda.

Só depois da entrada em campo dessa unidade, que valia na verdade por uma legião, foi que a batalha salutar se generalisou e se normalisou, reunindo debaixo de uma alta e prestigiosa bandeira de fé todos os desprendidos e todos os capazes, que quizeram dar-se integralmente ao serviço de esclarecer, animar e atrair soldados e pelejadores para a causa sagrada da organização militar do paiz.

O Exercito deve reter no coração e na memoria os diversos nomes dos officiaes que têm vindo formando o selectissimo grupo mantenedor desta revista, com o seu grande Presidente de Honra, Bertholdo Klinger, á frente.

Outros terão tambem labutado efficazmente pelo progresso profissional e pelo adextramento tecnico das forças de terra. Mas é aqui que o traço disciplinado da virilidade moral, do justo discernimento civico e de vivo carinho e ardor pela instrucção da tropa mais se accentua, nesta reunião de um nucleo escondido de officiaes, que não têm poupadão sacrificios para cumprir a generosa e patriótica tarefa que se impuzeram.

Logo no primeiro anno de existencia da revista, os serviços por ella prestados ao Exercito foram de tal ordem que o Marechal Caetano de Faria, achou dever significar de publico, num artigo com a sua autorizada e expressiva assinatura embaixo, os agradecimentos do alto commando por essa magnifica e opulenta colaboração prestada á causa da organização do poder militar do Brasil.

Escrevera *A Defeza Nacional* no artigo de fundo de seu numero inicial:

« Não queremos ser absolutamente, no seio da nossa classe, uma horda de insurrectos, dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo — mas um bando de Cavalleiros da Idéa, que saiu a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento; não para cruzar ferros mas para racionar; não para contundir mas para convencer. Foi com estas idéas que resolvemos fundar esta revista. Nella exerceremos necessariamente o direito de critica: ás idéas, não aos individuos. Mas, tanto quanto nos fôr possível, dentro da fallibilidade das cousas humanas, procuraremos manter sempre uma nobreza de attitude — digna daquelles para quem escrevemos. Não nos move de forma alguma a preocupação pretenciosa de sermos os mentores dos nossos chefes, nem dos nossos camaradas; entramos na liça apenas com um pouco de mocidade, um pouco de estudo e a maior bôa vontade, e dos nossos chefes e camaradas ambicionamos tão sómente ser preinstados auxiliares e dedicados colaboradores ».

A modestia eloquente dessas promessas se confirmou amplamente e com brilho, assiduidade e efficacia admiraveis, no transcurso destes oito annos e onze mezes, que tantos são os da existencia da apreciada publicação.

Os cento e sete editoriaes, até agora dados á estampa, e que opulentam o indice da Revista, são sempre superiormente escriptos e impregnados de um amor profundo pelo Exercito. Muitos desses editoriaes constituem mesmo paginas primorosas da mais sadia literatura militar, pela precisão e vivacidade dos conceitos, segurança e profundezas das idéas, como pelo ardente civismo e leal franqueza que transpiram.

No capitulo que o indice titula — *Generalidades* — todas as questões militares, tanto theoricas como praticas, estão profusamente representadas em artigos de informação, de critica e de analyse, subscriptos pela fina flôr do exercito novo, encontrando-se além disso, ahi, commentarios outros e não menos valiosos em todos os numeros até agora dados á publicidade.

Não é menos abundante a serie de artigos e trabalhos especiaes sobre artilleria, cavallaria, infantaria e metralhadoras, medicina e veterinaria, no que

estas duas ultimas cousas entendem com o serviço de guerra.

A Defeza Nacional erigiu-se assim, no correr dos annos, em um vasto repositorio dos mais variados assumptos militares, distribuindo, tambem, em separado, preciosos avulsos, que valem já uma pequena e importante biblioteca profissional e technica, de grande utilidade para os officiaes.

Nunca tiveram desalentos na jornada esses moços patriotas, para os quaes a farda é a expressão dos mais sagrados deveres que, na sociedade moderna, possam caber a um homem livre, que se haja votado de corpo e alma ao sacrificio e á renuncia, para servir melhor á bandeira.

Correndo os olhos pelos annos transactos dessa collecção, encontramos, aqui e alli, repontando como um bello sonho insistente, a idéa de uma grande parada militar na Commemoração do Centenario.

Um dos colaboradores escrevia com entusiasmo em 1915:

«Esperamos que nesta época, o serviço militar em plena florescencia nos tenha dado um bom numero de reservistas, e que o regimen das massas nos tenha permittido accumular grandes stocks de guerra, portanto o nosso sonho presente, esboçado nas linhas que se seguem, tenha se materialisado a 7 de Setembro de 1922 deslumbrando-nos com o seu brilho e dando ao estrangeiro a prova mais positiva da nossa força e grandeza. Nesse dia, em que teremos de comemorar o centenario da nossa independencia não é muito tudo o que fizermos para o fulgor da data que mais cara nos deve ser».

E o digno official pormenorisava como devia ser a mobilisacão para essa grande parada, «em uniforme de campanha», «com todas as forças concentradas», realisando assim «um exercicio dos mais proveitosos e que nunca fizemos», e ao mesmo tempo «commemorando dignamente o centenario da nossa independencia e dando uma prova exuberante de nossa grandeza».

Esse patriotico anhelo, tão lindamente formulado nas paginas d'*A Defeza Nacional* ha sete annos atraç, será hoje quando não uma fulgurante realidade, pelo menos já uma prova bastante consoladora do muito que temos feito e

conseguido nos ultimos annos em matéria de organisação militar.

Falta muito ainda ao nosso Exercito. Mas já começam a dar-lhe quartéis condignos e a provel-o de algum material e armamento. O sorteio foi melhorando e a incorporação cresceu. Os fructos da missão de instrucção principiam a apparecer.

A Defeza Nacional recebera a primeira noticia do contracto dessa missão dizendo: «Sêde bemvinda!», e com o mesmo entusiasmo precisa agora energicamente reclamar: «Continua!». Temos para nós que o trabalho assim tão vigorosamente encetado pelo actual Governo não pôde nem deve parar.

O Brasil novo está contente e orgulhoso dos aperfeiçoamentos introduzidos no seu Exercito.

A parte que cabe á *A Defeza Nacional* nesse promissor resultado é consideravel e constitue motivo de justa ufania para os seus brilhantes redactores.

Um paiz rico, extenso e populoso como o Brasil não ha de querer viver desarmando, porque seria então uma presa facil da cobiça estranha e andaria eternamente mal seguro de si mesmo no interior.

Não ha democracia sem nivelamento racional das classes. Esse nivelamento igualitario, que nos ha de tornar ainda mais republicanos do que somos, só será possivel pelo serviço militar obrigatorio, que educa de outra forma, na disciplina e no civismo, o cidadão, restituindo-o sem demora e mais instruido e mais perfeito, á vida civil.

«Le pacifisme — disse Faguet — est essentiellement chimerique. Bon gré mal gré il ne peut fonder que sur l'antipatriotisme». «Pour nous en tenir au temps ou nous sommes, le patriotisme s'oppose au pacifisme de telle sorte que, comme dit M. Stead, «la guerre est en hausse plus qu'elle n'est en baisse. Le patriotisme s'oppose au pacifisme partout».

E, se assim acontece em toda parte, não pôde ser de outro modo aqui.

O militarismo sem politica é uma grande e bella escola e tem suas vantagens innegaveis no ponto de vista economico e social. Estudou-as amplamente, em 1908, num livrinho cuja leitura eu recommendaria a todos os meus collegas do Congresso Nacional, o então tenente de infantaria colonial

Jean Montagne, tomando para epígrafe o pensamento do illustre ensaista francês que já citei:

«L'armée n'est pas seulement l'arme de la Nation, elle en est l'armature. C'est l'armée qui fait que la Nation n'est pas un être invertebré; c'est l'armée qui fait que la Nation se tient debout».

Ce que l'armée peut être pour la Nation, disse-o maravilhosamente em um volume publicado com este mesmo título na Bélgica, em 1907, o Tenente Adjunto do Estado Maior A. Fastrez:

«Qu'au jour du danger le peuple puisse avoir confiance dans son armée. Faisons la forte, homogène, manœuvrière, puissante, sûre d'elle même; bouclier résistant planté hardiment sur la route de l'envahisseur, et l'immensité de l'effort à faire pour le renverser découragera les plus violents convoitises. A l'abri de cet obstacle, plus valable que les cours d'eau et les montagnes, développpons sans crainte du péril toutes nos initiatives. Formons notre jeune à son rôle de patriote, capable non seulement d'enrichir son pays, mais aussi de le défendre. Développons les cerveaux et les coeurs; elevons le niveau moral et social de notre population saine, vigoureuse, active; donnons à notre armée des jeunes gens dont l'intelligence est ouverte et dont l'âme est virile et pure: l'armée nous les rendra formés, doués d'un puissant coefficient d'utilisabilité sociale, grandis pour les efforts individuels et pour les efforts collectifs».

Não é outra a linguagem que *A Defesa Nacional*, nestes seus oito anos e onze meses de vida, tem fallado aos seus patrícios, ao mesmo tempo que mostra aos officiaes e commandantes as numerosas responsabilidades que decorrem dessa altíssima e salutar orientação.

Abençoemos e agradeçamos, em nome da Patria, o esforço abnegado desse valente nucleo de pioneiros da idéa nova, expoentes legítimos da mentalidade do Exercito moderno do Brasil educado na disciplina e trabalhando com afinco para ser forte e efficiente.

FELIX PACHECO

Senador Federal pelo Piauhy

1.º Secretario da Liga da Defesa Nacional

O PAPEL DO OFICIAL NUMA DEMOCRACIA MODERNA

O Brasil festeja o Centenario de sua Independencia. Pode contemplar com orgulho o caminho percorrido desde um seculo. Formando na ultima guerra, numa hora difficil para os aliados, ao lado dos Estados defensores do Direito, a joven Republica entrou definitivamente para o concerto das grandes nações democráticas modernas. Seu prestigio e sua influencia têm-se desenvolvido de uma forma consideravel. Seu representante em Paris teve a honra de presidir, durante algum tempo, as deliberações do Conselho Supremo da Sociedade das Nações. O Brasil continuará a marchar, com passo firme, no caminho do progresso pacífico e da exploração, ainda insuficiente, de seus immensos recursos naturaes.

No dominio militar, o Brasil tem feito, de algum tempo para cá, um notavel esforço para modernizar seu Exercito, do ponto de vista da organização, da instrucção e do armamento. Os progressos realizados são já sensiveis, podendo-se prever que, daqui a alguns annos, possuirá uma força militar em relação com sua situação de maior potencia da America do Sul, proporcional a seus recursos, a sua extensão territorial e á sua população. Esta força servir-lhe-á, unicamente, á defesa de seus direitos e de seus interesses. Os sentimentos pacificos e conciliadores que o Brasil tem demonstrado tantas vezes, no curso de sua historia, são uma prova de que jamais pensará em utilizar sua força com um fim de agressão.

Mas, para dar a um exercito todo o seu valor, não basta modernizar-lhe a organização, a instrucção e o armamento. E' preciso tambem que a mentalidade de seu orgão motor, o corpo de officiaes, evolua no sentido que convem a uma democracia moderna. Ora, com o serviço obrigatorio de curta duração, que chama

ás bandeiras homens de todas as classes sociaes, com bos engenhos tão diversos e, algumas vezes, tão complexos, que a guerra põe bem em jogo, o official mal tem tempo para desempenhar sua alta missão: dar educação moral a seus homens e aperfeiçoar, sem cessar, a instrução delles para a guerra, ao mesmo tempo que não descura da sua propria. Esse trabalho deve absorver toda a sua actividade. Como muito bem disse, recentemente, da tribuna, um digno membro do Parlamento Brasileiro, a profissão de official deve ser um sacerdocio, e não um officio, que se adopta como qualquer outro, unicamente para ganhar a vida. O official digno desse nome deve possuir vocação: um vivo interesse pelas questões militares, gosto pelo commando e pelas responsabilidades, um sentido agudo da psychologia do homem e uma natural repugnancia pelas cousas que não são limpas e serias. A isso, deve-se ajuntar um grande desinteresse, porque em nenhum paiz do mundo a profissão das armas é lucrativa. Isso acarreta, portanto, como compensação, o dever moral dos poderes publicos de assegurarem, mediante vencimentos convenientes, a dignidade da vida do official.

Esta concepção do papel do official exclue, naturalmente, sua intervenção, directa ou indirecta, na política do paiz. Tal abstenção, voluntaria ou, se preciso, imposta pelo governo, é essencial ao bom funcionamento de uma Democracia moderna.

Sem ella, o mecanismo da Constituição pôde ser falseado; o Parlamento delibera e legisla sob a ameaça de uma intervenção militar; é destruída a confiança entre a Nação e o Exercito. Em uma palavra, o corpo de officiaes deve reconhecer lealmente que o poder civil, que é delegado pelo povo para dirigir todos os negocios do Estado, deve ter a supremacia sobre o poder militar, que é encarregado sómente de assegurar certos serviços, da manutenção da ordem, no interior, e da

defesa do paiz contra uma agressão exterior. Qualquer outra concepção seria um anachronismo numá Republica que quer ser um Estado democrático moderno.

Esse papel do official é comprehendido desde muito tempo nas monarchias liberaes do Oeste da Europa — Inglaterra e Italia — assim como na Republica francesa e americana do Norte. Em França, os partidos antimilitaristas procuraram outrora, servindo-se da questão *Dreyfus* como instrumento, desagregar o Exercito, introduzindo nelle a delação. Mas o Exercito não se deixou arrastar. Despresando os poucos sycophantas que se haviam insinuado em seu seio, mantendo-se afastado da politica, o Grande Mudo, como o chamavamos com orgulho, continuou a trabalhar em silêncio. Elle teve confiança nos representantes da nação para laval-o dos ultrages de que tinha sido coberto. Essa confiança não foi vã: do alto da tribuna do Parlamento, a palavra vingadora do actual Presidente da Republica, Mr. Millerand, estigmatisou «o abominavel sistema das fichas» e provocou a queda do Ministro que por elle era responsável. Tendo guardado assim sua cohesão moral, forte na confiança do paiz, que via n'elle um verdadeiro instrumento de defesa nacional, e não um exercito de guerra civil, pôde enquadrar, na hora do perigo, a Nação em armas, e ser o Exercito da Victoria do Marne.

Ao contrario, nas velhas monarchias da Europa Central e Oriental, que a guerra abateu, o corpo de officiaes constituiu uma casta que, por intermedio do Soberano, seu chefe effectivo, exercia uma influencia algumas vezes decisiva sobre a politica exterior e, mesmo, interior do Estado. Essas castas estavam imbuídas do espirito militarista, espirito de conquista e de agressão, que é preciso não confundir com o espirito militar, indispensavel a todo Exercito, e que outra cousa não é senão o amor e o orgulho pela nobre profissão das armas.

E' vantajoso para um official, do ponto de vista militar, ver-se envolvido nas lutas politicas? Evidentemente não, e os motivos saltam aos olhos. Desde logo, do ponto de vista moral, a pratica da politica exige transigencias, compromissos, que são incompatíveis com o que deve constituir a mentalidade do official, — homem dum carácter firme e recto, de uma só peça, que comanda e obedece sem discussão, que não transige com sua consciencia. Além disso, a intromissão na politica apresenta graves inconvenientes para a disciplina. Todos os officiaes tendo, em matéria politica, direitos iguaes, alguns pôdem ser levados a criticar em publico os actos dos seus superiores. Em fim, as opiniões sendo forçosamente divergentes, em uma collectividade importante, a politica destrói o espirito de camaradagem, tão importante no campo de batalha, e tão facil de manter em tempo de paz, quando todos os pensamentos convergem para um fim unico: a defesa da Patria.

O facto de se abster de toda ingerencia na politica não implica em que o corpo de officiaes deva viver á margem da Nação. Um tal espirito de casta seria, numa democracia moderna, uma verdadeira regressão.

Ao contrario, os officiaes devem, por meio de suas relações pessoas, misturar-se ás demais classes sociaes que, conhecendo-os melhor, os apreciarão mais. E, sob a condição de evitar com cuidado o terreno incandescente da politica, as relações com os membros do parlamento só pôdem apresentar vantagens, sobretudo nos periodos de reorganização militar.

Com efeito, os parlamentares, que têm de decidir sobre as reformas propostas, só conhecem muitas vezes as soluções officiaes, apresentadas pelos órgãos responsáveis. Assim, certos aspectos dos problemas pôdem escapar-lhes. Conversações com officiaes de situações e postos diferentes pôdem esclarecer-lhos, fazer-lhes

ver as repercussões que certos projectos de lei teriam sobre o estado material e moral do Exercito, permittindo-lhes levar-as em conta no decorrer dos debates parlamentares. Em todos os paizes do mundo, os membros do Parlamento, conscientes de seus deveres e de suas altas responsabilidades, animados de um patriotismo ardente, estão promptos, com a condição de serem bem informados sobre o alcance das medidas submettidas á sua apreciação, a conceder todos os creditos necessarios á organização efficaz da defesa nacional.

Comprehendendo dessa forma a sua função, o Exercito de uma democracia moderna pôde desempenhar em tempo de paz um papel fecundo. Conservando-se afastado das lutas politicas, respeitoso da legalidade e dos poderes constituidos, trabalhando sem cessar e em silencio afim de aperfeiçoar sua instrucção para a guerra, elle não esquecerá que não é o Exercito de um partido, nem mesmo de um regimen, mas o Exercito da Patria, a armadura solida a que a Nação incumbio de preparar sua defesa e na qual ella virá integrar-se toda inteira na hora do perigo.

TENENTE-CORONEL DEROGEMONT

Director de Estudos
da Escola de Estado Maior.

A futura escola de cavallaria

III

Nesta revista já por duas vezes ferimos a tecla da grande necessidade, cada vez mais evidente, de fundarmos no Brasil uma *Escola de cavallaria*.

Não é uma falsa comprehensão das exigencias do nosso apparelhamento militar o patrocinio da idéa, pelo pressuposto de que uma escola nesse genero viria despertar nas outras armas eguaes desejos a satisfazer.

A cavallaria é uma arma sujeita a exigencias muito especiaes, sendo necessário que os seus officiaes se formem

dentro no espirito de ardorosidade e arrojo a ella inherentes, o que pede, sobre o conhecimento perfeito dos deveres profissionaes por um contacto permanente com os regulamentos e suas modificações, — um entretenimento ininterrupto da capacidade de montar.

Na ultima *directiva geral* de instrucção para a *Escola de cavallaria* chilena, nota-se uma prescripção aos professores e instructores que dá bem a medida de como ali se procura estimular a alma do cavalleiro. Eis-a: «A tarefa dos instructores e professores não seria, entretanto, completa, si procurassem obtér dos alumnos tão sómente a assimilação dos programmas de ensino, e não aproveitasse cada occasião para despertar e nelles desenvolver as qualidades de rectidão, hombridade, espirito de trabalho e disciplina que constituem a essencia das virtudes militares».

Certo não resume isso um programma. Mas este simples paragrapho bem dá a medida do apuro a que se leva o trabalho de educação do cavalleiro no Chile.

Neste ponto estamos ainda sós entre as potencias americanas.

A missão francesa que nos instrue com tamanha aptidão e efficiencia e muito tem feito pelo preparo profissional do Exercito, atravez das Escolas de Aperfeiçoamento e de Estado Maior, não completaria o seu grande papel si não deixasse fundada entre nós a *Escola de cavallaria*.

Precisamos, ao inicio, receber o impulso dos mestres.

E preciso que, vingado o criterio do estabelecimento de uma escola deste gênero, ponha-se em funcionamento uma engrenagem tanto quanto possivel perfeita.

Não é mais a época de nos pertermos em debates sobre melhores posições da montaria.

O assento, bem que questão primordial é um caso elementar, mesmo entre nós ora resolvido. O de que se trata numa escola de cavallaria, não é só de ensinar o equilibrio ao cavalleiro, de ensinar-lhe o trabalho do animal com bridão ou com freio, o trabalho á guia, o objecto das caçadas, o modo de se conduzir uma batalha, a marcha de resistencia, a esgrima a cavalo, a hyppologia, a ferraria — é tambem de levar os ensi-

namentos ao domínio da tactica, dentro nos preceitos regulamentares, de maneira que na prova final do curso, além de revelar qualidades especiaes de comando, numa conducta e criterio seguros, mostre o official a sua plena capacidade para o desempenho das missões referentes á arma, e em relação com o seu posto.

No quadro das exigencias das escolas do continente figura uma que constitue exactamente a parte mais delicada e ardua que se pôde commetter a um jovem official de cavallaria: a do comando de seu esquadrão em exploração.

A cavallaria differe, sobremaneira, das outras armas pelas missões de alto es्तylo que lhe são confiadas para a frente dos exercitos.

Não são missões em que o official fique diuturnamente sujeito á influencia de mando do chefe. Ao contrario, o exercicio delles requer qualidades de intelligencia, iniciativa e audacia muito particularmente desenvolvidas, sem o que não ha que esperar do seu desempenho em proveito das operações planeadas pelo commando.

A cavallaria si está, em relação a outras potencias americanas destinada a exercer um notavel papel em qualquer eventualidade, nunca seria sufficientemente encarecida a extensão da sua tarefa e a capital importancia della no quadro do nosso problema militar.

Nesse terreno ha muito que fazer ainda, e só alcançaremos chegar, com a oportunidade que nunca deve ser perdida de vista, á realização desse interesse maior, da defesa nacional, estabelecendo a doutrina, enquadrando-a num programma e tudo fazendo para comunicar em demonstrações praticas, seguidas, methodicas, a essencia della ao espirito dos jovens officiaes.

No Brazil, dadas a carencia de meios faceis de communication e a amplitude das zonas fronteiriças, á cavallaria estarão reservadas as mais delicadas missões, já propriamente como elemento de descoberta, já como potencia propriamente de fogo no sentido de acudir a esta ou aquella zona de invasão, impedindo ou retardando possiveis operações inimigas, já como um instrumento capaz, pela sua mobilidade, de irromper por surpresa no campo adversario onde haja necessidade de perturbar uma reunião,

destruir comunicações, abater o animo adversario.

Não se cuide que tenhamos o nosso problema resolvido com o curso de aperfeiçoamento das armas, onde apenas, pela carencia de tempo e meios adequados, os mestres podem retocar na superficie a mescla de conhecimentos dos alumnos, nem, tampouco, com o esforço produzido pelos officiaes nos respectivos corpos.

Uma *Escola de cavallaria* é um corpo de professores e instructores absolutamente confirmados no officio, com largos meios materiaes de acção, adaptações especiaes para os diferentes ramos do curso e não podendo dar instructores para os corpos, ou mestres para a propria escola, sem um aturado trabalho de dous annos, pelo menos.

Ao espirito do Sr. Ministro da Guerra não terá, certo, escapado o complemento da vasta obra a que se entregou e de cujo exito não ha mais duvidas.

A criação de uma *Escola de cavallaria* está a impôr-se, agora, e si complexa a apparelhagem de uma installação desta ordem, não seria fóra de proposito avançar que no mesmo Exercito temos proprios que comportariam uma adaptação immediata, embora incompleta a principio.

Fundada a Escola, e assim um centro de applicação, de instrucção, de informação, donde irradiam grandes proventos para os officiaes das armas montadas e os mesmos sargentos no grão necessário ás suas respectivas funcções, sem esquecer a fonte que elle seria de preparo e disseminação pelo Exercito dos ferradores habilitados — teria a alta administração da guerra satisfeito um urgente reclamo de opinião da nossa brillante officialidade.

Os beneficios d'ahi resultantes compensariam, folgalmente, todo esforço desta hora para levar avante tão util e necessário emprehendimento.

CAPITÃO PEDRO CAVALCANTI

Art. 7.º dos Estatutos. — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

O dia 11 de Novembro de 1918

Libertação! Independencia!

Duas palavras com sonoridades diferentes, evocando pensamentos irmãos, a que une um mesmo laço, feito de Liberdade conquistada.

Uma é a conquista, «a si mesmo», da liberdade politica, e de todas as liberdades ligadas ao exercicio do governo do paiz pelo paiz, das consciencias pelas consciencias, dos cidadãos pelos cidadãos... A palavra encerra um sentido completo:

Independencia!

A outra é a conquista, «ao inimigo», da liberdade de viver, do territorio nacional invadido e profanado pelos exercitos estrangeiros, dos milhões de vidas humanas, incertas até o presente momento, incertas no minuto e no segundo que hão de vir.

Existir-se-á, viver-se-á para qualquer cousa mais do que morrer! Tornar-se-ão a sentir as alegrias do lar, sem o estupor e a angustia! A actividade de um povo inteiro achar-se-á livre, e não submettida apenas a trabalhos de guerra e de morte! O pensamento se sentirá liberto do formidavel peso que o esmagava, na angustia da regressão aos tempos barbaros, que se suppunham passados para sempre... E' a independencia que se readquire!

Libertação!

A palavra por si só não exprime todo o pensamento. E' preciso completal-a: libertação do territorio nacional, libertação dos exercitos de terra e mar, exercitos da França e Belgica, da Inglaterra e Estados Unidos, da Italia e Portugal..., dos dois mundos; e, ainda, armadas de Inglaterra e França, da Europa e da America, dos Estados Unidos do Norte e do Sul, do Brasil...; libertação de todas essas forças, ligadas ao campo de batalha em que se jogavam a vida e a honra de seus paizes, ou que cruzavam as infinitas extensões dos oceanos, onde por toda a parte as vagas occultavam um perido inimigo...; libertação da actividade e do pensamento humanos, livres emfim para rumarem aos horizontes do Bello e do Bom, da Justiça e do Direito; libertação da propria civilização...

E tudo isso é o dia 11 de Novembro de 1918.

A partir de algumas semanas, a guerra havia mudado de aspecto; fóra da *zona rubra*, onde se estendiam posições sucessivas, regadas por tanto sangue; onde se amontoavam ruínas impossíveis de descrever, aldeias e cidades transformadas em montões de pedras e tijolos, em que apenas se percebiam os vestígios da civilização nas cruzes brancas dos cemitérios e nos pretençosos monumentos fúnebres, ante os quaes o inimigo se entregava ao culto dos seus mortos, — a natureza impassível revivia, a bella natureza da França, tão verde ainda nessa época do outono.

Ella revivia, mas ferida de que modo! As grandes árvores, orgulho das nossas estradas, martyrizadas, com amplos barris ligados a seus flancos, sob o pretexto de captar-lhes algumas gottas de chuva que escorriam de seus ramos e folhas. E a floresta millénaria de Signy-L'Abbaye, torturada, despedaçada em suas mais belas essencias, não pela cegueira das granadas, mas por uma scienza de exploração, preoccupada tanto em explorar como em destruir...

Quanto a culturas, viam-se sómente ás entradas das aldeias. Tinhamos a impressão extraña de que caminhavamos por logares outros, que não ruínas e trinchérias.

As herdades, junto a que se podia passar, erguiam-se perfeitas, tal como as aldeias, que em suas janellas ostentavam velhas bandeiras tricolores, mas que atravessavam por entre uma população singular, apenas de velhos e crianças, cujos olhos, cujos labios sorriam de alegria, mas cuja face chorava, no entanto, de tal modo uma especie de espanto; e timidez se lhes espandia de todo o ser. Timidez, consequencia desses abominaveis cinco annos de servidão, sob a bota de um vencedor brutal, exigente, insaciavel e iníquo, que tudo havia feito para inocular nessa população, que se obstinava em permanecer francesa, o sentimento de sua eterna escravidão; espanto, de rever os «seus» soldados! Porque esses soldados eram, desta vez, os seus; entre elles estavam os seus filhos e netos, dos quaes nada saíam desde tanto tempo... Mas, em 1914, elles haviam partido de uniformes que tinham a cor das papoulas sylvestres, e

agora voltavam vestidos de céu e horizonte, enquanto essa população escrava, submetida ás hordas inimigas, orava e esperava... Não seria o fervor dessas preces e esperanças que tinha vestido de azul os soldados da França, enfim reaparecidos?

A perseguição fazia-se atravez desse ambiente e um estado d'alma singular.

Os cavallos tinham retomado seus ló-gares na columna; as cozinhas rolantes marchavam com os batalhões e, á hora em que o apetite se tornava exigente, se a região era convidativa, a sopa fumegante enchia as gamellas profundas.

Durante a travessia da floresta de Signy-L'Abbaye, o General de Divisão a cavallo, seguido de seu estado maior, também montado, mandara dobrar a columna: isso parecia a todo mundo o mais singular anachronismo!

Demais, nenhum canhão, salvo muito longe, e sempre nosso. As metralhadoras, de tempos a tempos, num canto do horizonte, quebravam o silencio com seu tac-tac-tac intermitente... Realmente, para quem não estivesse na vanguarda, esta perseguição tinha o aspecto de uma marcha de paz. Começava a aborrecer.

Pensava-se que isso duraria assim até o Mosa, e que uma vez ahí, diante desse grande obstáculo, se travaria uma batalha como tantas outras. Isso se pensava, mas sabia-se que do outro lado do rio, em terras da Lorena, um formidável exército se lançaria no meado de Novembro. Seria elle que abreria o caminho para o Palatinado e para o Rheno. Não se previa o fim da guerra.

E pelo tempo que ella já durava, quem poderia mais perver que findasse algum dia...; terminaria daqui a dois, a tres dias, amanhã? O certo, o definitivo era que, desde então, a carnificina não se faria mais em terras da França; o solo frances não seria mais regado com o sangue de seus filhos; e deixaria de rasgar-se sob os projectis do inimigo e de cobrir-se de fios de ferro e de canhões. Era já a libertação do solo sagrado e o inimigo lançado fora da França!

Oh! as azas da Victoria! que sombra tutelar a sua, quente como o sol, vivificante como uma chamma! Não, o Mosa não seria um obstáculo; nem o Mosa, nem o Rheno!...

Na noite de 10, após um dia quasi monotonio de marcha, feito de alguns kilómetros percorridos duma assentada e de longas paradas, o Regimento approximou seus acantonamentos da zona da frente, onde operava a vanguarda da Divisão. Certamente, na jornada do dia immediato, ou do seguinte, a vanguarda attingiria o valle do Mosa; combatendo havia já alguns dias, soffrendo perdas, fatigada, sem duvida a hora da substituição tinha soado para ella, quando abordasse o grande obstaculo. O Regimento que a formava seria, então, substituido pelo nosso, e era a vez do Batalhão tomar o logar de honra, na testa mesma da vanguarda...

Mas novidades, grandes novidades nos chegaram: o pedido de armistício dos allemaes, as condições impostas pelo Marechal Foch, que nos pareciam tão formidaveis, tão duras, tão deshonrosas para um grande povo, que não podiamos admitir fossem aceitas... Assim, ir-se-ia até o Rheno!

E o exercito allemão, em plena derrota.

Hontem, em Harm-les-Moins, onde a grande estrada corta a transversal Norte-Sul do inimigo, mil e quinhentos wagons, carregados de material: canhões, projectis, automoveis, generos de toda ordem: farinha, chucrute, licores...; trens de bagagens, trens de encomendas individuais formadas com a pilhagem das casas francesas e onde se misturam os objectos mais desencontrados: estatuetas, lençóis fina, rendas; todo esse material caiu em nossas mãos, o inimigo mal teve tempo de incendiar ou de fazer saltar os trens, de que a maior parte ficou intacta.

O jubilo de todos é grande e a elle se une uma franca alegria; á noite, o Batalhão chega á aldeia de Charoué, afim de acantonar. Poucos kilometros mais adiante, encontra-se na margem do Mosa, ás portas de Charleville, o Castello de Bel-Air, onde o kronprinz estabeleceu sua residencia. De Charoué fizera elle a sua quinta, para ter á meza óvos frescos, avés gordas..., todo o necessário ao condigno suprimento de uma meza imperial... E ahí veio acantonar o Batalhão.

Um velho camponez das Ardennas recebe-nos, e a satisfação por sua alforria salta-lhe dos olhos, da voz, dos gestos... Elle quer que comamos os óvos do kronprinz, as gallinhas do kronprinz... A pa-

lavra kronprinz volvia-lhe á bocca a cada momento, parecendo que, ao pronuncial-a, elle exprime todo o seu desgosto, todo o seu horror...

«Ah! meus Senhores, diz elle por fim, nós não esperavamos fosse tão cedo!...

«Aqui, hontem, e mesmo hoje de manhã, os soldados recusaram obedecer aos officiaes, maltrataram-os, arrancaram-lhes as insignias, sem que nenhum se revoltasse, meus senhores; todos uns poltrões.

«Alguns soldados ficaram até a chegada dos vossos, depois partiram. Parece que o kronprinz quiz falar do terraço de Bel-Air aos que passavam, já sem chefe; foi vaiado, meus senhores, vaiado o kronprinz; os soldados lançaram-lhe pedras; e o kronprinz desapareceu, o kronprinz...»

Estamos nós, realmente, no fim do horrivel pesadelo?

Ao amanhecer do dia seguinte, 11 de Novembro, o Batalhão está formado, prompto a partir. Previa-se o movimento sómente para as 8 horas, mas parece que todo o mundo tem pressa de agir, ha uma febre de accão... Manhan cheia de silencio e, no entanto, estamos apenas a alguns kilometros do Mosa. Então, que, o inimigo não defendia a passagem, do rio?

Oito horas, nove horas. Grupos de 75, a cavallo, passam em direcção á vanguarda.

E, para nós, nenhuma ordem... Que se passará? Continúa a não se ouvir nem canhão, nem metralhadoras. Não será a parada ante o obstaculo previsto do Mosa, de que nos separa uma grande extensão de floresta? Esperemos...

Mas, que pôde fazer um soldado nesta situação?

Depois de ter esperado tanto, a ordem de partida, se chegar, não será seguida duma execução immediaata... Aproveitemos os ultimos minutos para uma boa refeição! Ordem ás cozinhas rolantes para distribuirem uma refeição quente. E nós, á meza, para as ultimas gallinhas do kronprinz!

O repasto prolonga-se... e nenhuma ordem.

Em pouco, meio dia.

Emfiim, que se passa no caminho? Um vozerio, suspenso logo que chegamos á porta de nosso albergue... Os artilheiros

que passaram esta manhan em direcção ao Mosa, fazem meia volta e caminham em sentido contrario...

Que se passa?

«Meu commandante, parece que a guerra está terminada!»

«Pensas tu?», pergunta um, em tom de pilheria, manifestando a mais firme, a mais absoluta duvida.

«Os artilheiros, responde outro, dizem que está terminada, que tiveram de fazer meia-volta. Terminada desde onze horas...»

E cada qual interroga... Eu me apresso em recommendar todos se previnam contra as falsas notícias, sobretudo aquella, tão enganadora...; em breve, não se ouvia mais que cochichos.

«Parece que terminou... mas não é possivel...»

Ninguem quer acreditar, não se anima a crer que tenham terminado todas as misérias da guerra; o medo do dia seguinte, o dever de bater-se... Tornar a ser um homem como os outros, isto é, como os outros que não se batem, que têm mulher e filhos, um campo para cultivar... uma aldeia, que dormem em cama e vivem em casas! Ninguem se quer convencer de uma causa tão espantosa... Pensae, porém, que ha cinco annos isso dura...

E nós, officiaes, que pensamos?

Exactamente as mesmas cousas...

Emfim, cerca das 13 e meia, ou das 14 horas, escoltado, empurrado pela maior parte dos *poilus*, o cyclista do coronel transpõe a minha porta: o agente de ligação, portador de grandes novidades... Eu imponho silencio.

«Meu commandante, o Coronel manda dizer que o Batalhão fica aqui, onde acantona!»

«Acantona aqui? Mas, por Deus, que se passa então?»

«Não sei, meu commandante, parece que está terminado! Parece que os *boches* não querem mais, que fraternizam com os *poilus* na vanguarda...»

Nós nos entreolhamos. Sentimos vontade de nos abraçarmos. Mas, não se trata ainda de uma ordem, uma informação que vem pela boca dum qualquer cyclista do Coronel.

Verdadeiramente, tinham-n'os estragado o mais grandioso momento da guerra e da Historia.

Desde 11 horas, o armistício estava concluido.

Algumas horas depois, recebiamos a proclamação do General Gamelin

9.ª Diisão de Infantaria. P. C. em *Fournes*, 11 de Novembro de 1918, 10 (dez) horas.

A' 9.ª Divisão.

Officiaes, sargentos, soldados!

Meus camaradas de combate!

O armistício está assignado!

As hostilidades serão suspensas esta manhan, a partir de 11 horas.

A Victoria termina em Gloria imortal para a França e seus Exercitos.

Todos vós, que combatéis ha mais de quatro annos, deveis sentir-vos orgulhosos da vossa obra, particularmente vós, soldados da 9.ª Divisão, que, desde 17 de Julho, sem vacillar um instante, atacaes e perseguiis o inimigo sobre mais de 125 kilometros.

Na hora do triumpho, pensae nos nossos mortos, tombados valentemente pela Patria.

Conservae, por toda parte, uma perfeita disciplina. Foi ella, foi a confiança em vossos chefes que nos asseguraram o exito. Será ella que fará a grandeza da França, na Paz como na Guerra.

(a.) M. Gamelin.

Naquelle momento, nós comprehendiamos que o eixo da humanidade retomava o seu lugar e que a civilização continuava (1).

TENENTE-CORONEL BARRAND

Prof. de Inf. da Escola de Estado Maior

(1) Paraphrase ás palavras que Blasco Ibanez põe na boca de seu Herr Professor, na vespera da declaração da guerra: «l'axe de l'humanité se déplace et la véritable civilisation va commencer.»

(Les 4 cavalliers de l'Apocalypse).

GENERAL MAISTRE

Desapareceu mais este grande vulto da Grande Guerra

«General Maistre, commandante do 6.º Exercito — estatura média, rosto redondo, phisico forte, trato affavel e simples... sólido de igual resistencia».

São estas as rápidas anotações tracadas em minha caderneta quando, em agosto de 1917, tive a honra de sentar-me á sua meza, no seu Q.G. em Belleu. A meu lado encontrava-se o General Buat, então commandante da R.A.L. (reserva de artilharia pesada), actual Chefe do Estado Maior Francez.

Recordo o almoço cordial, desrido de ceremonias e de discursos. Antes, o general Maistre nos demonstrará, esboçado num plano relevo, a situação do seu exercito. Em curtas palavras, bosquejára as acções de abril e maio, com as quaes se firmára na charneira do esquadro desenhado pela frente de operações.

Relembro a completa posse de si mesmo, o desembarço com que se revelava senhor do assumpto, o bom senso de que se revestiam as suas apreciações singelas. Recapítulo-as.

Em abril de 1917, os allemães dominavam a margem N. do Aisne, cujo curso é sensivelmente E.O.; ocupavam, entre outras posições, o forte de Condé e as alturas que commandam Soissons.

A offensiva franceza foi concebida de forma a atacar simultanea em dois pontos: por Vailly, o assalto foi dado sobre 6 km. de frente, pelo 1.º Corpo colonial; o 6.º Corpo atacou a N. de Soissons; as posições eram formidaveis e resistiram aos primeiros choques. Mas a ameaça, sobre os flancos aconselhou o inimigo a evacuar, a 21 de abril, a região proxima ao forte de Condé; conservou-se, no entanto, em Laffaux, organização defensiva soberba, que poude suportar efficazmente o bombardeio francez. A concentração de artilharia sobre esta posição fôra intensa: nada menos de 11 grupos de artilharia pesada, entre os quaes 2 baterias de 220, diversas de 155, 120 e 105, além de 15 grupos de art. de campanha, convergiram fogos sobre uma frente de 2 a 3 km.

A 5 de maio, o violento ataque de uma brigada de couraceiros a pé, (4.º, 9.º e

11.º regimentos — general Brécard) ameaçou mais uma vez o flanco allemão que, abandonando Laffaux e um trecho da linha Hindenburgo, recuou de 2 km.

Essa famosa linha era composta de abrigos betonados nos postos avançados; a previdencia germanica determinará essa construcção com larga antecedencia: os contractos haviam sido passados com empreiteiros civis (entre outros, a celebre casa Bolz, de Munich); a mão de obra, fornecida por elevado numero de prisioneiros; uma rede ferroviaria especial permittira o transporte de materiaes, entre os quaes avultavam o ferro e o cimento.

O que o general Maistre não nos quiz, nem podia dizer, nessa occasião, era a intensa preparação de um novo ataque, sómente realizado dois meses mais tarde: o que permittiu a progressão até o Ailette, na vitoriosa offensiva de outubro, cujo resultado foi a evacuação total do Chemin des Dames.

A excursão que nos permittiu fazer a um deposito central de munições, era de molde a fornecer indícios elucidativos; esse deposito ficava em Ciry, á margem do Aisne, em terrenos baldios, convenientemente aterrados, ao lado da E. de Ferro de Soissons a Reims. A formidável tonelagem exigia desdobramento de ramaes e desvios: numerosas plataformas destinam-se ao desembarque da artilharia e do material necessário ao empedramento das estradas. O macadam era de importancia quasi igual ao das munições: o efectivo das tropas empregadas nos trabalhos de estradas, só no 6.º Exercito, attingia o de 3 brigadas, cerca de 18 mil homens, isto é, approximadamente a um quinto do seu efectivo.

O schema do deposito comprehendia, como sistema arterial, duas vias normaes (1,40) de abastecimento, as numerosas pistas (estradas de rodagem) para autocaminhões e a ferrovia de 0,60 que ia ter ás primeiras linhas.

Essa rede de bitola estreita fôra construída em tres meses, desde junho, e alcançava um desenvolvimento de 220 km. As pistas eram formadas por series de troncos de arvores, religados por arame e recobertos por areia e terra.

Basta á, para formar idéa do desdobramento das vias ferreas no deposito, dizer que só de bitola estreita, existiam 7 km. de linhas, necessarias á descarga e arrumação nas numerosas plataformas.

E mistér se fazia tão longa e minuciosa preparação, para abastecer a artilharia que desencadeou sobre o campo adjacente ao forte de Malmaison, o violento *Trommelfeuer* de 21 e 22 de outubro. Tres Divisões francesas, cerca de 60 mil homens, foram empenhadas nessa operação — a frente de ataque de cada Divisão orçava por 1600 a 1700 m. Na zona ocupada pelas 1.^{as} posições alemães e que se pode calcular em 1 km. de profundidade, foram lançados cerca de 3 milhões de granadas, das quais um terço, *seguramente, de calibre superior ao 75*: em certos trechos avalia-se tenha caído um projectil por 2m².

Sabe-se que as perdas alemães foram avaliadas em 40 a 45 mil, ao passo que as francesas não ultrapassaram 6 mil. O avanço foi de 5 km. A operação permitiu reduzir a frente. Montada e preparada com summo cuidado, realizou-se sem um senão.

O general Maistre desempenhou outras funções de mais destaque, de maior brilho que a do commando do 6.^o Exercito: sucedeu a Fayolle na coordenação das operações na Itália, commandou o grupo de exercito do centro na avançada de 1918. Mas o seu florão de glórias está nesse preparo lento, methodico e minucioso da victoria de Malmaison, que honra o trabalho do seu estado-maior e firmou o renome do chefe do 6.^o Exercito.

CORONEL MALAN

O fracasso do "Friedens Sturm"

15 de Julho de 1918

A data de 15 de Julho de 1918 é, sem contestação, uma das mais assinaladas na grande guerra. Ella recorda, não só uma bella victoria, — a victoria da Champagne, onde quinze divisões alemãs de elite viram o seu impeto quebrar-se, em menos de um dia de combate, diante da magnifica resistencia do 4.^o Exercito frances —, mas tambem, e especialmente, o momento da ruptura definitiva do equilibrio, que devia acarretar a derrocada alemã.

Desde os primeiros dias de Junho, as diversas informações colhidas, tanto pelos reconhecimentos proximos e afasta-

dos da aviação, como pelas 2.^{as} Secções do 4.^o Exercito e do G.Q.G., permittiam concluir a possibilidade de uma vasta offensiva na frente da Champagne. Os aviões photographos, apesar do cuidadoso mascaramento do inimigo, revelavam a criação de novas estradas e pistas, de depositos de munição, de installações sanitarias, de vias de bitola estreita. O serviço de interpretação das photographias aereas chegou a seguir, dia a dia, esses progressos, determinando a data approximativa, a partir da qual a preparação offensiva da frente inimiga estaria terminada e, segundo o numero e a superficie dos depositos de munição, a importancia provavel do ataque.

Em vão, para illudir, desenvolveu o inimigo, em outros lugares da frente, uma actividade desacostumada nas retaguardas: o commando não podia mais duvidar, o 4.^o Exercito ia receber a formidavel marrada, trombeteada pelos grandes cheffes alemães em suas ordens do dia, esse Friedens Sturm que não mais prometia a Fritz desabusado as festanças em Paris, mas simplesmente a volta rapida para junto de sua Gretchen. — Assim, enquanto a aviação proseguia em seus reconhecimentos e suas missões photographicas, o general commandante do Exercito tinha dado ordem para executarem-se sortidas (coups de main) em toda a frente. Importava, com effeito, fazendo prisioneiros, seguir as menores modificações nos depositos das grandes unidades inimigas. — De 28 de Junho a 10 de Julho, essas investidas foram numerosas e fructiferas e jamais, na memoria dos interpretes, os prisioneiros se mostraram tão amavelmente lóquazes. Todos declararam o ataque iminente, sem poder, sem duvida com pezar, fixar-lhe ainda os limites e a data.

A 7 de Julho, o general commandante do Exercito se dirigia, nos termos seguintes, aos soldados franceses e americanos do 4.^o Exercito:

«Podemos ser atacados de um momento para outro.

Vós todos sentis que jamais uma batalha defensiva foi travada em condições mais favoraveis! Estamos prevenidos e em guarda. Fomos poderosamente reforçados com artilharia e infantaria. Combateis num terreno que transformastes, por vosso trabalho obstinado, em fortaleza temivel, invencivel se todas as suas pas-

sagens estiverem bem guardadas. O canhão será terrível; vós o supportareis sem fraquejar; o assalto será rude, sob nuvens de poeira, de fumo e de gazes; mas vossa posição e vosso armamento são formidáveis. Em vossos peitos batem corações bravos e fortes. Ninguém olhará para traz; ninguém cederá um passo. Cada um só terá um pensamento: matá-los, matar muitos, até que elles tenham recebido o bastante. Eis por que vosso general vos diz: «vós quebrareis esse assalto, e teremos um bello dia».

Gouraud.

A partir de 10 de Julhô, a situação se precipita; os prisioneiros alemães, melhor esclarecidos, dão-se ao prazer de nos informar: o ataque deve realizar-se a 14 ou 15, o mais tardar a 16. A frente de ataque deve estender-se a toda a zona do 4.º Exercito, até á *Main de Massiges* inclusive, a Leste.

Desde então, todas as noites, as tropas tomavam suas posições de combate, de acordo com o plano de defesa; de modo a não ter de executar movimentos durante a preparação do inimigo.

Preparou-se uma posição intermediaria, para a qual se transferiu a resistência, sendo mantida a primeira posição apenas por fracos elementos, destinados a desassociar o ataque, — os destacamentos de observação, deixados nas proximidades do inimigo tendo por missão assignalar-lhe a partida.

Uma numerosa artilharia de reforço, em novas posições, admiravelmente mascarada, aguarda a enxurrada inimiga para se revelar. — De seu lado, o G. Q. G. escalonou, ao Norte e ao Sul do *Marne*, divisões e agrupamentos de automoveis, promptos a entrarem em acção, se fosse necessário.

A 14 de Julhô, pelas 21 horas, um destacamento do 336.º Regimento de Infaria, sob as ordens do tenente Balestier, executa uma sortida feliz nas linhas inimigas, que fornece ainda 27 prisioneiros. Todos declaram que o ataque está decidido para 15 pela manhã: a preparação de artilharia deve começar á meia noite e dez, e o assalto será dado ás quatro horas e vinte.

Por essas informações, que lhe são imediatamente transmitidas, o general Gouraud dá, ás 23 horas, ordem de exe-

cutár a contra-preparação offensiva a partir de 23 h. 30 m. Um formidável bombardeio começa do nosso lado e cae sobre as tropas inimigas que se organizam, enquanto que a artilharia alemã não sabe como responder a todas essas baterias, não assignaladas, que não figuram sobre as cartas do sector.

Para a 4.ª Secção, a hora é angustiosa. Por medida de precaução, desde um mez se tinha transportado para o Sul do *Marne* as provisões de munição, existentes nos grandes depositos do Exercito, não ficando ao Norte do *Marne* senão o correspondente a 5 dias de fogo; ora, a contra-preparação em questão representa mais de um dia, cuja substituição, a ordem sendo imediatamente dada, necessitará, pelo menos, 16 horas. — Se o ataque se desencadear como está previsto, tudo irá bem; mas se o inimigo o retardar apenas por algumas horas, não se correrá o risco de ficar com pouca munição? Assim, quando, á meia noite e dez, uma enorme marmita, enviada por alguma corpulenta Bertha, veio explodir em *Chalons*, a poucas centenas de metros do Quartel General do Exercito, foi recebida com alegria. Tudo vai bem, elles atacam. Com efeito, a preparação começou. E' um alarido espantoso, o solo treme e todo o horizonte está em fogo.

Todos os quartos de hora, a Bertha desperta, á recordação dos habitantes de *Chalons*, enquanto uma ronda ininterrupta de aviões vêm derramar sobre elles alguns kilos de explosivo. A's 4 h. e 20 m., a infantaria inimiga sahe de suas trincheiras e lança-se ao assalto, precedida de uma barragem rolante, que se desloca segundo horario. Tudo corre, então, como tinha previsto o commando frances, cada orgão desempenhando perfeitamente o seu papel.

Os destacamentos de observação indicam a partida do ataque, os elementos avançados dos batalhões de primeira linha detêm e desassociam o inimigo, enquanto nossa barragem, executada sobre a linha dos reductos da 1.ª posição, cahe como saraiva sobre ás vagas de assalto inimigas que, abandonadas por sua barragem rolante, que continua na progressão, se vem chocar de encontro á nossa posição de resistencia, sem estarem cobertas por sua artilharia.

Na frente do 4.º Corpo, a Oeste (163.º, 124.º e 132.º divisões), a pressão do in-

migo é muito forte; senhor dos montes de *Moronvillers*, elle se obstina em querer realizar uma abertura. Duas divisões da Guarda são lançadas contra a frente da 124.^a D. I.; esta fica inabalável. — No centro, o 21.^o Corpo de Exercito (170.^a, 13.^a e 43.^a divisões) sofre o assalto de sete divisões inimigas, os tanks apoianto esse assalto. Mas, as tres divisões do 21.^o Corpo, ajudadas pelos elementos da 42.^a Divisão americana e duma Divisão de Caçadores, a 46.^a, mantêm magnificamente sua linha de resistencia; uma certo numero de tanks é destruído por nossas peças *ante-tanks*, outro salta sobre nossas linhas de torpedos, o que detem o impulso dos ultimos.

A situação pôde resumir-se nesta parte dum commandante de companhia a seu chefe de batalhão:

«Na minha companhia tudo vae bem; todo mundo resiste soberbamente; o Boche, de todo açaimado, está sendo morto.»

A Leste do Exercito, na frente do 8.^o Corpo, sómente a 161.^a Divisão soffreu o esforço allemão; o reducto do *Mesnil*, violentamente atacado, resiste galhardamente a todos os assaltos; a *Main de Massiges*, voluntariamente evacuada, será ocupada desde a tarde de 15.

A's onze horas, a batalha está já francamente ganha por nós; as perdas inimigas são enormes, o *Friedensturm* fracassou, tudo se vae resolver dahi em diante por acções isoladas.

Ao meio dia, o 4.^o Exercito, apesar de seus protestos, vê serem-lhe retiradas pelo G. Q. G. duas divisões postas na vespresa á sua disposição, assim como todo um agrupamento de automovel. Sem perder um minuto, o Marechal Foch vae passar á contra-offensiva. Chegou a hora de Ludendorff «arrumar sua trouxa».

Tal foi a phisionomia geral desse bello dia. A extensão da derrota allemã pôde ser avaliada tanto por meio dos recursos postos em acção, como pelos objectivos visados pelo commando inimigo.

A frente do 4.^o Exercito devia ser rota entre o outeiro do *Mesnil* e *Prunay*, pelo esforço combinado dos 1.^o e 3.^o Exercitos allemães. — No 1.^o Exercito, os agrupamentos Lindequist, Gontard e Lan-

ger deviam, por uma conversão, tomar a direcção de Sudoeste, transpôr o *Veste* e lançar-se até o *Marne*, operação essa ligada á que o inimigo executava a Este de *Dormans*, na direcção de *Epernay*, para fazer cahir toda a região da *Montagne de Reims*. — Todas as divisões empenhadas eram excellentes unidades, treinadas a fundo na batalha de ruptura e tendo já tomado parte nas offensivas anteriores.

Em resumo, a offensiva allemã, na frente da *Champagne*, comprehendia: 1.^o, dois ataques principaes: o primeiro ao centro, orientado de Norte ao Sul, direcção *Chalons*; o segundo a Oeste, orientado de Nordeste a Sudoeste, objectivo — o *Marne*, a juzante de *Chalons*; 2.^o — um ataque secundario, cobrindo a Este os dois primeiros.

Tratava-se de tomar *Reims*, *Chalons*, *Epernay*, nos dois primeiros dias da batalha. — A 15 de Julho, á tarde, a desillusão era grande.

A 16, o General commandante do 4.^o Exercito dirigia a seus soldados a seguinte ordem do dia:

Soldados do 4.^o Exercito!

No dia 15 de Julho, quebrastes o esforço de quinze divisões allemãs, apoiadas por dez outras. Ellas deviam, segundo as ordens recebidas, attingir o *Marne* á tarde; vós as detivestes completamente, por toda parte onde quizemos travar e ganhar a batalha. Tendes o direito de vos sentirdes orgulhosos, heroicos infantes e metralhadores dos postos avançados, que surprehendes o ataque e o desassociastes; aviadores que o ultrapassastes, batalhões e baterias que o rompestes, Estados Maiores que tão minuciosamente soubestes preparar o campo de batalha. E' um golpe serio no inimigo; um bello dia para a França. Eu conto com vosco, para que o mesmo se dê cada vez que o inimigo ouse atacar-vos, e de todo o meu coração de soldado vos agradeço.

Gouraud.

Alguns dias mais tarde, uma magnifica citação em ordem do Exercito, lida com orgulho por todos aquelles que tiveram a honra de servir sob suas ordens, veio recompensar o vencedor da *Champagne*.

«Vossa personalidade domina a batalha», escreveu-lhe a 21 de Julho o General Foch, generalissimo dos exercitos aliados, ao que elle teria podido responder como outr'ora Desaix «eu baterei sempre o inimigo, enquanto fôr amado por meus soldados».

CHAVANE DE DELMASSY

Professor de Cavalaria da Escola de Estado Maior

A criação do quadro technico

«Precisamos trabalhar com calma para descobrir a existencia e extensão dos nossos males, reconhecendo-os abertamente e atacando-os com vontade inflexivel,»

Roosevelt

«A especialisação é a base do aperfeiçoamento.»

L. S.

«A existencia de um optimo quadro technico é a maior necessidade de um exercito moderno, pois que a scienza constitue a base da actividade industrial militar.»

P. F.

Repetir, repetir e repetir sempre para convencer, constitue a unica figura de rhetorica util, na opinião de Bonaparte. Mas, é necessaria certa habilidade que me fallece, para dizer coisas velhas sem que o pareçam, enganar em summa o espirito adverso, com roupagens novas, sedutoras e brilhantes, arrastando-o para o nosso campo, fazendo-o esposar as nossas ideas.

Fallar da necessidade de um quadro technico, destinado a evitar a eterna aprendizagem em que vivemos, perdendo tempo e maltratando esforços, já na tropa, já nos serviços technicos, é inutil, pois, evidentes, claros e palpaveis são os fructos do pessimo systema, a que já denominei de uma feita, *o da omnisciencia*. Já demonstrei á luz meridiana em diversos numeros desta mesma Revista, que se impõe de modo ineluctavel a criação do quadro de technicos no Exercito, pelas seguintes razões, adduzindo na occasião grande copia de argumentos para provar a minha these:

- a) — Como uma applicação da lei da divisão do trabalho — a especialisação —;
- b) — como uma necessidade do aperfeiçoamento do trabalho e de sua real efficiencia;
- c) — como uma necessidade e manifestação de ordem;
- d) — como a unica possibilidade de organizar-se a tropa sem desorganizar a technica;
- e) — como o primeiro passo para a real efficiencia da nossa industria militar;
- f) — como grande e util progresso a introduzir na organisação da nossa machina de guerra;
- g) — como a maior das economias reaes feitas pela Nação;
- h) — Como o meio adequado e proprio para termos um corpo de technicos na verdadeira accepção da expressão.

Agora, neste artigo, procurarei demonstrar que urge a criação do quadro technico *como a lição maxima da Grande Guerra*.

A guerra europea, que transformou por completo os classicos processos de guerra com o emprego de meios materiaes inesperados, não podia deixar incolume quanto havia de arbitrario e incoherente na collaboração da industria na guerra. E uma das questões postas em fóco foi justamente a necessidade de um quadro technico. Todos os problemas encarados só tiveram solução apôs meditado estudo pelos technicos dos diversos paizes em lucta. E, notemos de passagem, que esses paizes tiveram a inaudita felicidade de encontral-os, pois se tratava de paizes de alto grão de desenvolvimento industrial. Que dificuldades invenciveis, num paiz de industria embryonaria, como o nosso, não encontraria quem pretendesse conseguir essa collaboração?

Devemos relegar para plano secundario a improvisação, temel-a mesmo, pois que a mais simples previdencia arrastanos para as soluções meditadas e calmas, preparadas nos lazeres da paz, nos largos annos de calma e estudo. O problema da mobilisação industrial civil e militar de um paiz é dos mais sérios que conheço, dadas as multiplas relações e complexos liames que ha entre os diversos elementos industriaes. Na ultima guerra ganhou fó-

ros de postulado que não se luta com homens contra o material.

O notável general francez Hirshauer um dos organisadores da aviação francesa, declara: «o machinismo é uma consequencia da forma da guerra moderna que por em accão todo o potencial industrial e economico da nação.»

Desta sentença infere-se logo a importancia real do problema e a capacidade especializada que é necessaria para dar-lhe solução completa e perfeita. Compreende-se facilmente que em plena guerra, quando as relações economicas e commerciaes do paiz estão abaladas, não se pôde ficar á mercê de experiencias duvidosas de tentativas esperançosas, que muita vez se convertem em dolorosos desastres.

O exercito em luta péde, e péde com urgencia, munições de toda a ordem, e toda a especie de materiaes de que precisa instantemente. As soluções não podem ser de occasião e ás pressas. E' necessário que o paiz esteja apparelhado. As importações do estrangeiro cessam ou diminuem de importancia. Como conseguir-se alguma cousa de aproveitável se não houver um quadro de technicos organisado desde o tempo de paz?

Como produzir os elementos materiaes se não houver um corpo de technicos que tenha estudado a mobilisação industrial militar e a collaboração imprescindivel da industria civil?

Porque, é preciso que se saiba, não me canço de repetir, em paiz algum é possível que os Arsenaes e fabricas do Estado produzam tudo o que um exercito em campanha precisa.

E' premente a necessidade de estudar a possibilidade da industria civil do paiz auxiliar a guerra. Como fazel-o sem um quadro de technicos organizado?

Devemos, de uma vez para sempre, afastar de nossa mente a illusoria ideia de que a capacidade de producção de nossos Arsenaes e Fabricas officiaes, por maior vulto que attinja, seja sufficiente para fornecer a enorme quantidade de munição que um exercito moderno consome. Portanto, devemos pensar, e pensar seriamente, na imprescindivel collaboração para esse mistér, da industria civil. Mas, como conseguir e aproveitar esse precioso auxilio se desde o tempo de paz o Governo não a vier favorecendo com uma sabia legislação? E' claro que os premios estimuladores e as acquisições

devem ser inspirados num plano de conlecto, partindo dos technicos as sumoestões. Assim, na industria dos explosivos, já temos no paiz como mercedoras do inimigo official a *Runturita* e a *Cheddita*. Como protegê-las? De modo pratico, á americana, comprando-lhes annualmente um certo numero de tone'adas dos respectivos explosivos para emprego em minas militares, em obras a fazer no Ministerio da Guerra, etc.

Por outro lado denois de certo numero de annos, obrirando-os a empregar toda a materia prima de origem nacional para poderem gozar de outros beneficios.

Para essa nacionalisação dos elementos bellicos, convem que o Estado dê o exemplo salutar empregando sómente materia prima do paiz. Não devemos contar com a importação estrangeira em caso de guerra; naturalmente, o nosso inimigo provavel impedil-a-ha por via maritima.

Ha uma serie interminavel de providencias e auxilios que o Estado pôde empregar, afim de incrementar a industria civil onde existir, de crê-a onde fôr necessaria. Assim, por exemplo, cito este, entre muitos outros, para simplificar a tarefa da Fabrica de Cartuchos e Artefactos de Guerra, conviria que o latão militar de que precisa aquelle estabelecimento industrial, fosse preparado pela industria civil, mediante um sistema intelligent de auxilios do Governo.

A's Fabricas deve ser dada ampla liberdade, sua organisação deve se assemelhar á da industria civil. As rendas devem ser applicadas por longos annos em seu proprio beneficio até sua completa organisação.

Depois desta serie de artigos que tenho escripto propugnando pela criação do quadro technico (Q. T.) parece-me que não pôde haver mais duvidas no espirito de alguém sobre a premente necessidade dessa providencia. Como remate ao que tenho expendido, dentro de pouco tempo iniciarei um interrogatorio junto de todos os espiritos que se interessam patrioticamente pelo assumpto para conhecer as ideas dominantes quanto ao modo de recrutamento dos Officiaes para o mesmo quadro. Na mesma occasião farei uma ligeira apreciação critica do Decreto n. 13.451 de 29-1-919.

Na ordem das necessidades da nossa machina de guerra occupa a criação do

Q. T. logar de maior destaque do que outras já satisfeitas.

Ao illustre General Chefe da Missão Militar Franceza deve ter impressionado mal o encontrar um paiz como o nosso, com industria militar relativamente floriente, sem um quadro de technicos, onde os que têm desempenhado essas funções durante longos annos podem ser chamados á tropa de um momento para outro. Estava terminado este artigo quando me chegaram ás mãos, enfeichadas em elegante folheto e, com a seguinte expressiva dedicatoria, as brilhantes conferencias realizadas pelo engenheiro de polvoras da Missão Militar Franceza, Sr. Niccoletis, na E. E. M.: «en affectueux hommage au camarade et ami Pericles Ferraz avec l'espoir d'arriver à la réalisation de notre désir commun la *création des cadres techniques* au Brésil!» Na ultima da serie, sob o titulo «Le probleme des armements au Brésil», aborda o autor o problema dos quadros technicos com verdadeira superioridade e põe em relevo a premente necessidade de sua criação.

Logo no inicio das conferencias cita o memoravel discurso de 16 de Maio de 1921, em que o Marechal Foch mostrou o desenvolvimento consideravel e quasi ponderante que deviam attingir os serviços technicos no exercito de amanhã.

Diz ainda o technico francez: «La guerre, qui était autrefois une lutte entre des soldats de métier, est devenue une bataille de nations: les hommes valides dans la tranchée, le reste de la nation dans les mines, tous travaillent pour la guerre». O griffo é meu, para realçar a idea.

E' ainda da citada conferencia: «C'est pour quoi je vois planant au dessus de toutes les autres problèmes de la défense nationale d'un pays les questions de l'aviation et des services techniques.

Mostrando a necessidade da organização dos serviços technicos, diz o mestre francez: «Il y a gros intérêt à construire en temps de guerre, mais en temps de guerre seulement, des usines de poudres et d'explosifs. Ces usines, dont la plupart sont difficilement utilisables en temps de paix doivent du reste être amorties pendant les hostilités. Pour permettre le fonctionnement rapide de ces usines il faut que soient préparés dès le temps de paix les plus détaillés de leur exécution et de leur mise en marche. Cela exige un travail de préparation complète: projects

détaillés, contracts pour la réquisition des matériaux de construction et des matières premières sur les stocks et les produits de certaines industries, mobilisation du personnel, etc.»

«Toutes ces études préparatoires nécessitent un personnel de spécialistes formés en temps de paix, des services techniques régulièrement organisés.»

Essas considerações do technico francez vêm demonstrar que me assistia completa razão na lucta que venho travando em prol da criação do Q. T.

CAPITÃO PERICLES FERRAZ

Considerações sobre a evolução dos principios de emprego da Artilharia, segundo a experiência da ultima guerra.

O titulo acima é por demais pomposo para o modesto estudo que vae seguir.

Semelhante assumpto forneceria matéria para volumosas obras; elle já foi tratado muitas vezes, depois da guerra, por palavras mais autorisadas do que as nossas.

Esta exposição tem por fim lembrar-vos, commentando resumidamente, os principios do emprego da artilharia, taes como eram admittidos no fim da guerra. São aquelles mesmos que encontrais no Reg. n.º 13, II Parte — «Emprego da Artilharia em campanha e no combate». Estes principios não são inteiramente novos, pois já figuravam antes de 1916 nos regulamentos dos diferentes exercitos, mas sofreram uma evolução profunda, de acordo com as experiencias dos combates, o aumento dos meios, os progressos da technica e a organização da arma.

Esta evolução resultou do conhecimento mais profundo, em todos os escalões, do que se podia e devia pedir á artilharia, sobretudo á revelação da potencia esmagadora do fogo, quando elle se manifesta por concentrações poderosas de projectis de todos os calibres.

A leitura attenta, que nunca seria demais recommendar-vos, da introdução ao Reg. n.º 13, II Parte, mostra claramente quaes são os grandes principios que determinam o emprego da artilharia na batalha.

A *potencia dos fogos* é o factor predominante do exito; essa potencia de fogo se eleva, ao maximo, pelo emprego de concentrações poderosas de projectis de todos os calibres, violentas e desencadeadas de surpresa; essa maneira de empregar os fogos necessita uma *concentração de meios*, que se deve procurar sempre realizar, nos limites permitidos pelo funcionamento seguro das ligações com a tropa a apoiar.

E' bom sublinhar que a concentração dos meios não deve despertar nenhuma ideia de concentração de posições de baterias, e sim a de organizações tacticas, na mesma zona de terreno, sujeitas ao mesmo commando.

Até ao fim do terceiro anno da guerra, a opinião geral nos exercitos belligerantes era que um ataque, antes de ser desencadeado com alguma probabilidade de exito, tinha de ser preparado pela artilharia, que devia realizar uma destruição tão completa quanto possível de todos os orgãos materiaes da defesa:

Material da artilharia inimiga;

Orgãos de protecção (abrigos, trincheiras, etc.);

Obstáculos (arame farpado).

Este modo de preparação vizava sobretudo obter, em primeiro lugar, e quasi que exclusivamente, effeitos materiaes.

Ora, tal resultado exige tiros de precisão muito prolongados, necessitando obrigatoriamente uma longa preparação. Eis o que explica as preparações de muitos dias (ataque frances a 16 de Abril de 1917, quatorze dias), que exigiam consumos fabulosos de munição.

O defensor, mesmo, não era directamente atacado, admittia-se que as destruições systematicas dos obstáculos materiaes o desgastariam igualmente. Ora, o resultado não foi attingido senão raramente, porque o defensor, na zona da frente, furtava-se aos effeitos do tiro, utilizando abrigos subterrâneos, extremamente profundos, de muitas saídas; na **zona da retaguarda, o pessoal da defesa** era levado mais para traz e ahi abrigado completamente dos tiros. Os processos de tiro empregados, então, excluiam por completo a surpresa; o fim da phase da preparação era anunciado pelo redobramento do tiro, seguido de uma pausa para proceder ao ajustamento dos tiros de acompanhamento e de protecção. A **defesa, prevenida** dessa ma-

neira, despertava seus defensores em linha e approximava suas reservas.

O espaço de que dispomos nesta Revista não nos permite expôr as razões que demonstram que este processo de ataque não podia dar resultados definitivos no caso: a ruptura da frente fortificada e a exploração do exito na zona não fortificada. Recommendamo-vos, a este respeito, a leitura da ultima obra do coronel Roger «L'Artillerie dans l'offensive».

Era um grande erro considerar-se a **preparação de um ataque apenas sob o ponto de vista essencialmente material**, desdenhando, por assim dizer, o defensor, armado de seus engenhos de fogo.

O elemento capital da defesa é, sem duvida, o defensor; a fortificação ou o obstáculo só tendo valor se são defendidos por homens.

Se, por um processo qualquer, se chegassem a destruir ou, pelo menos, a neutralizar o defensor, a tornal-o incapaz de se servir de suas armas, a transposição dos obstáculos accumulados, ou a tomada da organização defensiva seria relativamente facil.

A preparação de um ataque deve, então, garantir-se principalmente quanto á destruição ou neutralização do defensor.

A partir do fim de 1917, e sobretudo do começo de 1918, uma mudança progressiva se esboçou, no sentido que indicamos acima.

De commun acordo, os exercitos belligerantes abandonam as longas preparações estereis, para buscar, primeiro a surpresa estratégica (preparação apenas de algumas horas), depois a surpresa tactica (preparação de alguns minutos e, mesmo, nenhuma preparação).

Esta evolução profunda provinha da apparição de novos meios que permitiam, de certo modo, desprezar a complicada rede de orgãos de protecção e de obstáculos accumulados dos dois lados, durante os tres primeiros annos da guerra, para encarar sómente o ataque ao proprio defensor.

Estes meios novos vós os conheceis: são os *tanks*, o emprego intensivo dos gazes asphyxiantes e, por ultimo, as concentrações violentas, poderosas e repentinhas, na preparação do ataque, a lucta

contra a artilharia e o acompanhamento das tropas incumbidas da accão.

A efficacia do primeiro processo que se tinha manifestado esmagadora, desde sua apparição, diminuira no fim da guerra; o effeito moral produzido no defensor provinha, principalmente, da novidade desse engenho, estranho para o infante allemão, que lhe tinha horror.

Deve-se prever que sua efficacia será muito limitada nas operaçoes futuras, *graças aos meios de defesa especiaes*, aplicados no fim da guerra e aperfeiçoados *após o armisticio de 1918* canhões, fossos, armadilhas e lucta de tanks.

O segundo conservará sempre um certo valor, *apezar dos meios de defesa* utilizados (máscaras protectoras, apparelhos respiratórios especiaes), seu emprego devendo ser levado em consideração, porque, a despeito dos compromissos internacionaes subscriptos pela maior parte das nações, todos os exercitos mundiaes continuam, actualmente, as pesquisas tendentes a aperfeiçoejar esta arma de guerra.

Resta-nos examinar o terceiro processo, que não é propriamente uma revelação da guerra: a *potencia dos fogos*, que sobretudo empregados em *concentrações* era o fundamento principal da doutrina de guerra de todos os exercitos, antes de 1914. Como o assumpto tinha dado lugar a numerosas controvérsias entre artilheiros, — muitos de vós leram, certamente, o livro do general Fayolle (hoje marechal) «*Concentration de feu et concentration de moyens*», de 1913.

Se a efficacia desse processo veio confirmar-se, notadamente no fim da guerra, foi, como já dissemos, *graças aos aperfeiçoamentos introduzidos*, nessa época, no material da artilharia em serviço, ou á apparição de material novo, caracterizado por uma rapidez de tiro, alcançada em todos os calibres, por uma grande potencia, um grande consumo e, sobretudo, pela facilidade de poder desencapear tiros de efficacia de dia ou de noite, mediante regulação prévia, *graças á organização topographica* do terreno, aos dados meteorologicos fornecidos aos commandantes de bateria, á *regimage* dos canhões, e ao conhecimento, pelos interessados, das informações fornecidas pela *classificação dos lotes de polvora*.

Como, e por que meio este terceiro processo de ataque permite realizar o anniquilamento de todo o espirito de lucta por parte do inimigo? E' o que vamos tentar *pôr em evidencia*, comparando-o com o antigo processo de tiro, lento e methodico.

E' necessário examinar esta comparação sob o duplo ponto de vista: material e moral.

EFFEITOS MATERIAES

Acabamos de vêr que, se os tiros de preparação do ataque vizam unicamente a destruição dos órgãos passivos, deixam o defensor livre para subtrahir-se, em grande parte, a seus effeitos materiaes, e que as perdas soffridas são pequenas, sobretudo relativamente á quantidade de munição gasta.

Para assentar ideias, tomemos um exemplo numerico: admittamos que a preparação se faça sobre um ponto de apoio, organizado e ocupado por uma companhia de infantaria. Fixemos em 300 os tiros de canhão, de todos os calibres, empregados na preparação do ataque desse ponto de apoio. 300 tiros serão lançados lenta e methodicamente, visto como se trata de um tiro de destruição, observado após cada disparo.

A experiência da guerra mostra o que valem os primeiros tiros lançados com o fim de surprehender o pessoal e causar-lhe perdas.

A preparação do ataque segundo o processo de *concentração de fogos*, consistia em realizar desses 300 tiros por muitas baterias, que atiravam simultaneamente, durante um tempo muito curto, tres minutos no maximo.

Tendo em vista o mecanismo adoptado, esse tiro em massa cobre instantaneamente todo o ponto de apoio, sem que nada tenha podido prevenir, com antecedencia, os ocupantes, afim de se guardarem.

O effeito material de semelhante tiro sobre os órgãos passivos da defeza não é desprezivel, mas não se pôde comparar ao effeito do tiro de destruição, methodico e observado.

Mas, se encararmos agora os resultados materiaes sobre os defensores, a vantagem passa incontestavelmente para o tiro em massa.

Não se poderia avaliar, por nenhuma approximação, os effeitos materiaes no pessoal; são elementos não traduziveis em numeros, se bem que certos. Por exemplo, pôde-se afirmar que os homens não attingidos por estilhaços, devem estar, na quasi totalidade, seriamente cegos, surdos, asphyxiados; que estão todos completamente desorientados e, por consequencia, expostos aos effeitos materiaes do tiro, enquanto elle durar.

Se compararmos agora os dois processos da preparação, do ponto de vista dos effeitos moraes, as vantagens recahem todas do lado do tiro de concentração.

EFFEITOS MORAES

Que os tiros de artilharia exerçam influencia sobre o moral daquelles que lhes estão submettidos, quem quer que tenha feito a guerra não pensará contestar.

Mas, uma mesma tropa procede de maneira variavel, de accordio com seu estado material e moral de momento: as fadigas e privações, o valor profissional e moral dos quadros, impressões de exitos ou revezes recentes, a situação ambiente local ou geral, fazem variar entre afastados limites a capacidade e a duração da resistencia moral, que essa tropa pôde oppôr ás causas exteriores e momentaneas de depressão, a que ella está submettida.

Assim, a avaliação do poder e da duração do effeito moral, escapam á analyse, e a prova de que os resultados procurados serão attingidos só pôde ser encontrada no estudo dos factos da guerra.

A preparação do ataque, baseada na destruição dos orgãos passivos e do material das baterias da defesa, era forçosamente muito lenta, deixava, como dissemos acima, o defensor em liberdade para subtrahir-se, em grande parte, aos seus effeitos materiaes e moraes.

Pôdem esses tiros, pelo menos, e independentemente das perdas que occasionarem, agir muito efficazmente sobre o moral do inimigo, de forma a anni-quillar nelle toda a vontade de lutar? Está claro que tiros poderosos e preciosos não deixam de abalar seriamente os nervos da infantaria.

Mas, sua accção deprimente é muito attenuada pelo facto da tropa que cahe sob sua accção ahi não permanecer encerrada sinão durante pouco tempo, e conservar a consciencia de que se pôde libertar.

Os effeitos moraes produzidos nos elementos activos da defesa pelos tiros de destruição ficam, pois, até certo ponto limitados, e algumas vezes, mesmo, inexistentes. Além disso, serão, em parte, compensados pelos effeitos da mesma natureza, produzidos em o assaltante pelos tiros de contra-preparação.

Si encararmos agora a preparação e o apoio do ataque baseados sobre o effeito moral por acções compactas e de curta duração, vemos que o effeito moral do tiro sobre o defensor inimigo é consideravel.

Como acima dissemos, os defensores que soffrem um tiro de concentração, ainda mesmo que escapem aos effeitos mortíferos do fogo, estão pelo menos sob o effeito d'uma forte depressão nervosa que anesthesia, durante um tempo apreciavel, as capacidades combativas de cada um d'elles.

A avaliação deste tempo depende do julgamento individual da parte d'aquelles que fizeram a guerra.

Parece não ser exagerado pretender que esse resultado momentaneo deva manter-se, pelo menos, durante meia hora a partir da origem do tiro.

Ha uma efficacia desta concentração igualmente muito importante, — é a ruptura dos laços tacticos entre a tropa submettida ao tiro e o commando.

Esta ceifa geral do ponto de apoio atacado, realizada desde o primeiro segundo e mantida durante tres minutos, supprime não só toda orientação, mas ainda toda observação, toda ligação, toda participação, todo commando!

E' sob esse ponto de vista capital que se pôde garantir a deslocação, a dispersão momentanea da capacidade combativa do ponto de apoio.

Si a infantaria inimiga se achasse então disposta, a cinco minutos do trajecto por exemplo, disporia para a tomada da posição do dito ponto de apoio de 15 a 20 bons minutos, no curso dos quaes teria a superioridade, correndo pouco risco da parte de gente tão neutralizada.

Uma das provas mais convincentes do efeito moral dos tiros de massa reside no facto do numero elevado de prisioneiros que eram capturados no curso de ataques apoiados por sua acção.

O Coronel Roger, em seu livro «A artilharia na offensiva» cita o exemplo typico do ataque do caminho ôco de *Clery* a *Meauripas* por occasião da batalha do *Somme* (Agosto e Setembro de 1916).

Este caminho ôco, que detera o ataque francez de 18 de Agosto, estava guarnecido de profundos abrigos abertos nos taludes. Tres ataques successivos, executados depois de uma preparação methodica de artilharia pesada, foram detidos por fogos de metralhadoras que desimaram os assaltantes no momento da abordagem. As photographias tiradas dos aviões depois de cada preparação mostravam, entretanto, um terreno completamente removido.

Um quarto ataque foi executado a 3 de Setembro, depois de uma preparação, que consistiu n'um tiro de massa de 75 e 155 curto (no total de 8 grupos), d'uma duração de alguns minutos, seguida immediatamente do ataque de infantaria. O caminho ôco foi tomado sem resistencia alguma e com perdas minimas para a infantaria assaltante. Em compensação, numerosos corpos allemaes atestavam a efficacia do tiro de concentração, e o restante dos defensores foi capturado nos abrigos.

Os prisioneiros feitos no caminho caracterisavam suas impressões por esta phrase: «*Não ha nervos para resistir a semelhante provação*». Esses prisioneiros pertenciam aos regimentos *Augusta Alexandra*, *Elisabeth*, *Franz*, isto é, á elite das tropas prussianas; elles haviam resistido, sem hesitar, a todos os tiros de destruição precedentes e ás barragens rolantes.

N'um proximo artigo veremos a applicação deste processo nas differentes accções da artilharia no curso de um ataque:

- Preparações e apoio do ataque.
- Protecção do ataque.
- Accções sobre a artilharia inimiga.

TENENTE CORONEL PASCAL
Professor de Artilharia na E. E. M.

Autos-metralhadoras de cavallaria

A ultima guerra européa poz em grande evidencia os serviços prestados por essa nova arma de que a cavallaria vem de ser dotada.

Não sómente no combate, mas tambem na sua phase complementar, os serviços prestados pela nova arma se tornaram dignos de menção, como veremos pelos dois exemplos seguintes:

Engajamento de uma secção de ante-metralhadoras de cavallaria em ligação com a infantaria

O 17.º grupo de auto-metralhadoras de cavallaria, posto á disposição da 128.ª D. I. franceza, recebeu, a 30 de outubro de 1918, ordem de avançar para *Vive-Saint-Eloi* (croquis n. 1), posto de comando da infantaria divisionaria.

A's 16 h., a secção do tenente Dessenne foi posta ás ordens do 2.º batalhão do 168.º R. I., em *Indelklock*, afim de apoiar na manhã seguinte o desembocar desse batalhão sobre *Droogenboom*, onde estavam assignalados os nínhos de metralhadoras.

A's 5 h. 30 m. do dia seguinte, a secção foi reunida atrás do aterro da via ferrea (base de partida da infantaria), perto da estação de *Droogenboom*.

A infantaria franceza não pôde desembocar sob o tiro das metralhadoras inimigas, de modo que os auto-metralhadoras tiveram de intervir. Vencendo uma violenta barragem de obuzes toxicos, as tres viaturas transpuzeram a passagem de nível e tomaram á sua conta as metralhadoras allemaes, que se achavam a uns 150 ms. a leste da via ferrea.

Deante das viaturas blindadas, os metralhadores allemaes fugiram, ficando, porém, alguns mortos e outros prisioneiros.

Entre os mortos, estava um official allemao, alcançado a queima-roupa pelo rewólver do chefe da viatura auto-canhão, e entre os prisioneiros o tenente-commandante da companhia.

Depois disso, o tenente Dessenne voltou á linha de partida para informar a infantaria e levou consigo para *Droogenboom* o pessoal do 168.º R. I.

Attingindo a encruzilhada N.E. de Droogenboom, a secção impeliu um liegeiro posto pela estrada de De Lieve-Dochter, e a uns 800 metros, mais ou menos, elle capturou duas lança-bombas, cujos serventes se renderam á apparição dos blindados.

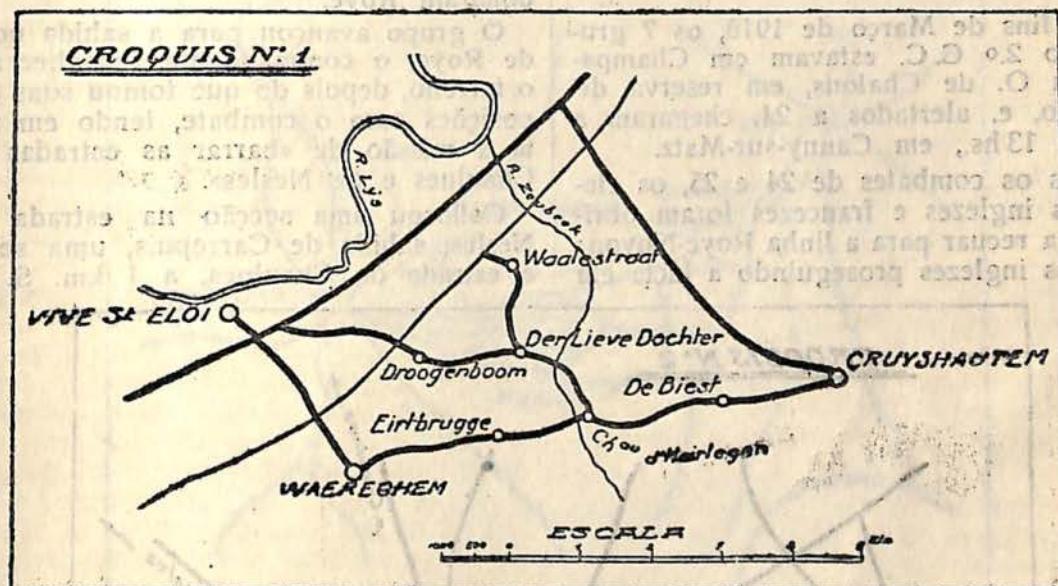
Elementos do 169.º R. I. chegaram então á altura dos auto-metralhadoras e puderam proseguir sua marcha sobre De Lieve — Dochter.

Os autos blindados voltaram a Drogenboom (20 minutos após sua partida da via ferrea) e transpuzeram a orla sul do povoado, o tenente Dessenne informando que os alemães se haviam retirado.

Avisado, o pessoal do 2.º batalhão do 168.º R. I., que seguia á distancia os autos-metralhadoras, tomou conta da bateria e dos pílioneiros.

Perseguindo o adversario na direcção de Biest, a secção, á entrada do povoado, metralhou duas atrelagens de artilharia que se preparavam para fugir, capturando as 2 peças de 105, cuja guarnição se rendeu, e 2 «minen».

Não podendo conduzir esse material, o tenente avisou por um agente de ligação ao 169.º R.I., confiando-lhe os prisioneiros e o material capturado. Nesse momento, o tenente Dessenne percebeu na cota 40 algumas dezenas de alemães em fuga, de modo que ordenou o fogo. Surpresos, elles agitaram logo a ban-



Orientando depois sua secção sobre o eixo Waereghem — Cruyshantem, transpõe rapidamente a distancia Waereghem — Chateau d'Herleghem.

De um lado e de outro da estrada, os metralhadores alemães abandonaram suas peças e se renderam á secção, logo que elle se apresentou. Nada mais vendendo deante de si, o tenente Dessenne decidiu transpôr o «chateau» e alcançou o massiço florestal de Hérleghem.

Os blindados avançaram rapidamente e chegaram exactamente no momento em que 1 bateria de artilharia allemã atrelava as peças e procurava escapar-se; conseguindo metralhar o pessoal e os animaes e apossar-se de toda a bateria.

deira branca e se deixaram aprisionar, sendo confiados ao 168.o R.I., que os enviou para a retaguarda.

Continuando depois, a secção conseguiu abrir caminho á infantaria até ás orlas oeste de Cuyshantem.

Como se viu, durante essas operações o 17.º grupo de autos-metralhadoras capturou:

1 bateria de 77 completa;
2 canhões de 105 atrelados;
4 minen;
2 cosinhas-rolantes e varias viaturas;
mais de 60 prisioneiros;

além de haver destruído varias metralhadoras inimigas.

O exemplo citado talvez seja um caso especial, em que os auto-metralhadoras, ligadas a elementos de infantaria, desempenharam o papel de cavalaria divisionaria e o de carros ligeiros, as equipagens das viaturas blindadas tendo procurado entusiasticamente ser úteis ás tropas com as quais agiram.

Contudo, elle poderá ser reproduzido, convindo notar que, mesmo agindo em ligação estreita com a infantaria, a secção conservou uma certa liberdade de accão e obteve um exito admirável sobre o moral do adversario.

Engajamento de um grupo de autos-metralhadoras isolado

Em fins de Março de 1918, os 7 grupos do 2.º C. C. estavam em Champagne, a O. de Chalons, em reserva de exercito, e, alertados a 24, chegaram a 25, ás 13 hs., em Canny-sur-Matz.

Após os combates de 24 e 25, os elementos ingleses e franceses foram obrigados a recuar para a linha Roye-Noyon; mas, os ingleses proseguindo a lucta em

retirada na direcção de Amiens, estabeleceu-se uma brecha na linha de batalha entre a ala esquerda francesa e a direita ingleza.

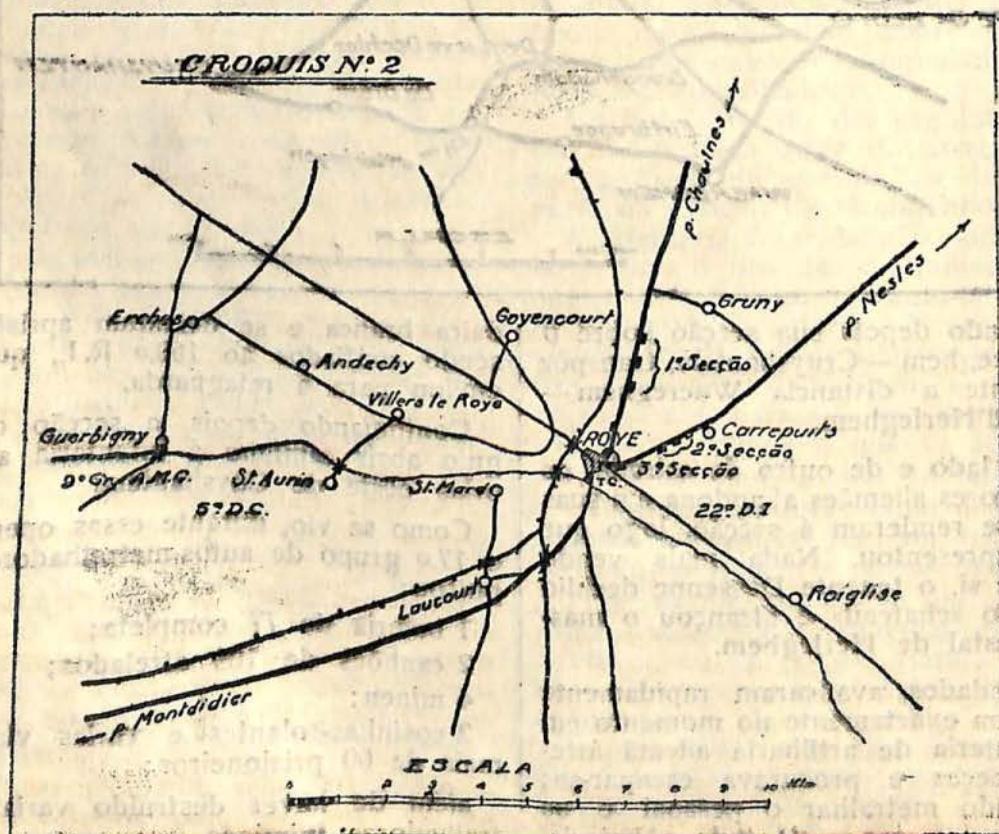
Os grupos de autos-metralhadoras foram empregados para taparem a brecha até á chegada de reforços.

A's 21 hs. de 25, o commandante do 8.º grupo de autos-metralhadoras recebeu do 2.º C. C. ordem de «avançar de Canny-sur-Matz a Roye, com a missão de barrar as estradas de Roye-Chaulues e Roye-Nesles»; enquanto os outros grupos recebiam missões analogas em outros pontos da frente.

A's 23 hs., o 8.º grupo chegou a Roye, sem incidente. Os ultimos elementos ingleses, em retirada para S. O. abandonaram Roye.

O grupo avançou para a saída norte de Roye, o commandante reconhecendo o terreno, depois do que tomou suas disposições para o combate, tendo em vista a missão de «barrar as estradas de Chaulues e de Nesles».

Collocou uma secção na estrada de Nesles, saída de Carrepuit, uma sobre a estrada de Chaulnes, a 1 km. S. da



encruzilhada de Gruny, ficando a 3.^a em reserva, na encruzilhada de Roye.

Às 2 hs. da manhã, todos estavam a postos, as ligações tendo sido realizadas apenas a leste, com alguns elementos da 22.^a D. I., em Carrepuis, pois que a oeste os inglezes batiam em retirada.

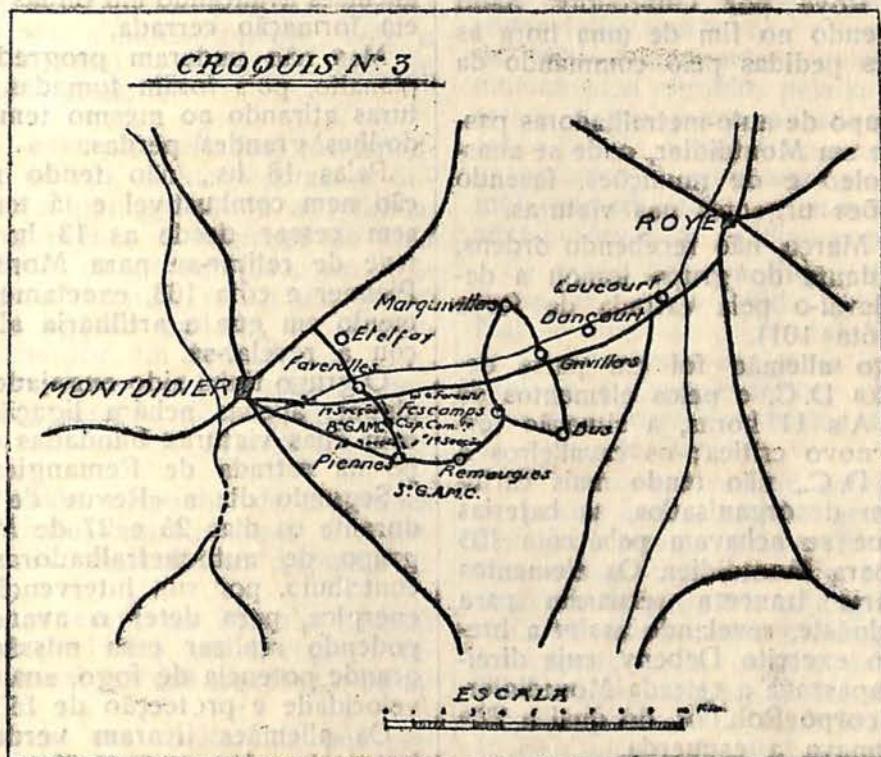
Horas depois, soube-se que o 9.^o grupo havia sido destacado para as passagens do Avre, mais a sudoeste.

As secções de 1.^a linha iniciaram o combate às 4 hs., os alemães desembocando em colunas, precedidas de algumas patrulhas, da região de Gruny.

longo da via-férrea, atingindo, a leste, Carrepuis. As duas secções recuaram então progressivamente para a encruzilhada, onde a 3.^a secção, que mantinha a saída norte da cidade, começou a combater contra os infantes alemães, que procuravam penetrar nas primeiras casas.

O combate durou 2 horas, às 10 o grupo batendo em retirada para o sul de Roye, visto seu comandante ter pretendido que ia ser contornado por oeste e por leste.

Quando a ultima viatura, na encruzilhada de Roye, ia romper o combate e



As viaturas blindadas, ligeiramente mascaradas por árvores, abriram fogo de surpresa contra os alemães, a 600 ms., mais ou menos, estes estacando, desenvolvendo-se depois e deitando.

Não podendo avançar e comprehendendo que os defrontavam os auto-metradoras, os alemães appellaram para sua artilharia, que entrou em ação, os blindados passando a agir, então, por vae-vens repetidos e rápidos, afim de subtrahirem-se aos tiros de artilharia.

Às 8 hs., os alemães começaram a bombardear Roye e a esgueirarem-se ao

atiou quasi a queima-roupa contra os alemães que se esgueiravam ao longo das casas, um obuz caiu no motor da viatura, matando o sub-official chefe da viatura, ferindo o comandante da secção e parte da equipagem.

O comandante de outra secção, vendo o acidente, protegeu pelo fogo, atirando contra os infantes alemães, conseguindo salvar os feridos e as peças da viatura posta fóra de combate.

O grupo atravessou a cidade rapidamente e foi para a saída sul, depois de ter sido engajado sózinho desde 1

hora da manhã até às 11. Mas, faltando-lhe combustível e munições, elle avançou pela estrada de Montdidier, onde encontrou elementos da 5.ª D.C., que acabavam de chegar e iam engajar-se na região de Saint-Mard.

A's 6 hs., o commandante da 5.ª D.C., que precedera sua tropa em automóvel, chegou a Roye e pediu ao commandante do 8.º grupo de autos-metralhadoras para reconhecer a região a O. de Roye, onde pretendia engajar sua divisão.

Um dos blindados que guardavam a encruzilhada partiu com um official, atravessou Goyencourt, Damery, Erches e chegou a Roye por Guerbigny, Saint Mard, trazendo no fim de uma hora as informações pedidas pelo commando da 5.ª D.C.

O 8.º grupo de auto-metralhadoras passou a noite em Montdidier, onde se abasteceu de óleo e de munições, fazendo as reparações urgentes nas viaturas.

A 27 de Março, não recebendo ordens, o commandante do grupo tomou a decisão de levar-o pela estrada de Roye (Foustil, cota 101).

O avanço alemão foi em parte detido pela 5.ª D.C. e pelos elementos de infantaria. A's 11 horas, a situação tornou-se de novo crítica; os cavaleiros a pé da 5.ª D.C., não tendo mais cartuchos, foram desorganizados, as baterias inglesas que se achavam pela cota 105 recuando para Montdidier. Os elementos da infantaria francesa recuaram para oeste e sudoeste, revelando assim a brecha entre o exercito Debony, cuja direita não ultrapassava a estrada Montdidier-Roye, e o corpo Robillot, do qual a 22.ª divisão formava a esquerda.

O capitão, com sua viatura de ligação, avançou até a altura de Fescampe e percebeu os primeiros elementos alemães que desembocavam de Grivilliers. Voltou para seu grupo e deu a seguinte ordem: O grupo vai estabelecer-se sobre o planalto Faverolles-Piennier para deter a progressão alemã: 1 secção ao norte de Piennier no caminho que segue para a cota 101, 2 secções no caminho Faverolles-Piennier, o capitão ficando na viatura do centro.

O grupo tinha apenas 8 viaturas, e em torno delle mais ninguém; apenas alguns cavaleiros a pé do 22.º de dra-

gões, que se retiravam para o sul sem munições.

Percebiam-se a binóculo os alemães atravessando a estrada de Roye e penetrando no bosque (cota 99).

A's 13 horas, os alemães procuraram desembocar do bosque de Fescamps, mas, logo que elles ficaram ao alcance das peças, o grupo abriu fogo, detendo a progressão delles.

A's 14 hs., o commandante do grupo foi ferido mortalmente quando procurava regular o tiro, sahindo em pouco fóra da blindagem.

O grupo continuou a combater até 18 horas sob as ordens do imediato, os alemães avançando em ondas successivas, em formação cerrada.

Mas não puderam progredir sobre o planalto, pois foram tomadas por 8 viaturas atirando ao mesmo tempo, causando-lhes grandes perdas.

Pelas 18 hs., não tendo mais munição nem combustível e já tendo atirado sem cessar desde as 13 hs., o grupo teve de retirar-se para Montdidier, por Piennier e cota 103, exactamente no momento em que a artilharia alemã começou a revelar-se.

O grupo tinha sido engajado sem apoio algum, apenas achára ligação á direita com duas viaturas blindadas do 3.º grupo na estrada de Remangier.

Segundo diz a «Revue de Cavalerie», durante os dias 25 e 27 de Março, o 8.º grupo de auto-metralhadoras francesas contribuiu, por sua intervenção rápida e energica, para deter o avanço alemão, podendo realizar essa missão pela sua grande potencia de fogo, sua mobilidade, velocidade e protecção de blindagem.

Os alemães ficaram verdadeiramente impressionados com o tiro do canhão 37 sobre suas vagas de assalto, estas se dispersando e retrogradando a cada projectil que cahia, dada a magnifica precisão e regulação do tiro.

Nesse engajamento do 8.º grupo em Roye ressaltou uma das mais notáveis qualidades de autos-metralhadoras de cavalaria — sua mobilidade estratégica.

Em 24 horas, os grupos do 2.º C.C. puderam, com seus próprios recursos, transportar-se de Champagne para o Avre, intervindo em tempo útil.

Na verdade, a rede de estradas, excelente na região de Roye-Montdidier, permitiu que o grupo cumprisse facilmente

sua missão, o seu commandante sabendo aproveitar-se disso para engajal-o nas melhores condições, dirigindo-o sempre pessoalmente.

Esse engajamento de um grupo «inteiro» pôde ser citado como exemplo.

A 26 de Março, 2 secções estavam em 1.a linha, cada uma sobre um eixo, a 3.a provendo a segurança dellas, á retaguarda, o carro de reabastecimento e uma parte das viaturas de ligação ao sul de Roye e o commandante n'uma viatura blindada com as secções engajadas.

A 27 de Março, o grupo se engajou em um planalto descoberto, não temendo ser cortado á retaguarda; as tres secções se engajaram simultaneamente, sob o commando pessoal de seu chefe, que ahi morreu gloriosamente.

Os dois exemplos citados correspondem, como se vio, a duas operações diferentes — a perseguição e a retirada.

O 1.º representa o emprego de uma secção agindo na perseguição, em ligação com a infantaria; o 2.º um grupo de A. M. C. agindo isolado, na protecção de elementos em retirada.

Na época em que taes factos se passaram, a organisação dos auto-metralhadoras de cavalaria em França era a seguinte:

Cada Divisão dispunha de 2 grupos mixtos de autos-metralhadoras e autos-canhões de 37; cada Corpo dispunha de 2 grupos.

As viaturas eram de chassis Renault ou Pengeot (18 H. P.), de direcção a retaguarda, inversores das marchas e pneumáticos.

A blindagem era constituída por placas de aço especial de 5,5 m. m., á prova de balas allemaes normaes á distancia de 100 ms., e o peso da viatura, em ordem de marcha, era de 3.900 kgrs.

O grupo de combate de campanha de 3 secções, cada secção tendo 2 viaturas auto-metralhadoras e 1 auto-canhão, aquelles armados de metralhadora Hotchkiss e transportando 8.000 cartuchos, e estas armadas de canhão 37 semi-automatico e transportando 400 projectis.

O grupo era commandado por um capitão, as secções por tenentes, a guarnição das viaturas se compondo de 1 sub-official e 3 soldados.

CAP. NILO VAL.

Em defesa de nossa lingua

O snr. coronel Derougemont, director de estudos da E. E. M., teve um gesto que merece ser registrado aqui, por se tratar da defesa de nossa lingua, effectivamente maltratada algumas vezes por aquelles que nacionalisam inadvertidamente termos escusados.

O rebate é justissimo. Os povos têm o dever de defender o cabedal precioso de sua lingua, com o mesmo ardor exigido pela defesa da propria terra. Dir-se-á que nem todas as nações dispõem de um instrumento proprio com que exprimam suas idéas. Não se pôde, de facto, contestar isso; mas o que é verdade, antes de tudo, é que sejam quaes forem os monumentos erguidos pela sua civilisação, sejam quaes forem as suas conquistas, faltar-lhes-á uma literatura de traços apropriados a perpetuar, no que ha de mais característico, as suas sciências, os seus heróes e até as suas artes.

Se o uso de uma lingua que não é a nossa, por mais polida que seja, é um mal — como se pôde classificar o facto de introduzirmos em nossa lingua termos exóticos e desnecessarios, arriscando-nos á mesma sorte dos tristes constructores da torre de Babel?

E' isso o que sempre comprehenderam os povos fortes, mesmo quando attingidos pela mesma praga. E' isso o que vem sendo observado em França, onde actualmente pullulam os anglicismos, provenientes do contacto prolongado de tantos povos e da guerra de trincheiras. Tambem lá o rebate já foi dado. A esse respeito, lê se na L'ILLUSTRATION, de 15 de Outubro de 1921, um trecho muito significativo, em que é commentado o gesto do professor J. Truffier, que «n'a pas craint d'affirmer avec horreur que la pure langue de Victor Hugo e de Racine s'était muée en un vague jargon anglo-montmartroise».

O nosso caso é, porém, muito mais grave que esse que se registra em França depois da guerra. De roldão com os barbarismos, vêm os solecismos mais reprovaveis.

Neste particular, a collecção é muito rica, desde que se leiam as numerosas traduções em que se condensam as novas doutrinas. Apezar de ser a lingua portuguesa assás difícil, exigindo longos es-

tudos da parte de quem queira escrever sofrivelmente — especie de sabedoria chinesa, de misterios diffíceis de contemplar — ha erros que só o descuido do revisor pôde permitir que sejam estampados, mas que são, no fim de contas, levados injustamente á conta dos traductores. Não é difícil encontrar, em conferencias traduzidas, expressões indefensaveis como estas:

«Sobre um terreno de combate ainda não limpo, elle (o fuzil) junca o sólo, *encontra-se-o* por toda etc.» «Se do ponto A não se vê o ponto B etc.»

Desde que cada qual revisasse o que traduz, muitos e muitos erros não seriam estampados. Não são poucos. Mas, como este artigo não tem a intenção de apontar todas as inconveniencias de se jaez, basta que para elas chame a atenção dos interessados.

Eu, como todos os que trabalham para a imprensa, tenho as minhas queixas dos senhores typographos e dos revisores, sociedade que por mais de uma vez contra mim tem conspirado. Um dia em que quiz fazer bonito, escrevi, com todas as letras de soffivel calligraphia, a phrase: deusa pagã.

O typographo, não sei como, impingiu-me est'outra: dansa de pagão! Foi um par de botas, com o qual só esteve de acordo... o revisor.

Deixado de parte este campo vastíssimo, digno não obstante de todos os cuidados, voltemo-nos para o melhor de nossa seára, para os gallicismos que tanto deformiam o nosso fallar actual.

Comecemos recordando algumas noções bem conhecidas.

Historicamente, a língua francesa influiu muito na formação da nossa. Data do casamento do conde francês D. Henrique de Borgonha com a filha de Affonso VI de Castella, quando «as correntes poéticas da França vieram despertar o primeiro movimento litterario de nossa língua». (*Grammatica Expositiva do Curso Superior*, de Eduardo Carlos Pereira). Remonta, pois, esse primeiro surto ás origens da nacionalidade portuguesa. Depois disso, não mais cessou essa influencia de se manifestar, quer pela ascendencia litteraria, quer pela ascendencia científica. Essa «infiltração» deu-se, consequentemente, em todos os domínios, inclusive na tecnologia militar. Ali estão

os termos pret, comboio, tambor, coronel, bonet, etc., como panno de amostra.

Outros, como escalão, têm todas as apparencias de uma filiação latina, quando são, de facto, gallicismos. Caldas Aulete filia-o ao latim *scala*, mas a verdade é que o vocabulo passou, de 1800 para cá, por uma metamorphose bem significativa. De «echelão» que era, e que bem demonstra onde o fomos buscar, passou a escalão, que é a forma actual.

Mas, hoje em dia esses termos e outros semelhantes não podem ser condenados. De intruzos que eram, passaram a ser pessoas de casa, incorporados á nossa língua, onde vivem na melhor harmonia com os termos oriundos do velho português.

Alem dos gallicismos lexicos, acima commentados, ha os chamados gallicismos syntacticos, de que apenas se escoimam, automaticamente, os estylos superiores.

Desta especie ainda ha, como se dá com a primeira, duas classes, conforme se trate de phrase accepta como logica pela maioria dos escriptores, ou de phrase escandalosamente arrancada á língua francesa.

Nesta ultima especie é muito difficult distinguir o joio do trigo, enquanto que na primeira as dificuldades são muito menores. Por isso mesmo não se justifica a importação desenfreada de termos estrangeiros, com a pretenção de substituir os velhos termos bons, tal qual não se justificaria a substituição do nosso sangue por outro qualquer, fosse este o mais puro sangue da mais viçosa das raças.

O nosso patriotismo está a exigir que «barremos» esta passagem, não com tiros de peça ou terra removida, mas com argumentos justos.

Comecemos pelo *engajamento*, a que se referem os nossos actuaes regulamentos. Este termo, aliás de origem francesa, porem de acceptação antiga, tem uma significação que não pode ser alterada: contracto de uma praça de pret para servir por novo prazo, isto é, depois de ter servido uma primeira vez.

No entanto, os novos regulamentos adotaram o mesmo vocabulo para designar a primeira phase de um combate, phase em que os elementos que marcam na frente lançam-se na luta para preparar e facilitar a intervenção posterior dos elementos mais importantes, que

marcham atrás. O traductor, se não se deixasse guiar pela forma material da palavra francêsa *engagement*, certamente teria traduzido: combate de vanguarda, combate preparatorio, ou cousa que o va'ha.

Esta phase do combate não é uma novidade; a novidade é o nome por que foi baptisada. Para ficar certo disso, basta ler o regulamento anterior, na parte relativa ao combate de encontro.

Outro termo que não parece acertado é o tal «desbordamento», que aliás já era conhecido entre nós (e repudiado) antes da chegada da missão militar francêsa. Desbordar, se não fosse um gallicismo, séi lá um neologismo desnecessário. Apresenta mesmo a singularidade de ser um verbo intranzitivo a que se obriga a mudar de categoria e a admittir objecto directo: «A D. C. vae desbordar o inimigo pelo Norte». É possível contestar que tal verbo, sendo sinónimo de trasbordar, pode admitir esse complemento, como no exemplo citado por Aulete: «O líquido trasborda o copo». Mas, é necessário comparar os numerosos exemplos citados pelo referido autor e estabelecer a relação numérica que ambas as formas guardam entre si. Ver-se-á facilmente que o uso desse verbo como tranzitivo não é recomendável.

Mas, qual seria a razão do abandono dos velhos termos com que sempre designamos um ataque ou um movimento, feitos passando ao largo do flanco inimigo?

Certamente esse facto não pode ser levado à conta das muitas miragens da guerra europea, onde se pretende ver, a cada passo, uma novidade.

Só um possível desconhecimento da história militar pode fazer crer que o tal *desbordamento* seja causa nova na arte da guerra!

Contornar, tornear, contornante, torneante são os nossos vocabulos para enunciar a mesma idéa. Em França mesmo, os regulamentos consagram *contourner*, a par do termo que deu origem ao gallicismo desbordar: «*Suivant les resultats, l'obstacle est contourné ou bien, si le débordement est impossible, etc.*»

Em Portugal, escreveu Oliveira Martins elegantemente: «... eram os allobrogos que os esperavam para os esmagar. Que remédio senão combater? Iam n'uma vereda a meia encosta; de um lado a montanha, de outro o abysmo — rochas es-

carpadas e precipícios sem fundo. Annibal assentou ahi um acampamento e mandou tornear as alturas pelas tropas ligeiras.» (História da República Romana).

Na traducción, feita mais ou menos em 1880, do CURSO DE ARTE MILITAR, do general Favé, professado então na Escola Polytechnica de Paris, o termo preferido pelo traductor foi, em todas as passagens, contornar e não desbordar: «A segunda posição estava já contornada pela direita e ameaçada de um ataque de reverso, etc.» (Batalha de Marengo, pag. 345).

Ainda entre nós, os traductores do GUIA PARA O ENSINO DA TACTICA NAS REAES ESCOLAS DE GUERRA PRUSSIANAS, que alem da propria competencia em assumptos dessa natureza tiveram o cuidado de submitter seu trabalho ao esmeril de um velho e consagrado manejador da lingua, escreveram: «Quanto à direcção, o ataque pode ser: frontal, de flanco, de ruptura, envolvente ou contornante.» (Obra cit., pag. 217). E mais adeante: «Contornamento. Nessa forma de ataque, desiste-se da acção directa, para fazer o inimigo abandonar uma determinada posição, contornando-a, etc., etc. Com efectivos pouco numerosos, prefeir-se-á também contornar uma posição inimiga muito forte a atacá-la.»

Não menos extravagante é o termo «rocada», que já se vae ouvindo como se fosse nosso. Em qualquer diccionario da lingua portuguêsa, rocada significa «porção de linho, de algodão ou de lã que enche a roca de fiar em roda do bojo.» (Diccionario Contemporaneo, de Caldas Aulete). Não é disso, evidentemente, que se trata. O accaso no-lo deparou na sua verdadeira acepção, indicando-nos a sua origem. Quem ler o GUIDA ALLO STUDIO DELLA GEOGRAFIA MILITARE, de Carlo Porro, ha de ver, á pagina 202, a nota que se segue: «*Ted. (1) Rokade-Linie, ingl. line of connexion. Ogni comunicazione sensibilmente parallela alla fronte strategica e collegante i diversi punti di una linea di schieramento, di più linee di operazione o di più comunicazione di una stessa linea d'operazione. Voce usata preferibilmente nella guerra*

(1) N. do T. — Ted. — é desse, isto é, alemão. Naturalmente, tem a mesma origem o conhecido termo empregado no jogo do xadrez: rocar.

di montagna. (V. Mar. Berovick, *Memoires de Berovick*, 1778; Gen. Kuhn, *La guerra di montagna*).

Consultando a traducción castelhana da obra do general Kuhn, a unica que possuimos, não encontramos o termo roçada, mas as expressões «linea de maniobra o transversal.»

Essa é a trilha que deveríamos seguir e escrever, pelo menos, «transversal». Assim, escreveríamos acertadamente: A C. B. A. C. (a estrada de ferro de Carlos Barboza a Alfredo Chaves), depois de concluída, funcionará como uma transversal ou linha de juncção entre os dois ramaes da S. Paulo-Rio Grande, que vão de Porto Alegre a S. Maria e de S. Maria a Marcelino Ramos.

Se em questões desse gênero é necessário ser muito tolerante, não deixa de ser verdade que a língua é o mais sensível elemento de diferenciação dos povos. Algumas raras expressões não infirmam esta regra.

Ouçamos, pois, o conselho que foi dado pelo Sr. Coronel Derougemont e escrevemos com os mesmos termos de que se serviram os nossos maiores.

Não esqueçamos que quando a Grécia, — mãe espiritual de todos os povos que ainda hoje se inclinam ante o Bello e que só adoram a força quando esta serve para arrancar da mudez dos maiores os seios duros das Venus eternas, — succumbiu aos golpes fundos da tática romana, foi a disciplina admirável da sua língua que lhe permitiu sobreviver, acorrentando o vencedor ao carro triumphal já então ocupado pelo vencido.

Em Roma — ainda mais que na Grécia — foi a palavra a creadora soberana, porque ella impelia a espada e explicava o Direito, num *consortium* que havia de fazer do romano o maior dos povos, pondo em ordem a comunidade espiritual que, vinte séculos mais tarde, deveria sustentar a mentalidade unica que domina a todas as nações que orgulhosamente sustentam a sua herança incomparável.

F. PAULA CIDADE
1º TENENTE

SERVIÇO DE SAÚDE

DUAS NECESSIDADES

Primeiro século de Independência! Cem anos de autonomia! Já não é cedo para desejarmos que amanheça para este pedaço de terra a era da perfeição.

Firmes pisámos a estrada do progresso; longo é o percurso; de milenios ainda.

E' preciso avançar sem deslincamentos; não ha como perder tempo, e se receio houvera de que, de improviso, um obice qualquer nos tohesse o passo no caminho e o organismo, porventura, malsão podesse não resistir as perdas de energia ante esforço tamanho com tal que a fadiga logo tomasse a musculatura deste gigante, não seria, certamente, sen remedio o mal.

Fosse imperativo agir, certo assistiríamos este povo que a tudo sabe resistir com resignação e denodo, submeter-se, de bom grado, a toda sorte de provações para libertar sua Pátria do mal que a investe.

Povo digno da grandeza de tua Pátria, dentre os que te formam a massa, um houve, Vate grande entre os maiores que temeu males e perigos que nos ameaçavam; foram talvez fundados os receios do Poeta; ele falou em época em que se lançavam idéias de separatismo e dissolução.

Vate sublime! O teu verbo inflamado fundiu os ideias e uniu o Brasil; hoje, todos, convencidos pela tua palavra de fé, coruscante de patriotismo, estão sob a impressão de que um povo só pode ser eficazmente forte quando estiver unido porque então estará preparado para triunfar.

Hoje, todos sabem que um Brasil unido será sempre o Brasil, esse colosso su-americano que tem ainda uma missão por cumprir. O Brasil desunido será um agrupamento de repulqueretas infelizes, incapazes de viverem por sua própria conta, sempre necessitadas do amparo dos maiores e condenadas ao atraso e ao caudilhismo.

Se mal existe que nos corrão as entranhas, tratemo-lo; se algum acha que mina a nossa existência, desviando a sciá de nosso organismo, curemo-lo; é tempo de nos organizarmos para viver para a eternidade; mas só o podermos fazer quando estivermos resolvidos a preparar, ás direitas, os dois alicerces em que assenta o edifício social: o *direito* e a *força*, porque a medida proporcional do grande mal está na manutenção de um Exército forte.

Exército forte quer dizer Exército com todas as suas armas e serviços eicientemente organizados.

Falem outros das armas e dos serviços a que pertencem; direi do Serviço de Saúde.

Como das outras vezes, desta farei duas notas e com fazê-las ressaltarão duas necessidades.

Na organização e funcionamento do Serviço de Saúde ha uns tantos preceitos que a experiência já demonstrou deverem ser tomados em consideração e convém não serem desprezados para evitarem-se falhas que se verificam sempre que tem o Serviço de ser posto em ação.

E' curioso notar a dificuldade com que se luta para obter a eficiencia em pessoal no Serviço de Saúde. Por mais que nos esforçemos nunca conseguimos tê-lo em numero suficiente.

A razão é, a meu parecer, obvia e reside no facto de, creadas as funções, cometermos cada uma delas ao serventuário respectivo e estritamente necessário.

Percebe-se desde logo a falha do alvitre; nem sempre dá bons resultados na prática o que parece lógico em teoria sobretudo porque só médico substitui médico, só farmacêutico substitui farmacêutico.

Quando em um corpo, por qualquer circunstância falta o médico, a unidade fica arriscada a permanecer sem ele até que torne à condição de regressar ao serviço, desde que só contamos com um único serventuário para cada função por isso que não há onde buscá-lo sem vagar outro cargo.

O mesmo se verifica com as demais funções porque o médico está sujeito como os demais oficiais às mesmas contingências.

Quando em uma companhia falta o capitão, por qualquer motivo, o tenente mais antigo o substitui e as substituições vão se sucedendo nesta mesma ordem.

Quando um oficial combatente é afastado de suas funções para exercer cargo estranho à tropa, o quadro suplementar supre a sua falta.

No Corpo de Saúde não há quadro suplementar, de modo que quando um dos seus serventuários falta, a função fica sem exercício a espera de que ele regresse ao serviço; sucede, às vezes, que o exercício da função é inadável como se o acontecer com os médicos dos corpos, então, ou temos que sobrecarregar uns obrigando-os a acumular, ou temos que recorrer à obsequiosidade de outros.

Aí está, pois, uma falha que fica a pedir atenção e da qual se desnude a necessidade de um quadro suplementar ou outro qualquer para suprir as faltas que se verificarem no decorrer do serviço.

Outro ponto que está pedindo referência é o da instalação do Hospital Militar de Niterói.

Já de longa data venho me batendo pelo estabelecimento de uma formação hospitalar em Niterói; todas as vezes que comunico esta ideia a um companheiro tenho como resposta inviável, estar Niterói muito próximo do Rio onde já existe um Hospital da 1.ª ordem em que podem, sem o menor inconveniente, antes pelo contrário com a maior vantagem ser hospitalizados os militares dos corpos que têm suas paradas na capital do Estado do Rio, donde a desnecessidade flagrante de um Hospital Militar nessa cidade.

E' isso mesmo; é assim para os que só imaginam as situações normais e para aqueles que só enxergam nas formações sanitárias militares a situação normal do tempo de paz. Pensando assim é, de facto, ingenuidade cuidar em crear um Hospital Militar em Niterói.

Mas não é assim para os que cogitam em que o Exército e tudo que com ele se relaciona e a ele diz respeito devem estar sempre em condições de enfrentar todas as situações: normais e anormais.

Todos sabem porque todos têm visto que quando a ordem é convulsãoada por qualquer

perturbação, a primeira causa que acontece é a interrupção dos meios de transporte entre as duas capitais; as barcas da Cantareira suspendem imediatamente o seu tráfego.

Por ocasião da revolta de 6 de Setembro, não havia em Niterói um Hospital Militar e, cortados os meios de transporte para o Rio, tudo teve de ser improvisado como quase sempre acontece.

Nessa ocasião o Hospital de S. João Baptista, instituição civil, é que prestou os serviços que deveriam ser prestados por um Hospital Militar regularmente organizado com pessoal convenientemente instruído e material adequado ao serviço.

Quando foi da revolta dos marinheiros, na iminência do bombardeio, a todo momento esperado, tendo vindo da Fortaleza de Santa Cruz, onde servia na ocasião, a Niterói para atender a chamado urgente do Chefe de Serviço de Saúde da Região, ao tempo, o major Dr. Carlos Autran, de saudosa memória, convidou-me ele, logo após ter desempenhado a incumbência que me havia sido cometida, para, em sua companhia, ir escolher local, facilmente comunicável com os diferentes Postos de Socorro porventura estabelecidos, e que oferecesse o conforto e a proteção necessários à hospitalização dos feridos.

Já então achava-se suspenso, havia mais de três dias, o serviço das barcas, porque os navios revoltados singravam, em todas as direções, as águas da baía, ora barra fóra, ora barra dentro e não permitiam mais quaisquer comunicações entre as duas capitais, de modo que já não era mais possível enviar para o Hospital Central nem mesmo os doentes.

O «Minas Geraes» e o «S. Paulo», como que para carregar mais, as tintas do triste quadro, vomitavam pelos seus grandes tubos, grossas colunas de negro fumo que espiralavam no ar a manchar de preto o espaço lusco fuso de um dia sem sol.

O movimento de tropas fazia-se em toda a cidade: a infantaria estendia-se de frente para o mar; a artilharia escalava os morros a procura de posição, e o Serviço de Saúde debatia-se na improvisação de um local onde pudesse recolher e tratar eficazmente os feridos.

E foi uma trabalheira louca para conseguirmos o logar desejado e que oferecesse as condições que o Hospital de S. João Baptista pela sua desproteção e exposição ao fogo não oferecia.

E' por isso que me bati e continuarei a me bater, enquanto não me convencer do contrário, pela organização e consequente instalação de um Hospital Militar em Niterói.

ALVES CERQUEIRA

Rogamos aos Srs. Assignantes a fineza de comunicar qualquer mudança de endereço a esta Redacção, afim de assegurar a regularidade e pontualidade da remessa.

Reminiscencias

«— Hoje chega, no trem da tarde, uma grande turma de sorteados —, disse o Ajudante.

O Capitão P., recem-chegado á guarnição, apreciador de scenas burlescas, que sempre, nessas occasões, se apresentam com vivos matizes e em toda sua adoravel simplicidade, em companhia de seu subalterno, pouco antes da hora, lá estava a postos na estação.

Minutos apôs, a machina silvava e, arfando garbosa, deslisava sobre os trilhos, comboiando uma pequena composição.

Vinha de longinquas paragens, e seus carros atopetados despejaram, na plataforma, uma multidão heterotípica.

Os noveis recrutas, á proporção que iam desembarcando, orientados por um sargento e alguns cabos, enfileiravam-se desajeitadamente, sob os olhares curiosos.

O sargento procedeu á chamada — primeiro contacto com a rigidez da caserna.

Nas phisyonomias, umas abatidas pela saudade, outras radiantes de entusiasmo, outras receiosas do futuro, transparecia o estado d'alma dos jovens sertanejos, chamados a cumprir o seu dever.

Um grupo mais numeroso, á direita, prestes a marchar.

«— Trouxeram suas bagagens», perguntou o tenente H.

Silencio absoluto, como se o interrogante tivesse falado uma lingua estranha.

«— Elles não comprehendem, meu tenente», disse o cabo, e, voltando-se para os homens com voz retumbante, interpelou-os:

«— Trouveram seus têrm?

«— Trouvemo, sim sinhô, foi a resposta; as phisyonomias illuminadas num franco sorriso.

A simplicidade desses homens é, em sua grande maioria, aliada á docilidade e á uma intelligencia inculta, qualidades que se revelam no decorrer da instrucção, satisfazendo o mais exigente instrutor.

Eis um terreno virgem, no qual é preciso, sómente, semear, para obter, em tempo relativamente curto, uma bôa co-

lheita; sendo necessário, porém, selecionar a semente para que a planta venha sã.

Esta selecção é conseguida com a educação moral.

O capitão P. teve a ideia de fazer em sua companhia os monitores moraes, classe constituida, apôz acurada observação, pelos rapazes provenientes dos núcleos mais adiantados e que tinham adquirido em seus lares a educação basica, e na sociedade o necessário complemento.

No fim de um mez, cada esquadra possuia, pelo menos, um desses monitores. O resutado foi assombroso.

Guiados pelas directivas fornecidas pelo capitão, fiscalisados directamente pelo subalterno do pelotão, estes novos instructores conseguiram transformar completamente a materia prima em obra, realisando-se, assim, uma verdadeira *industria moral*.

Quem está alheio ao serviço da caserna não pôde aquilatar o valor da grande obra de patriotismo realisada pelos instructores militares; a grande massa de homens incultos e semi-selvagens reunida pelo sorteio, que, depois de um anno é novamente espalhada por todos os recantos do paiz, vae modificar os lares primitivos, insuflando-lhes novos ideaes, incutindo o amor a essa patria gigantesca e bemaventurada, que elles não sabiam amar bastante.

Novas camadas, nova diffusão, e assim, o Exercito está prestando á nação, o maior serviço que possa ser exigido de uma classe.

E' natural que muitos não assimilem nem se compenetrem de tão alevantada missão, e, se assim não fosse, poderíamos dizer bem alto que o Brasil constitua uma excepção á regra geral; mas, o numero dos bons elementos é, felizmente, muito maior, e as urzes serão destruidas inteiramente pela continuaçao da cultura.

Conjunctamente com a educação moral, o treinamento phisico traz ao corpo, minado pelas molestias tropicaes, abatido e definhado pela exiguidade da alimentação, a robustez necessaria para vencer na lucta pela vida.

Hoje, felizmente, cuida-se com afincô da nossa prophylaxia rural, obra de patriotismo que virá completar a realisada nas casernas.

Na época em que se passou o facto narrado no inicio desta palestra, foram recusados 30 % dos homens apresentados, por soffrerem de molestias que os incapacitavam para o serviço militar!!!

Seis meses depois, o capitão P., com sua companhia constituindo um todo homogeneo, tinha o prazer de commandar verdadeiros homens.

O aspecto bisonho, a rudeza do inculto, a miseria organica tinham desapparecido: restava, porém, em alguns, a nostalgia propria do filho das selvas, mal inato, talvez o mais difficult de vencer.

Em uma tarde calida, de crepusculo phantastico, apóz o exercicio, a companhia brincava: um grupo jogava a petéca, outro a malha, outros, espalhados pelo pateo, divertiam-se em pequenos jogos. Só o 277, o maior *muque* da companhia, assentado sobre uma grande pedra, completamente absorto, parecia alheio a todo esse movimento.

O sargento F., prevendo um incommodo de saude, abeirou-se delle, e, com brandura perguntou:

«*Está doente, 277?*

Lentamente, levantando a grande cabeça, com um olhar duro e profundo, o soldado respondeu:

— *Desculpe seu sargento, quando estou scismando na minha famia não gosto que me aborreçam.*

MAJOR PAES D'ANDRADE

Tactica Geral

Afim de facilitar o estudo de tactica geral aos alumnos da E. A. O., resolvemos redigir, de acordo com a proiecta orientação de nossos mestres, as soluções aceitaveis para uma serie de themes ahi distribuidos. Estas soluções, fructo exclusivo do raciocinio e dos ensinamentos colhidos nos nossos novos regulamentos, não constituem casos typicos; pois, é geralmente sabido, que para a resolução de um problema tactico existem inumeras soluções, todas elles aceitaveis desde que satisfaçam a missão prescripta sem burlar os preceitos regulamentares.

Elaboradas com o fim de guiar o raciocinio dos alumnos da Escola, foram gentilmente acolhidas pelos directores da

Defesa, tendo em vista proporcionar aos camaradas da provincia mais um elemento, onde poderão desenvolver os seus estudos tacticos, longe das vistas da M. M. F.

Assim, para que se torne mais proveitoso este estudo, hoje em dia indispensavel aos officiaes de todas as armas, publicaremos, em numeros successivos, primeiramente o theme organizado e, em seguida, a solução que adoptamos.

1.º tema

(Para ser resolvido em 3 horas)

Carta de Alegrete — 1/50.000.

Situação geral — Forças vermelhas do S. marcham ao encontro de forças azues do N., cujo grosso transpoz o Ibicuhy, na manhã de 9 (nove) de Maio, ao N. de Cândido Machado e de Brunetti (N. da carta).

A D. I. da esquerda do partido vermelho, vinda da região S. de Boa Vista (angulo S. O. da carta) estaciona no dia 9 (nove) de Maio a partir de 13 (treze) horas, nas condições seguintes:

Vanguarda da D. I.: Grosso do R. C. D.

(3 Esq.) — Nas regiões: de S. Fernando até 19 (dezenove) horas, e P. Cunha a partir de 19 (dezenove) horas.

1º R. I. Na região
J. Adolpho
Niederauer —

2º Gr. A. M. Idem
1 Bia. Mth. Idem
1 Cia. Sap. Min. Idem

Grosso da D. I.: Região Alegrete — C. Paim — Quinta Maciel — Alamo — Cemiterio dos Vargas — Coqueiros.

1 Esq. Cav. a em J. Dornellas
A's 15 (quinze) horas, as informações sobre o inimigo são as seguintes:

Elementos avançados do grosso das forças inimigas attingiram, pelo meio dia, a região Cândido Machado — Brunetti, onde estacionam.

Um reconhecimento de Aviação, na direcção de Itaquy (N. O. da carta), assinalou que, ás 14 (quatorze) horas, uma columna inimiga comprehendendo 5 (cinco) a 6 (seis) Btis. e 3 (tres) a 4 (quatro) Bias, estava em marcha na estrada de Itaquy para Alegrete. A vang. a dessa columna, que parece comprehendêr 1 (um) Btl. attingiu ás 14 (quatorze) horas um ponto situado a 15 (quinze) klm. N. O. de F. Santos (N. O. da carta).

Situação particular — No dia 9 (nove) de Maio, ás 16 (dezesseis) horas o Gen. Cmt. da II Bda. I., com P. C. na região S. de Alegrete, recebe do Gen. Cmt. da I D. I. a seguinte ordem:

I D. I. Alegrete — 9 (nove) de Maio E. M. ás 15 (quinze) horas e 30 (trinta) minutos

3.ª Secção N.º p/3 Ordem ao Gen. Cmt. da II Bda. I.

C. Alegrete — 1/50.000

I — Elementos avançados do grosso das forças azuis, atingiram hoje a frente Brunetti — Cândido Machado. Uma outra columna inimiga, comprendendo 5 (cinco) a 6 (seis) Btls. I. e 3 (tres) a 4 (quatro) Bias, marcha para Alegrete pela estrada de Itaquy; sua vang. que comprehende cerca de 1 (um) Btl., foi assignada ás 14 (quinze) horas na região 15 (quinze) klms. ao N.O. de F. Santos.

II — Amanhã, 10 (dez) de Maio, a D. I. avançará ao encontro das forças inimigas do N., na direcção de S. Fernando — Cândido Machado. As vang. as deverão transpor a linha Niederauer — J. Adolpho ás 5 (cinco) horas.

III — Afim de assegurar a cobertura do flanco esquerdo da D. I., é constituído hoje, 9 (nove) de Maio, um Destac. sob as ordens do Gen. Cmt. da II Bda. I., e comprehendo:

1 Esq. do 1.º R. C. D. — Estacionado em J. Dornellas.

3.º R. I. — Estacionado em: Quinta M. Alencar (2 Btis. e E. M.)

1 Bia. Mth. — Estacionada em: Alegrete, e designada pelo Cmt. da A. D.

1 Gr. A. M. — Idem

1/2 Cia. Sap. Min. — Estacionada em C. Paim.

O Destac. estabelecer-se-á na noite de 9 (nove) para 10 (dez) sobre....

A missão do Destac. para 10 (dez) será:

a) — impedir a intervenção do inimigo, no flanco esquerdo da D. I., durante a marcha para Cândido Machado

b) — cobrir as comunicações da D. I. para Alegrete.

IV — O Destac. estabelecerá para as operações de 10 (dez) de Maio, passa-

gens no Rio Ibirapuitan, afim de facilitar as ligações com o grosso da D. I., e permitir transposições eventuais.

V — P. C. da D. I. em Alegrete até 10 (dez) de Maio ás 6 (seis) horas; ultimamente em Niederauer.

VI — Eixo de transmissões para 10 (dez) de Maio: Alegrete — Niederauer — S. Fernando.

P. O. — O Chefe do E. M.

X...

O Gen. Cmt. da I D. I.
(a.) — J...

Trabalhos a executar:

1.º — Justificação sumaria das decisões tomadas p/lo Gen. Cmt. da II Bda. I., tendo em vista:

a) — a missão

b) — as possibilidades do inimigo, em função da situação da D. I.

c) — as manobras a realizar em função das diferentes eventualidades.

d) — a preparação destas manobras, e em consequencia as disposições tomadas.

2.º — Redigir, em consequencia, as ordens dadas pelo Gen., para a noite de 9 (nove) a 10 (dez), e para o dia 10 (dez) em execução da ordem dada pelo Gen. Cmt. da D. I., supondo que:

a) — os reconhecimentos de cavalaria enviados na direcção de Itaquy, passaram a noite de 9 (nove) para 10 (dez) em contacto com elementos avançados do inimigo, na região F. Santos e J. Pinto

b) — um reconhecimento lançado na estrada de Uruguayana, atingiu a região 15 (quinze) klms. a O. de Paim, nada de novo encontrando.

Nota — Para solução, recordar as seguintes partes do R. S. C.:

Segurança em marcha e em estacionamento;

A cavallaria na segurança;

A cavallaria de um destac. que opera isoladamente.

CAPITÃO FIUZA DE CASTRO

Da Província

4.º R. A. — *Exames de bateria e exercicio de tiro real em 1922*: Foram os seguintes os trabalhos realizados pelo Regimento, de 1.º a 15 de Agosto:

Dia 1.º: Parte de Ytú uma bia. mixta de cada Grupo (1.ª e 5.ª), sob o Cdo. dos Tenentes Levy Cardoso e Roberto Drummond, tendo como subalternos respectivamente os Tenentes Newton Franklin, Ramiro Gorretta e Olyndo Dénis, Alcides Teixeira, acompanhados pelos Comt. de G. Capitães Bertholdo Klinger e Virgilio Marones de Gusmão. Cada bateria leva suas 4 v. p., as 4 v. m., a do I. G. ainda a viatura de bateria e a do II a v. forja, todas a trez parellhas. Acompanha ás baterias o serviço de Intendencia sob a direcção pessoal do 1.º Tenente Dario S. Castello, levando trez carros-cosinhas e dois caminhões de viveres, forragem e bagagem.

Termo da marcha: Piragibú (4 legoas).

Dia 2: Marcha para Campo Largo, (5 legoas).

Dias 3 e 4: Marcha forçada para Itapetininga (12 legoas), partindo ás 7,30, descançando de 12 ás 14,30 após 3 legoas, das 19⁰⁰ ás 23⁰⁰ após mais 3 legoas e alcançando Itapetininga (mais 6 legoas) em marcha nocturna, ás 9⁰⁰ da manhã de 4.

Dia 4: Instalação do acampamento, descanço das baterias de marcha; chegada do pessoal de mais uma bia. de cada G. (2.ª e 6.ª) pela estrada de ferro sob o commando do Tenente Flavio de Alencar; estudo do terreno para os exercícios pelos cmt. de G.

Dia 5: Não pôde haver trabalho devido á chuva.

Dia 6: Exame de bateria, das bias: 1.ª e 5.ª com tiro real, sob o cdo. dos Tenentes Levy Cardoso e Olyndo Dénis. Assistiram os Snrs. General Noronha, Cmt. da D., Ten. Cel. Amorim, Cmt. da Brigada e Major Braziliano, Cmt. do R.

Em seguida ao cmt. da 1.ª Bia., resolveu um tema de tiro o Tenente Gorretta. Assistiu o pessoal excedente.

Dia 7: Exercício de tiro real das bias. 3.ª e 6.ª.

Resolveram tema de tiro os Tenentes Flavio, Franklin e Alcides Teixeira.

Regressam a Ytú pela estrada de ferro o Tenente Levy com o pessoal da 1.ª bia. desnecessario ao complemento da 3.ª, e Tenente Dénis com o da 5.ª.

Dia 8: Chegam a Ytú, pela estrada de ferro, o Snr. Major fiscal, Astrogildo, e o pessoal restante das bias. 2.ª e 4.ª, sob o Cdo. dos Snrs. Cap. Pessôa e 1.º Tenente Costa Leite.

Exame de bateria da 3.ª, com tiro real, sob o Cdo. do Tenente Flavio, e da 6.ª, sob o do Tenente Drummond. Resolveu thema estes officiaes.

Em seguida teve logar um tiro combinado entre as duas bias., sob o Cdo. dos 2 Capitães Klinger e Marones, Cmt. int. dos G.

Dia 9: Visitas ao acampamento não permittiram trabalho.

Dia 10: Exame de bateria da 2.ª, com tiro real, sob o Cdo. do Cap. Pessôa, e da 4.ª, sob o do 1.º Tenente Costa Leite. Resolveram themas estes officiaes e mais Tenente Paula Costa e 1.º Tenente Estillac Leal.

Dia 11: Marcha de regresso, até a Fazenda Dr. Julio Prestes (4 legoas), 3.ª bia. mixta, sob o Cdo. do Tenente Flavio, subalternos Franklin e Gorretta; 4.ª bia. mixta, sob o Cdo. do 1.º Tenente Costa Leite, subalterno Tenente Alcides. Acompanham os Capitães Klinger e Marones, Cmts. dos G. e ao Cmt. do I, Tenente Paula Costa. Igualmente o serviço de Intendencia, diminuido do carro-cosinha nacional, por haver dado mau resultado e por falta de tracção. Tambem por deficiencia de tracção cada bateria veiu diminuida de uma v. m. As 3 viaturas vieram pela estrada de ferro.

Dia 12: Marcha para Tatuhy (3 legoas).

Dia 13: Marcha para Campo Largo (5 legoas) e immediatamente em fim de marcha tiro real, ao Cdo. do 1.º Tenente Costa Leite (4.ª bia.) e Tenentes Franklin e Gorretta (3.ª bia.) estes dois, com a mesma Cia., regulando simultaneamente sobre objectivos differentes, onde após a regulação concentraram fogos successivamente toda a bia.

Dia 14: Marcha para Piragibú (4 legoas).

Dia 15: Partida ás 2 da madrugada, chegada a Ytú ás 9⁰⁰ da manhã (4 legoas), após um alto de meia hora em est. de Pirapitinguy e outro de uma hora (para café), no km. 8.

Ensino do Tiro na nossa artilharia de campanha

No ultimo numero da «A Defesa», o distinto camarada cap. Jansen apresentou-nos interessante artigo, pondo em destaque a insufficiencia tactica dos methodos em uso antes da guerra europea na preparação do tiro de artilharia de campanha, e os inconvenientes de seu completo abandono pelos methodos cuidadosos que tiveram largo emprego na segunda metade da grande lucta.

A questão foi posta em fóco com toda oportunidade, pois que parece não pretendermos tirar grande proveito destes ultimos methodos, com o material de artilharia ainda em uso na maior parte dos nossos regimentos.

Entre os nossos officiaes de artilharia, as preferencias pessoaes de alguns se inclinam para os tiros regulados pela *observação directa*, já porque suas qualidades, como executantes, os impulsionam para as soluções simples e, por isso mesmo, rapidas; já porque não dispõem, nas unidades de artilharia, dos elementos materiaes necessarios á practica dos methodos mais novos de preparação do tiro.

Outros camaradas fazem maior apreço a estes methodos: dão a primazia á *preparação muda*, exaltados pela possibilidade de se iniciar o tiro logo no bom logar ou, ao menos, na proximidade immediata do objectivo, conseguindo a completa surpresa *sem a denuncia* da preparação.

Essas preferencias, entretanto, não encontram apoio em nosso R. T. A., estabelecido á luz dos ensinamentos dos mestres da M. M. F.; ahí, não sómente tem guarida a preparação summaria do tiro, influenciada por uma bôa dose de coifficiente pessoal do capitão que a utilisa, como tambem a que se consegue sem atirar, eliminando scientificamente a maior parte das causas que, no momento, levariam o primeiro tiro para longe do logar desejado.

Qualquer official de artilharia deve conhecer theorica e praticamente esses dois methodos; antes de mais nada, é forçoso convir que o artilheiro, por si só, empregaria sempre a observação directa para a regulação dos seus tiros, por lhe ser muito mais commodo conduzir á

vista o ponto medio dos seus tiros sobre o objectivo, do que conseguil-o por meio de tabellas, boletins meteorologicos, instrumentos delicados e calculos que agitam toda essa bagagem.

Mas, elle não pôde prescindir d'esse caso mais complexo, porque assim *o exige a infantaria amiga*. Si esta pede uma repentina concentração sobre um objectivo ainda *não canhoneado*, não ha como lançar mão da preparação muda; qualquer regulação preliminar iria annullar o desejado effeito de surpreza.

Nestas condições, o typo do commandante de Bia, creado pela ultima guerra não se filia com exclusivismo a uma ou outra d'essas doutrinas de tiro; tanto deve estar apto a eliminar, sem o tiro, o maior numero de causas perturbadoras de suas trajectorias no inicio de um ataque, como a sustentar a progressão ulterior de sua infantaria por meio da observação directa dos seus pontos de quēda, atirando no inimigo onde fôr elle visto.

Mesmo com o material de artilharia de que ainda dispomos, a instrucção dos nossos officiaes artilheiros nos corpos de tropa deve ser conduzida n'esse caminho. O cmt. Richomme, na «Revue d'artillerie» francéza, esboça uma norma para o ensino do tiro com plena applicação no nosso meio; as suas idéas essenciaes são as seguintes:

O processo de preparação do tiro, usualmente empregado antes da guerra, pôde continuar com a marcha de ensino já posta em practica entre nós: trabalhos preparatorios com a luneta de bia., binocolo e instrumentos mais summarios para a orientação dos planos de tiro e medidas dos sitios; avaliação de distâncias ao sentimento ou por processos de fortuna, para as questões de alça. Mas, não se deve perder de vista que *sómente o tiro fará o ensino completo*; os officiaes só ficam senhores do manejo de suas trajectorias depois de terem realmente atirado.

Ao contrario d'esse processo, a preparação do tiro por meio de operações topographicas e calculos dos elementos *não exige tiro algum* para sua aprendizagem. Basta que, de uma parte, sejam exercitadas no terreno as operações topographicas da preparação regular; e, de

outra parte, que se adquira a pratica das correcções a introduzir nos elementos iniciaes, alterando-se as condições em que foram estabelecidas as tabellas de tiro.

A ausencia do canhão n'esta preparação constitue mesmo a sua razão de ser; realisando-se, alguma vez, o tiro assim preparado, elle servirá unicamente para verificar a exactidão das operações quando completas, rectifical-as quando erroreas, ou melhoral-as quando incompletas.

Durante o primeiro periodo de instrucção, terá logar o ensino acabado do primeiro processo e o preparatorio do segundo.

Chegando-se á escola de fogo do segundo periodo, procede-se como se segue:

Supponhamos que M, N e P sejam os trez comts. de bias. d'um grupo.

A M, será dito (como exemplo):

«Vosso reconhecimento aqui acaba de chegar, depois de um deslocamento rapido; tomae posição em tal logar abrindo o fogo, o mais cedo possível, contra tal objectivo (designação no terreno); vossa bia. vem ahi perto.

«Tendes á vossa disposição a luneta de bia., o binocolo (e algum outro instrumento sumario).»

Aos dois outros capitães N e P dá-se o objectivo e a situação da bia. de M, situados topographicamente; para N, por exemplo, a designação será feita pela carta; para P, lança-se mão da ficha de informações da posição (preparada pelo official orientador) e designase o objectivo pelas suas coordenadas. A essas informações acrescenta-se o boletim meteorologico e pede-se a preparação completa para o objectivo em questão.

M atirando, N e P calculando, devem trabalhar separadamente, sem que cada um conheça o que fazem os outros.

Terminada a regulação e as preparações, os officiaes do grupo são reunidos. Os ensinamentos do exercicio resultam da comparação entre o ultimo angulo de elevação obtido no tiro e os calculados scientificamente pelos dois cmts. de bias.

Para estes, são apuradas as causas determinantes do desvio sensivel que, por ventura, possa existir. Para o cmt. de bia. M, julga-se approximadamente a influencia das causas perturbadoras de

sua ultima trajectoria (vento, temperatura, etc.) e d'ahi se conclue até quanto apreciou elle a distancia topographica e a direcção das peças.

Em seguida faz-se um transporte de tiro, sua depuração, etc., de accordo com o programma previsto para a escola de fogo, tendo o cuidado de revezar os trez capitães na execução do tiro e no calculo dos seus elementos.

Por esse meio, dá-se aos officiaes a instrucção theorica e pratica propria a terminar de vez com algumas preferencias pessoaes, não justificadas, por tal ou qual doutrina de tiro.

Resta analysar algumas questões que se prendem aos elementos materiaes para a realisação d'esses exercicios.

— Primeiramente, os planos directores. Já possuimos bôas cartas da região da Villa Militar e dos campos de Saycan, com as quaes podem elles ser estabelecidos.

Quanto ás guarnições que não realizam exercicios n'esses dois campos de instrucção, os planos directores que lhes são necessarios podem ser organisados pelos officiaes orientadores; será mesmo uma excellente oportunidade para praticarem o exercicio de suas funções. E, assim, o levantamento das *invernadas* (¹) dos regimentos pôde ser executado, em seus *elementos essenciaes*, com o theodolito; a M. M. F., por intermedio do E. M. E., já pedio ao Snr. Ministro da Guerra o fornecimento d'esses instrumentos ás unidades de artilharia, visando a pratica dos officiaes que ultimamente fizeram o curso de orientadores.

Com um pouco de bôa vontade e com o «Manual do Official Orientador» que o E. M. E. fará distribuir brevemente, todas as invernadas serão levantadas, inclusive as dos corpos que não possuem official algum com aquelle curso...

— A questão dos elementos incompletos fornecidos pela tabella de tiro do

(¹) A maior parte das invernadas pôde servir para região dos pontos de queda; basta que os objectivos estejam na sua zona central e que as bias. sejam collocadas a grandes distancias, para que os ricochetes não tenham possibilidade de sahir dos limites do terreno. Este resultado será difficilmente conseguido com as alças 2.500, 3.000...

material de 75 em uso na maior parte das unidades de artilharia, encontra um valoroso subsidio no trabalho do tenente João Alberto, vindo á luz no ultimo numero d'esta revista; as correccões calculadas por este distinto camarada constituem uma excellente base para o exercicio da regulação silenciosa.

Seria uma obra meretoria do governo mandar proceder á sua verificação experimental, incorporando definitivamente o material existente ás doutrinas novas sobre o tiro. Particularmente, o quadro ultimo do ten. João Alberto, relativo ao prolongamento dos alcances além da ultima alça prevista na antiga tabella, desperta grande interesse; uma vez verificado, poderemos dar, com firmeza, maior fixidez ás posições de artilharia, nos trabalhos tacticos desenvolvidos nas garnições; e, então, ficaremos habilitados a levantar as rodas ou enterrar as conteiras tal como se praticou em França até 11 de Novembro de 1918.

— Finalmente, o boletim meteorológico resulta de instrumentos de algibeira que todas as unidades de artilharia podem adquirir: um thermometro e um aneroide, sendo que este ultimo quasi sempre já traz um thermometro. Não existindo estação aerologica para a determinação do vento balistico, ter-se-á uma approximação sufficiente com as indicações de um anemometro, tambem de algibeira, ou mesmo com os quadros de estima a que se refere o R. T. A. (II Parte, § 61).

Eis ahi analysada rapidamente a possibilidade de se applicar, desde já, as prescripções do nosso R. T. A. ao material que possuimos; é necessario que o nosso corpo de artilheiros esteja prompto quer a seguir os processos novos de fazer a tactica, quer a receber os materiaes mais aperfeiçoados que forem sendo distribuidos aos corpos de tropa.

CAP. SILIO PORTELLA

Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

Uma lembrança

Agora, que se trata de rever o R. I. S. G., parece opportuno lembrar a inclusão nelle de uma nova prescripção, a qual se me afigura de grande importancia, sob o ponto de vista da educação cívico-militar.

Trata-se de instituir uma solemnidade, senão com a grande pompa de que se reveste o actual «compromisso á Bandeira», ao menos que remembre aos conscriptos passados pela Caserna, os deveres perennes contrahidos e que os dignifica, com esse bello titulo «Reservista do Exercito».

Durante o saudoso tempo em que comandei o 8.º R. C. I. em Bagé, fiz com esse intuito, e nas tres epochas da desincorporação, de 920/921, observar a solemnidade, como penso poderia ser constituida em todos os regimentos e batalhões.

Ella consistiu em uma formatura de regimento, estandarte em forma, excluindo desarmados, afim de se proceder á leitura de uma Ordem do dia allusiva ao facto, em seguida a entrega das caderetas respectivas e, depois, *ad libitum*, um passeio dos reservistas pelas ruas da cidade, sob o commando do Ajudante, banda de musica ou clarins.

Esta singela festa foi muito apreciada por grande parte do elemento social da cidade, que spontaneamente a ella comparecera.

Permito-me transcrever aqui, em resumo, a Ordem do dia publicada por occasião da exclusão da primeira turma de reservistas do anno de 1920.

«RESERVISTAS DE 1920»

Com o licenceamento dos Cabos (segue-se a lista dos Cabos, Anspeçadas e Soldados que constituiam a turma), inicia-se hoje (28 de Fevereiro de 1920) a formação do contingente de reservistas de 1920.

Sejam, pois, estas praças excluidas do efectivo do Regimento, e incluidas no numero de seus reservistas.

A todos vós, meus camaradas, que deixais a caserna e regressais ao lar querido, donde vos ausentastes para exercer o grandioso dever cívico que vindes de cumprir e que a Patria querida exige de todos os Brazileiros: «a nossa preparação militar para a sua defesa e engrandecimento», eu aconselho:

...não vos olvideis, um só instante, do solemne compromisso que prestastes deante desta nossa idolatrada Bandeira, em 11 de Junho passado; não deixais, um só dia, de pensar que os vossos deveres para com o nosso amado Brazil continuam a subsistir, embora tenhaes presentemente de deixar o doce convicio do 8.º R. C. I., onde passastes um anno de labor insano e proveitoso; não esqueçais que vós e todos aquelles que nasceram nesta bella Terra, constituem as componentes dessa resultante, que se chama NAÇÃO BRAZILEIRA, força invencivel, capaz de assegurar a grandeza e prosperidade desta adorada Patria e que portanto, ao seu apello, todos devem acudir promptamente: nós, os militarmente instruidos, para entrarmos em accão immediata; e os que ainda se vão preparar, afim de, em seguida, prestar o seu concurso efficiente; e, então, estes e aquelles, deixarão o doce aconchego do lar, separar-se-ão de paes amigos, de esposas idolatradas, de noivas queridas, de irmãs carinhosas e de fieis amigos, para, reunidos em torno do Auri verde Pendão, defenderem a Patria, entidade que synthetisa todas as nossas cogitações, todos os nossos sentimentos moraes e affectivos, pois pela sua defesa conservamos tambem o que de mais caro e mais sublime possuimos.

Sim! é sempre com os olhos voltados para ti, «Sacrosanta Bandeira», «imagem, bendicta do nosso muito amado Brazil», é sempre convicto de que nada existe de superior a esta bella Terra, a este grandioso Torrão, onde tudo é bello e immenso, onde «a Natureza esmerou-se em tudo quanto tinha», onde tudo é admiravel, sublime, magnificente, que nós, irmãos pelo pensamento e pelo sentir, nos congregamos para erguer-te altaneira, fazer-te respeitada e assim sentirmos que tu, «Bandeira insigne», cada vez mais te orgulhas e mais te ufanas de possuir os filhos desta encantadora Patria, cuja grandiosidade está gravada e tão bem tradusida nas tuas bellissimas côres!

Ide, meus Camaradas, certos de que entre nós deixaes saudades; mas passae ainda uma vez á frente do glorioso Estandarte do 8.º R. C. I., cumprimentae-o e beijae-o mesmo, despidi-vos d'Elle, conservando-o perennemente em vosso pensar porque, vêde, Elle deixa perceber a sua tristeza ao vos vêr partir, e o seu prazer pela confiança que tem de que

sereis os primeiros a acudir ao seu apello, quando necessitar do vosso concurso para sua defesa; e, nesse mixto de tristeza e de alegria, Elle aqui fica, certo de ser sempre muito amado, de nunca ser esquecido, principalmente por todos aquelles que passam pela mais perfeita Escola de cívismo, que se chama «O EXERCITO BRAZILEIRO».

E esta Bandeira tão orgulhosa se sente que, observae como tremula bella! como se osteita e desfralda linda, a esta subtil viração! E' que assim revela o seu desejo de melhor mostrar-se, para ainda mais gravar-se em os nossos sentimentos, os mais intimos, os mais reconditos.

E, nós, Cmt., Officiaes e Sargentos do 8.º R. C. I., os elementos permanentes que asseguram a continuidade do trabalho nesta cazerna, affirmamos a ti, imaculado Estandarte: — Os irmãos que hoje se despedem de ti, sentem o mesmo ardor, porque são Brazileiros, que «cada vez mais se ufanam de pertencer a esta gloriosa Nação».

Depois o Boletim, proseguia no elogio, de que se tornaram dignos os reservistas, que durante o anno de seu serviço militar não commetteram uma só falta.

JOSE FRANCO FERREIRA
TEN. CEL.

OBUZ DE CAMPANHA KRUPP

105 m/m C 14. T. R.

I. Derivação e sua correccão automatica.
II. Rectificação dos apparelos de pontaria.

Para chegar á comprehensão destas duas questões: correccão de derivação e rectificação dos apparelos de pontaria dos nossos obuzes de 105m/m, empreguei um certo tempo de estudo. (1)

Despretenciosamente publico estas notas com dois intuiitos:

(1) — Este trabalho vinha sendo elaborado, quando fui transferido para Itaquy. Vai-me, então, do transito, para rematar, ás pressas, o que já estava principiado. Daí, talvez, a culpa dos ateitados que aqui se concentram.

- 1.º — Poupar a algum camarada, que ainda não tenha precisado ideias sobre estes assumptos, um tempo que já foi por mim consumido;
- 2.º — Divulgar entre os camaradas artilheiros um processo que aprendi no 1.º G. O., — e em que penso ter introduzido um pequenino aperfeiçoamento, — o de rectificar a linha de mira dos nossos obuzes em serviço na artilharia de campanha; e um outro, que denominei *expontaneo*, o qual desenvolvi, e ora submetto á apreciação dos camaradas.

Si neste trabalhinho se contiverem deficiencias e inexactidões, não faltará, — espero — quem, com mais luzes, venha, aqui mesmo, completal-o, apontar e corrigir-lhe os erros, projectando a necessaria claridade sobre o assumpto, o que só produzirá benefícios para a minha poderosa arma. Si tal succeder, antecipo os meus agradecimentos, e confesso que me darei por muito satisfeito, por terem estas linhas attingido o objectivo colocado: — o ambicionado impacto, em cheio, do artilheiro.

1.ª Parte — Que é derivação? — E' o afastamento que, do plano de tiro, um projectil sofre, em consequencia do seu movimento de rotação, combinado com o apoio que lhe offerece o meio atmospherico (resistencia do ar).

A derivação se produz no mesmo sentido que o raiamento da alma da peça; aumenta com a distancia de tiro; para uma mesma distancia, é tanto maior, quanto mais fraca a velocidade inicial.

A derivação da nossa artilharia de campanha é para a direita.

Na distancia P O (Fig. 1), a derivação, ou o afastamento soffrido pelo projectil, é O N; isto quer dizer que, si se fizesse passar o plano de tiro sobre o ponto O, o projectil iria cahir á direita, a uma distancia O N. Para que o tiro attinja o ponto O, devemos dirigir o plano de tiro para a esquerda, de uma quantidade O M, igual a O N.

— Como se annulla o efecto da derivação, na pontaria dos obuzes de campanha Krupp 105 m/m C 14 T. R.?

A derivação normal é corrigida automaticamente por construcção do material, pelas inclinações dadas ao eixo optico da luneta panoramica e ao supporte, e en-

caixe da alça de mira. Aquelle inclina-se de 3º/oo para o plano de tiro; a alça de 1:18 ou 3º10'47,5" para a esquerda, em relação á vertical (2).

Estas duas inclinações conjugadas corrigem mecanicamente a derivação até determinadas distancias de tiro das cargas empregadas.

Além dessas distancias, é preciso completar a correção com o auxilio das contra-derivações complementares, segundo as indicações da tabella de tiro, ou dos numeros inscriptos no espelho da alça, na escala hectometrica correspondente á carga empregada.

Si marcarmos, em relação a uma recta representativa do traço do plano de tiro, os diferentes valores que o afastamento

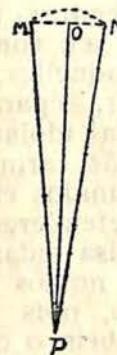


Fig. 1

do projectil vae tomado em uma dada trajectoria, e ligarmos todos esses pontos, teremos a curva P M N, (Fig. 2), que será a imagem graphica da derivação e que constituirá a projecção da trajectoria sobre o plano H.

Sendo o encaixe da alça inclinado para a esquerda em relação á vertical (1:18 ou 55º/oo), conclue-se que, á medida que se desembainha a alça, a luneta (encaixada na sua cabeça) se afasta do plano de tiro, e vice-versa, isto é, quanto mais mettida estiver a alça no respectivo encaixe, mais proxima desse plano estará a luneta. A luneta a zero não visa paralelamente ao plano de tiro e sim 3º/oo á direita, o que equivale dizer que este plano passa sempre 3º/oo á esquerda do

(2) — Julgo que esta inclinação do eixo optico da luneta, a que se referem os dados officiaes sobre o material, existe no encaixe da luneta situado na cabeça da alça, como outrora se encontra no citado encaixe do nível de pontaria, que tambem tem os seus montantes inclinados para a esquerda de 1:18.

ponto visado com as graduações da luneta a zero. — Tres millesimos de que distancia, isto é, onde o vertice desse angulo?

A origem de visada, ou a luneta, não se acha sobre o plano de tiro e sim á sua esquerda.

Em consequencia da já citada inclinação do eixo óptico, a linha de visada corta o plano de tiro, o que importa em dizer que, a partir de certa distancia da peça, esta linha se passa para o lado direito deste plano, (3) do qual se afasta cada vez mais, visto como se desvia sempre, para cada ponto da trajectoria, de uma grandeza igual a tres millesimas partes

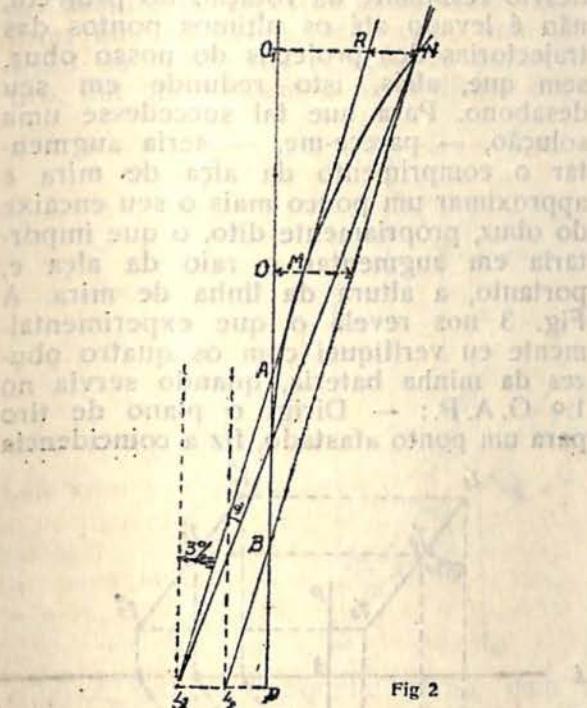


Fig 2

Supponhamos, para fixar as ideias, primeiramente, a Fig. 2. Para um dado ponto M a linha de visada, inclinada de sua distancia ao ponto em que se deu seu cruzamento com este plano, 30/00, é tangente á trajectoria. Mas para um outro ponto N a linha em questão já não é mais tangente á mesma trajectoria, pois que esta continuando a se encurar para a direita, se afastou, neste

(3) — No maximo a 180 metros da peça, pois que o maior afastamento da luneta em relação ao plano de tiro é de 0,0542 (correspondente a angulo de elevação de 0°) e, sendo de 30/00 a parallaxe, a distancia é de $\frac{543}{3} = 180$ m.

sentido, da linha de visada que passa por aquelle ponto. A derivação do projétil neste 2.º ponto é maior que os 30/00 anteriores; é igual O₁ R, ou $\frac{3}{100}$ da distancia O₁ A, mais o accrescimo R N.

A derivação do ponto N, para a luneta na mesma posição L₁, é 30/00 ; se ia então corrigida aumentando-se a quantidade angular Δ na inclinação do eixo óptico da luneta.

Aqui intervém o artifício applicado pela Fabrica Krupp para dar este complemento variável Δ de um modo automático.

Em vez de se dar o accrescimo em questão, á inclinação do eixo óptico da luneta, obtem-se o mesmo resultado, deslocando-se a tangente L₁ M R para a direita, até ocupar a posição L₂ B N. Como se consegue, então, este deslocamento da linha de visada, que vae occasionar o accrescimo N R de que se precisa para completar a correção total O₁ N?

Fazendo-se a linha zero da luneta cortar o plano de tiro em um ponto B, a uma distancia B P menor que A P, para o que é bastante deslocar a origem de visada do ponto L₁ para um outro L₂, mais visinho do plano de tiro.

A Fig. 2 mostra claramente a natureza do artifício utilizado e auxilia a comprehensão da Fig. 3, que é, realmente, a epura do que se passa com a linha de visada do obuz, quando a origem de visada se approxima ou se afasta do plano de tiro. Aquella representaria com exactidão o que se passa na realidade, si a origem de visada se deslocasse num plano inclinado de 550/00, segundo as projecções da linha L₁ M R da Fig. 4. Pela simples contemplação das figuras 2 e 4, notamos, logo ao primeiro exame, que obteríamos sempre a visada parallela ao plano de tiro com a graduação 63.97 (zero igual a -30/00) e que, si isto se desse, qualquer que fosse a posição da origem de visada — mais proxima ou mais afastada do plano P P' ou P A O₁ — teríamos que, o complemento R N de que carecemos para corrigir a derivação total, seria obtido por um deslocamento da linha L₁ M R paralelamente á si mesma.

Mas efectivamente isto não se dá: A origem de visada se desloca segundo as projecções a b c da Fig. 5, pois que a alça de mira é uma regua curva e não

rectilínea, em cujo extremo está a luneta; e essa se desloca num encaixe inclinado para a esquerda em relação à vertical.

As Figs. 3 e 5 mostram precisamente como a cousa se passa na realidade.

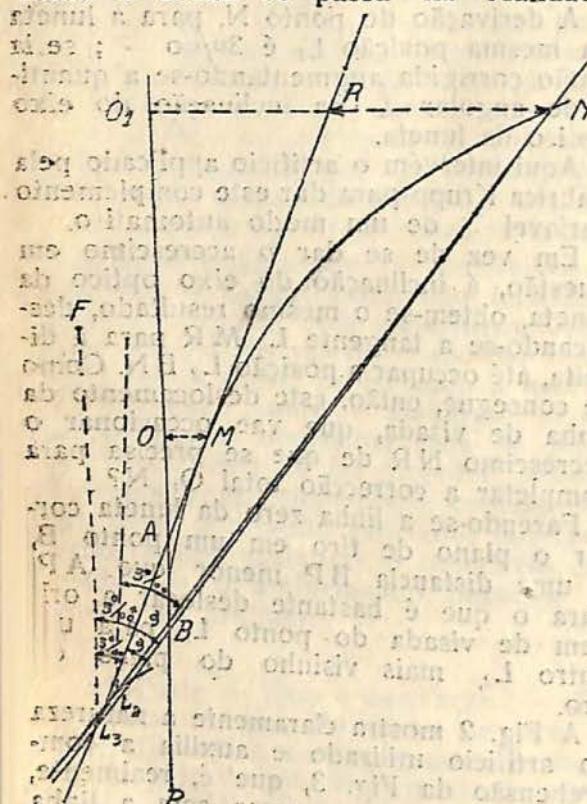


Fig. 3

Deixam ver, claramente, que o eixo óptico da luneta só é paralelo ao plano de tiro com a graduação 6397, para uma determinada posição da origem de visada em relação a este plano, — para a posição que corresponde ao angulo de elevação de Oo (alça toda desembainhada).

A Fig. 3 mostra quão interessante é o artificio adoptado pela Fabrica Krupp,

para corrigir a derivação de um modo automático.

Para um dado ponto M os 3º/oo de inclinação do eixo óptico da luneta são suficientes para corrigir a derivação OM . Numa distancia maior estes 3º/oo não são suficientes, é preciso aumentar o angulo FL_1R de uma quantidade complementar L . — Como é que o apparelho de pontaria obtém este efecto? Pela simples mudança de posição da origem de visada de L_1 para L_2 d'onde resulta o plano de visada cortar o de tiro em

B , mais proximo da peça do que anteriormente. Quanto mais embainhada a alça, maior o angulo de tiro; quanto maior o angulo de tiro ou a distancia, maior a derivação.

Quanto mais embainhada a alça, mais proxima do plano de tiro estará a luneta, portanto mais depressa se cruzarão a linha de visada e o referido plano e mais cedo aquella se afastará deste. — E' assim que o jogo de inclinações adoptado pelo fabricante de nosso 105, consegue corrigir automaticamente a derivação.

Este sistema, singelo e empolgante, de corrigir de um modo automático o desvio resultante da rotação do projectil, não é levado até os ultimos pontos das trajectorias dos projectis do nosso obuz, sem que, aliás, isto redunde em seu desabono. Para que tal sucedesse uma solução, — parece-me, — seria aumentar o comprimento da alça de mira e approximar um pouco mais o seu encaixe do obuz, propriamente dito, o que importaria em aumentar o raio da alça e, portanto, a altura da linha de mira. A Fig. 3 nos revela o que experimentalmente eu verifiquei com os quatro obuzes da minha bateria, quando servia no 1.º G. A. P.: — Dirigi o plano de tiro para um ponto afastado, fiz a coincidencia

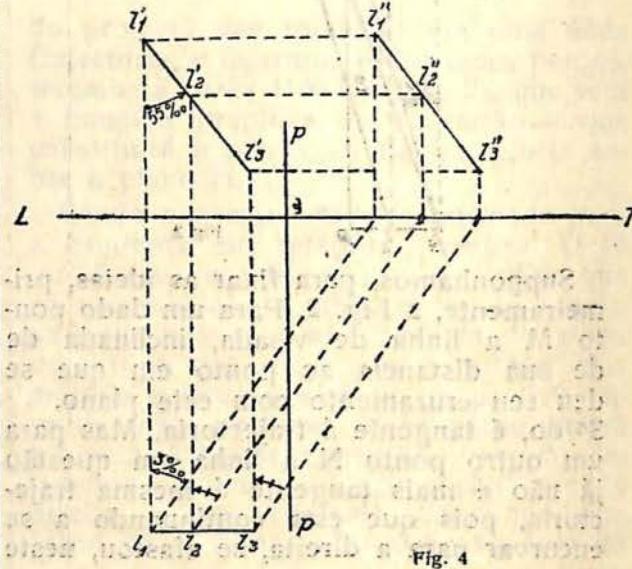


Fig. 4

da linha de visada com esse ponto e em seguida fiz variar o angulo de elevação de um modo crescente, isto é, obriguei a luneta a approximar-se gradativamente do plano de tiro. Verifiquei que, quanto maior o angulo de eleva-

ção, mais o cruzamento dos fios do reticulo se afastava para a direita e que, para cada accrescimo de 50% naquelle angulo, correspondia um desvio de 2 a 3% da linha de visada.

Isto se passa quer se conservando o angulo de tiro Oº registrado na alça e augmentando-se o sitio gradativamente de 50º/oo, por meio do volante de elevação, baixando-se em seguida o reflector da luneta para visar o ponto, quer se dando o accrescimo ao angulo de tiro, por meio do deslocamento da alça no respectivo encaixe, e verticalizando-se em seguida a luneta por meio do volante de elevação. Estes factos mostram que só existe, realmente, uma posição da luneta em relação ao plano de tiro, em que se tem o parallelismo entre

do plano de tiro e fugirá para a direita, quando o movimento da alça fôr o contrario. Constatâ-se tambem a fuga da bolha para a esquerda e para a direita deslocando-se a posição da origem de visada com o movimento de todo o sistema, apparelho de pontaria, encaixe da alça e supporte do encaixe, por meio do volante de elevação (porque não só o encaixe da alça tem a inclinação já referida, como tambem o seu proprio supporte).

Collocando-se a origem de visada sobre o plano de tiro, com o emprego da luneta no nível de pontaria, também não se tem a visada na direcção daquelle plano com 63.97 senão para uma determinada posição da luneta; e tal como, quando a luneta na alca, a cada augmen-

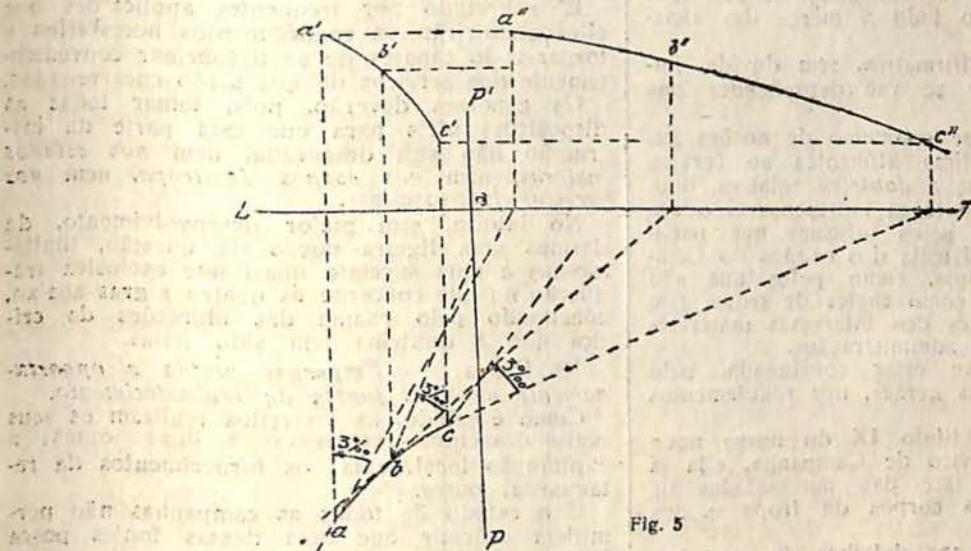


Fig. 5

o eixo óptico e aquelle plano, com a graduação 63.97 no goniometro, pois que si a cousa se passasse exactamente como se acha representada na Fig. 2, visar-se-ia sempre parallelamente ao plano de tiro, desde que se registrasse no goniometro a graduação 63.97. Mas isto só se tem, quando o obuz propriamente dito está na horizontal e a alça de mira na posição correspondente a angulo de tiro nullo. Para corroborar ainda mais o que ficou dito, pôde-se fazer a seguinte experiencia: Verticalizar a posição da luneta, collando o nível do eixo das rodas, em seguida fazer a alça de mira deslizar no respectivo encaixe: — A bolha fugirá dos reparos, e se dirigirá para a esquerda, quando se mergulhar a alça, isto é, quando fôr approximada

to de elevação corresponde um afastamento do cruzamento dos fios do reticulô para a direita, o que corrobora o que ficou dito na nota 2, relativamente ao nível de pontaria (3).

(Continúa)

TEN. PERY BEVILÁQUA

(3) — Com efeito, nos casos de pontaria pelo nível «a direcção é dada pela lente a panorâmica, do mesmo modo que, quando esta está na alça» (R. P. E. A. n. 183). Estas palavras do regulamento significam, portanto, que se toma os complementos de derivação (derivações complementares) nesta pontaria, do mesmo modo que, quando a luneta se acha na alça, o que importa em dizer que a derivação normal é eliminada por meio da inclinação do eixo óptico da luneta em relação ao plano de tiro, e dos montantes do nível de pontaria em relação à vertical.

Necessidade de uma doutrina de reabastecimento

Idéas da obra do Snr. Coronel Buchalet: Cours Général d'Intendance.

Para corresponder á nimia gentileza dos directores desta Revista, convidando-nos para collaborar neste numero especial commemorativo do primeiro centenario da nossa Independencia política, apresentamos aqui, com os nossos agracimentos, ligeiras noções de um dos problemas de subsistencia, idéas essas, está claro, não a nós pertencentes, e sim promanadas dos ensinamentos ministrados nas Escolas de Intendencia, sob a sabia direcção técnica do Snr. Coronel Buchalet, em 1921, e que se continuam.

Feita essa ressalva, prosigamos. Deverá haver um conjunto de noções geraes e regras praticas que possam orientar o serviço de reabastecimento das tropas em campanha, ou não será isso possível, ficando tudo a mercê das vicissitudes occasioaes?

A resposta pela affirmativa, sem duvida, impõe-se, e é o que se vai deprehender das linhas abaixo.

E é justamente esse conjunto de noções geraes e regras praticas attinentes ao serviço alludido que constitue a *doutrina* relativa, doutrina que já então se torna indispensavel o seu conhecimento, tanto «pelos officiaes que participam da accão coordenada dos órgãos do Comando e dos Serviços, como pelos que são chamados a intervir como chefes de tropa, isto é, como representantes dos interesses materiaes do soldado junto á administração».

Esta doutrina deve estar consignada, pelo menos em suas linhas geraes, nos regulamentos geraes de guerra.

E' assim que no titulo IX do nosso novo Regulamento do Serviço de Campanha, ella já é aprehendida em face das necessidades de aprovisionamento dos corpos de tropa e dos serviços.

No que concerne aos detalhes de organização e de execução, a regulamentação é especial, como a qualquer serviço.

Assim devemos ter um Regulamento do «Serviço de Alimentação em Campanha» como já possuimos um Regulamento sobre o Serviço de Estado Maior em Campanha e Regulamentos Tácticos sobre o emprego das armas, etc.

«Esse Regulamento do Serviço de Alimentação em Campanha, complementar do capítulo IX do R. S. C., deverá ter por objecto:

1.º, indicar o pessoal e os recursos materiaes de que pôde o commando dispor para assegurar a alimentação das tropas em campanha; e

2.º, expôr os principios geraes a applicar, assim como os processos a empregar para esse fim».

Como coroamento dessa preparação, diz Mr. Buchalet, (Isème. Cours Général d'Intendance), ha em França: 1.º, no ponto de vista dos Corpos de tropa, a *Instrução sobre o Serviço de Aprovisionamento nos Corpos e Serviços*; 2.º, no ponto de vista da Intendencia, a *Instrução sobre as Padarias de*

Campanha; a Instrução sobre o reabastecimento de carne; a Instrução sobre o reabastecimento de feno imprensado, etc.; 3.º, no ponto de vista geral, uma *Instrução sobre a alimentação durante os transportes em caminhos de ferro e sobre a organização e o funcionamento das Estações de alimentação, etc., etc.*

Diz ainda o mestre:

«Devemos a isso acrescentar, em razão de certas eventualidades cujo estudo se impõe á vossa previdencia, uma *Instrução sobre a organização (e a alimentação) das estradas de Etapas*; e uma *Instrução sobre a organização de Bases Marítimas e dos Transportes Militares por via marítima, notadamente*.

Citar-vos-ei textualmente, para terminar este assumpto, as recommendações collocadas no frontispicio da Instrução Franceza de 2 de Abril de 1914, sobre a *alimentação em campanha*: «E' indispensavel que em todos os grados de hierarchia, os officiaes e funcionários da Intendencia possuam bem os principios e a pratica do funcionamento dos diferentes modos de reabastecimento.

E' sobretudo por frequentes applicações que elles adquirirão os conhecimentos necessarios e tornar-se-ão capazes de se desobrigar convenientemente dos serviços de que serão encarregados.

Os geraes deverão, pois, tomar todas as disposições uteis para que esta parte da instrução não seja descurada, nem nos estados maiores, nem nos corpos de tropa, nem nos serviços interessados».

No intuito, sem maior desenvolvimento, de darmos uma ligeira noção da questão, limitamo-nos a uma succinta quasi que exclusiva tradução no que concerne ás quatro regras abaixo, concludo pelo exame das objecções da critica que á doutrina têm sido feitas.

1.ª Regra: — *Empregar mutua e oportunamente as duas fontes de reabastecimento.*

Como é sabido, os Exercitos realizam os seus reabastecimentos recorrendo a duas fontes: a exploração local, uma; os fornecimentos da retaguarda, outra.

E o estudo de todas as campanhas não permetem concluir que uma dessas fontes possa bastar ao reabastecimento dos exercitos, com exclusão da outra; o que nos leva a esta conclusão:

«mesmo no caso em que os recursos locaes são considerados como bastantes, é prudente, e portanto necessário, organizar a adducção dos recursos da retaguarda, e proceder nas mesmas condições como si os recursos locaes não existissem».

2.ª Regra: — *Reabastecer á Frente pela Retaguarda, quotidiana e automaticamente.*

Si não resta duvida que em todos os casos a experiencia indica que um reabastecimento proveniente da Retaguarda deve ser sempre organizado, essa mesma experiencia impõe-lhe a necessidade de um *movimento de regularidade quotidiana*; o que lhe tem feito dar o nome de *Reabastecimento Quotidiano Automatico*: (R. Q. A.)

A' primeira vista pareceria, dever estabelecer-se o principio de que, na *Frente*, sómente em caso de insufficiencia dos recursos locaes, se deveria recorrer aos recursos da *Retaguarda*, já os ahí accumulados, já os provindos da *Zona do Interior*.

Ora, pôde-se avaliar qual a importancia e a complexidade do esforço que exigirá o reabastecimento pela Retaguarda; e o dos stocks que é preciso reunir e movimentar atraç dos Exercitos, em condições de assegurar a estes, em tempo habitual, no minimo, um dia de subsistencia por dia, e em caso de marcha de estrada para a frente, dois dias approximadamente cada dia.

Seria, pois, pretender o impossivel e expôr a uma busca paralização os movimentos das grandes unidades, fazer depender o accionamento da immensa, complexa e delicada machina do reabastecimento pela Retaguarda de previos pedidos da Frente!

Mesmo em territorio agricola nacional, onde a exploração local seja a mais abundante, podem dar-se falhas na estimativa das previsões, motivando isso surpresas. E quando a tropa marcha, seu Serviço de Intendencia nem sempre tem tempo de reconhecer as disponibilidades, reunil-as e repartil-as, isto é, de agir em todos os casos com ordem e proveito.

E' pois de bôa tactica, e sobretudo no que nos concerne, diz o mestre, visto as dificuldades que devemos ter em conta em um bom funcionamento das ligações e transmissões, não esperar o conhecimento das necessidades da Frente para enviar-lhe da Retaguarda, automatica e diariamente, um dia, pelo menos, de viveres e forragens de primeira necessidade; salvo, bem entendido, os recursos que, com toda certeza, abundam no local, opportuna e previamente notificados.

3.^a Regra: — No geral, as sobras do reabastecimento não são devolvidas á Retaguarda.

A grande unidade que os detem deve, então, proceder exclusivamente diminuindo os fornecimentos ulteriores. Si uma ordem de marcha sobreveem, acontecendo que o excedente não possa ser transportado, será elle conduzido pelo Comboio Administrativo de Exercito ao Armazém de estação, ou a um outro orgão de transporte ou Armazém dependendo do Serviço das Etapas.

As tres regras acima, mostram que a instituição do Reabastecimento Quotidiano Automatico procede da necessidade miliar de assegurar em toda emergencia um minimo de subsistencia á tropa.

4.^a Regra: — (reabastecimento eventual): A diferença entre o minimo do reabastecimento quotidiano automatico e os recursos compatíveis com as necessidades será fornecida pelo Reabastecimento Eventual (feito tambem pe'a Retaguarda), o qual pôde, em caso de insuficiencia relativa ou total dos recursos locaes, tornar-se quotidiano, mas nunca automatico, pois que só mediante pedidos é elle exercitado.

Esses pedidos, de acordo com as previsões, serão feitos para um periodo, ou por dias, ou por indicação das quantidades (rações, peso ou capacidade).

Para concluir, convém examinar as duas refutações oppostas ao sistema do Reabastecimento Quotidiano Automatico:

1.^a. Sae muito caro, visto impor permanentemente um esforço de transporte oneroso, não só porque as arrumações e baldeações não se fazem sem perdas, quebras e avarias, como porque, em muitos casos, esse esforço poderia ser reduzido e economizado, si não fôra o automatismo quotidiano.

A resposta a esta objecção é simples: não se pôde, rasoavelmente, comparar uma economia eventual de dinheiro e de esforço, a mercê de possíveis eventualidades, com a t. anqui lidade resultante do unico processo que garantirá a certeza do reabastecimento.

2.^a. Elle dá uma tal placidez aos serviços provedores da Frente, e sobretudo aos Corpos consumidores, que é de temer da parte destes um certo desinteresse pelas possibilidades do reabastecimento que os recursos locaes poderiam offerecer á Frente.

Do mesmo modo esta objecção não se justifica:

Porque 1.^o, em principio, não devem os corpos de tropa preoccupar-se com a exploração local visando sua provisão propria.

Nos regimentos, notadamente, o commandante da tropa terá mais que fazer que procurar superintender esta parte do serviço; 2.^o, deve receiar-se que, premidas pela urgente necessidade quotidiana, as pequenas unidades interessadas realizem mesmo as suas compras ou façam as suas requisições, fóra das formas normaes requeridas e observando os cuidados desejaveis, além do estrito limite de suas necessidades.

E são já conhecidas as desastrosas repercusões que podem determinar as falhas do metodo e da ordem na execução da exploração dos recursos locaes.

Acontece mesmo, muitas vezes, em periodo de marcha, que a propria Intendencia Divisionaria não terá o tempo material indispensavel á direcção methodica das operações constitutivas do processo (reconhecimento previo da Zona, repartição dos contingentes, realização das compras e das requisições, transportes de reunião e de distribuição).

Finalmente, não se pôde avançar que a Intendencia da Frente se desinteressará da exploração dos recursos locaes, si esse Serviço tem cumprido com os seus deveres no tempo de paz e se acha provido de pessoal de guerra nas condições requeridas.

E aqui ficamos, declarando mais uma vez que neste modesto trabalho nada mais se pôde ver que uma como resumida e imperfeita tradução de paginas da obra do illustre Mr. Bu-chalet.

Rio, Setembro de 1922.

MAJOR JOÃO FREIRE JUÇA
(Do Quadro de Intendentes da Guerra)

Aos nossos camaradas que tenham duvidas sobre a interpretação de quaisquer pontos dos novos regulamentos tacticos e queiram comunicá-las á «A Defesa Nacional», em carta reservada ou não, participamos que sob a forma de commentarios aos textos regulamentares, divulgaremos os esclarecimentos prestados pelos Mestres.

Transferidores para Artilharia

(Conclusão)

Transferidor sistema Von BLITTERSDORFF-SCHER. Serve para transportar, da carta para a bateria, a direcção de tiro e para a medida de correcções lateraes nas mudanças de objectivo, quando o observatorio fica afastado, para a frente ou lateralmente.

I. — A determinação da correcção lateral necessaria para a mudança de objectivo é muito difícil quando o observatorio fica muito afastado para a frente ou lateralmente. O angulo que se mede no observatorio é inteiramente diverso do que deve ser commandado para a bateria. O calculo dessa correcção é necessário, pois que um bom numero de influencias deverá tambem ser levado em conta.

Recommenda-se, por isso, medir directamente na carta o afastamento angular entre os dois objectivos. Para isto é mistér um transferidor graduado com as unidades adoptadas na artilharia de campanha.

Este transferidor, transparente, feito de celluloid, e formado por um semi-círculo de 8 centímetros de diâmetro, permite lêr-se facilmente o angulo na carta. Do mesmo modo com elle se lê a distancia da posição ao objectivo, pois, os 8 semi-círculos concentricos existentes no mesmo, têm os respectivos diâmetros diferentes de 1 centímetro. Estes círculos permitem, tambem, uma boa apprehensão do afastamento dos tiros persistentes e dos de tempo da respectiva posição de fogo. Vê-se logo quaes os pontos que ficam dentro ou fóra desses semi-círculos correspondentes ao afastamento da peça respectiva.

Para a medida da correcção lateral, coloca-se o transferidor com o ponto central sobre o centro da posição de fogo e a linha 0-32 sobre o primeiro objectivo ou sobre o ponto de vigilancia. Leva-se, então, o cardel fixo ao ponto central estendido sobre o nosso objectivo e se lê o afastamento da linha 0-32.

II. — O afastamento angular de uma direcção de tiro da linha Norte-Sul será transportado para a bateria por meio do transferidor:

a) Quando, estando o observatorio afastado lateralmente ou á frente, não esteja ainda a bateria orientada para uma direcção de vigilancia ou para um objectivo; essa pontaria se faz, então, em vez de empregar-se o goniometro, com a determinação do afastamento do seguinte modo:

Coloca-se o transferidor com o diâmetro (linha 16-16) na direcção Norte-Sul geographic e o seu centro sobre a propria posição.

Para isto facilitar, preciso é tomar-se cuidado na collocação exacta das 3 linhas paralelas e 3 perpendiculares ao diâmetro do transferidor, nelle traçadas para esse fim, sobre linhas ou escriptos da carta respectivamente paralelas ou perpendiculares.

O transferidor, conforme a situação do objectivo, será disposto nas direcções de Este ou de Oeste da carta; estende-se, então, o cardel sobre o ponto de pontaria marcado na carta e nelle se lê o valor do angulo. O numero lido será corregido da declinação magnética do lugar e em seguida registrado no goniometro na bateria. Solta-se em seguida a agulha magnética, deixando que ella procure a marca N. Coloca-se, então, o goniometro, girando a parte superior sobre a inferior, na direcção 1600 e o mesmo fica, assim, afastado para o objectivo. Sua direcção será transportada para as peças pelo modo habitual.

b) Na artilharia de campanha recebe-se, tambem, em outros casos, a missão de determinar sómente pela carta a direcção do tiro. Principalmente aír de noite ou com nevoeiro, quando não foi possível fixar a direcção durante o dia precedente e se trata, por exemplo, de abrir o fogo sobre uma aldeia, bivaque ou outra qualquer porção de terreno ocupada pelo inimigo, trechos de estradas de ferro, pontes, desfiladeiros, etc.

A pontaria em direcção da bateria se faz como em a).

Aqui o mais que se pôde fazer é escolher para a collocação da bateria ou, pelo menos, do goniometro, um lugar cuja fixação exacta na carta seja possível; por exemplo, uma encruzilhada, entrada de aldeia, orla de floresta, etc. Se o goniometro fôr installado em tales pontos, dever-se-á eliminar o afastamento lateral da posição de tiro.

c) Tambem de dia, quando o objectivo a bater é sómente designado por informações aereas, mas não visivel do observatorio, a pontaria em direcção da bateria só poderá ser feita com o auxilio de um transferidor transportando-se, então, do goniometro o afastamento lateral do objectivo da direcção Norte-Sul ou de um alvo auxiliar (torre de igreja, etc.), segundo já se disse em II a) e I, respectivamente.

Presume-se que, para todo transporte do transferidor para a bateria, possa a posição desta ser exactamente fixada na carta; este será o caso *commum* na guerra de posição.

Na guerra de movimento nem sempre o primeiro ponto se medirá, então, difficult obter a primeira direcção de uma bateria em posição coberta, por exemplo, em florestas e terrenos pantanosos, por causa da impossibilidade de eliminar-se correctamente no goniometro o afastamento lateral. Por isso, se mesmo a posição da bateria não puder com toda certeza ser fixada na carta, se executa a pontaria inicial em direcção com o transferidor, pois, assim, o erro esperado será precisamente menor do que com o processo do goniometro com a eliminação do afastamento lateral.

O lugar da posição da bateria nenhuma influencia exerce com o emprego do transferidor.

III. — Se a pontaria foi feita sobre um alvo auxiliar situado no flanco ou na direcção, o numero lido no transferidor (como em I, mas com a linha 16-16 dirigida para o alvo auxiliar) tambem pôde ser imediatamente commandado para a bateria. (Commando: A' esquerda, ponto de pontaria torre da Igreja! 31.15!).

Este processo continua a ser um caso excepcional e não é recommendavel.

IV. — Para a medida dos afastamentos lateraes no terreno (equivalente do micrometro do binocolo) existe na parte inferior do transferidor uma escala centimetrica de 12 centimetros, cujo zero está no centro. Para isso estende-se o cordel e com a escala voltada para cima, mantem-se o transferidor a 50 centimetros á frente dos olhos e determina-se a divisão com a visada, partindo do zero.

A cada centimetro correspondem 20 divisões.

Outras possibilidades do emprego do transferidor

a) Determinação da declinação de um lugar.

Mede-se com o transferidor o angulo formado pela linha geographic Nort-Sul passando por um ponto precisamente marcado na carta (ponto trigonometrico, encruzilhada, saída de aldeia, etc.) e a linha que passa por um segundo ponto nas mesmas condições (torre de igreja). Com o instrumento disposto sobre será isso possível e será ainda mais o afastamento da linha que contém o outro ponto da direcção Nort-Sul magnetica. A diferença dos numeros dá a declinação do lugar. Verifica-se o resultado empregando o processo sobre maior numero de pontos.

b) Verificação do bom funcionamento da agulha magnetica de um goniometro ou de uma bussola.

No caso de declinação conhecida em relação a pontos como em a), é necessário haver uma exacta correspondencia entre os numeros do transferidor (diminuição na declinação) e do goniometro.

c) Orientação rápida no terreno feita por meio da carta sobre pontos desconhecidos do terreno (meios auxiliares para a confecção de um esboço panoramico utilizável para o tiro).

O angulo existente entre o ponto desconhecido e o conhecido do terreno será medido com o goniometro (Luneta binocular) e, por meio do transferidor, transportado para a carta. (Para isso é preciso que o ponto ocupado seja conhecido).

Se não existirem pontos conhecidos no terreno, lê-se-á no goniometro o afastamento da linha Nort-Sul deste da respectiva direcção para correção da declinação e o transferidor será colocado sobre a carta com o diametro na linha Nort-Sul geographic.

O cordel estendido segundo o angulo correspondente dará a direcção do ponto procurado.

d) Determinação exacta do ponto ocupado.

Se o ponto ocupado é desconhecido, elle será assignalado por meio do transferidor, pois, com o goniometro ou a luneta se mede o afastamento lateral de 3 pontos contidos na carta os quais, tanto quanto possível, devem estar longe um do outro. O transferidor será colocado sobre a carta e deslocado até que a linha correspondente á medida do angulo cubra os 3 pontos medidos. O ponto ocupado ficará, então, no ponto central do transmissor.

MAJOR PARGA RODRIGUES

R. I. S. G.

A commissão nomeada para reformar o R. I. S. G. trabalha actualmente, afim de se desobrigar da sua incumbencia.

Era realmente uma premente necessidade essa reforma; remodelar o R. I. S. G., pondo-o em harmonia com os novos regulamentos das armas, constituia já problema inadiável. Todos esperavamos ansiosamente o inicio desse trabalho, visto que o nosso muito manuseado «Risg» não correspondia mais ás necessidades dos corpos, em rasão dos innumeros cargos e serviços creados e que permaneciam sem regulamentação.

Na cavallaria, por exemplo, existem agora os officiaes dos pormenores, officiaes chefes das transmissões, sargentos forrieis, sargentos de informações, cabos forrieis, cabos sapadores, pessoal dos pormenores, etc., etc., cujos deveres ignoramos completamente. Com relação aos sargentos ajudantes dos esquadrões, apenas sabemos que comandam e dirigem os cavallos de mão dos esquadrões quando reunidos em um só grupo. Portanto, nada mais opportuno e mais necessário do que a modificação d'aquele regulamento.

A tarefa dada áquella commissão se nos afigura importantissima, exigindo um estudo cuidadoso sobre todos os assuntos de que cogita o «Risg», nem só porque tem de definir e especificar as funcções dos cargos novos como porque, mesmo no que se refere ás velhas prescrições, ha alterações a faser.

Com a devida venia e como simples lembrança, tomamos a liberdade de citar o caso do capitão ajudante dos regi-

mentos de cavallaria concorrer no comando dos esquadrões.

Com efeito, o art. 188 confere ao ajudante attribuições analogas ás dos seus similares no batalhão de caçadores, e o 181, relativo ao batalhão de caçadores, no final do seu paragrapho unico, estabelece que o ajudante capitão concorrerá no commando de companhia.

Não sabemos como nos corpos do Rio tem sido interpretada essa disposição; entretanto, garantimos que em alguns do Rio Grande do Sul ella tem obrigado capitães ajudantes a deixar suas funcções proprias para assumir interinamente commandos de esquadrão.

Temos visto, por lá, o capitão ajudante conservar-se meses afastado do seu cargo, passando interinamente do commando de um para o de outro esquadrão, enquanto um subalterno exerce tambem interinamente o cargo de ajudante.

No 5.º R. C. I., em 1921, o signatario destas linhas, que era então ajudante, ao apresentar-se ao corpo, assumiu interinamente o commando do 4.º esquadrão em vez de tomar posse do seu cargo que estava sendo servido por um 1.º tenente, alias excellente e digno official.

Essa anomalia é de tal ordem, no Rio Grande, que o capitão ajudante, apesar de prompto no regimento, pôde passar annos sem exercer suas funcções por isso que sempre falta pelo menos um dos capitães dos esquadrões e o ajudante concorrendo com os subalternos e sendo mais graduado é sempre o que primeiro comanda interinamente.

Por certo, uma tal disposição é absurda e aberra de todos os principios de organisação, não offerecendo tambem nenhuma vantagem para a instrucção nem para o serviço. Ao contrario, perturba uma e outro porque em vez de uma só interinidade acarreta, de facto, sempre duas, a do cargo de ajudante e a do esquadrão.

Parece, pois, que ella não deve continuar no novo «Risg», principalmente agora que o ajudante comanda o «esquadrão» extranumerario que, sendo pelotão, é muito maior do que o antigo estado menor. Pedimos, portanto, á «Defesa Nacional» que aproveite a oportunidade e advogue a revogação de tal medida.

CAP. JOHNSON

OUTRO CENTENARIO

Pelo se prender intimamente ao glorioso Centenario, 'que ora com justo orgulho celebramos, talvez não seja de todo extemporanea nem ridicula a recordação historica contida neste capítulo de despretenciosa literatura militar.

Condensando sobrejas provas em paginas convincentes, assevera Manuel Bomfim no *A America Latina* que o Brasil, mesmo depois da Independencia — pela força incoercível de motivos historicos, ethnicos e de tradição — continuou subalterno prolongamento da minuscula metropole, sendo os seus institutos politicos e socies, em regra, meros reflexos, canhestras imitações ou despejadas sobrevidências reinões.

O absoluto do asserto deve enredomar num parentese de excepção a guarda nacional. Ha convizinhaça de datas, mas cabe-nos a prioridade: a nossa foi creada pela lei de 18 de Agosto de 1831; a portugueza pelo decreto de 29 de Março de 1834, unica obra escorreita que, sob a lente inexoravel de José Caldas, apruma em envergadura estadistica o perfil valcillante do ministro Aguiar. E o critico luso salienta primorosa definição: «guarda nacional é a sociedade armada no seu proprio interesse e defeza.»

Além da apontada diferença, a nossa retrocede mais alguns annos até á Guarda Civica que D. Pedro I, em S. Paulo, a bocca ainda ungida do grito do Ypiranga, pela portaria de 9. de Setembro de 1822, permitiu se organizasse para «defender a independencia do Brasil e zelar a sua tranquillidade interna», intuições fundamentaes reproduzidos nas leis de 1831 e 602 de 19 de Setembro de 1850.

Abeira-se, portanto, da vulnerabilidade de um seculo a nossa milícia, mas de tal sorte tremalhada, ao fluir de decennios e decennios, que ainda tacteia o vao conducente a rectilíneo caminho de proveitosa realidade.

Fonte do insucesso não é a parcimonia de avisos, regulamentos, leis, consultas, decretos, etc.: sempre borbulharam, prodigos e eruditos, adormecendo, porém, na inanidade das bellas resoluções adiadas e esquecidas.

Vultuoso conjunto de circunstancias de origens varias é que, com teimosia, tem lançado travancas nas trilhas proprias á sua marcha desenvolta, sobrelevando-se, nessa rēde de causas complexas, a nossa hereditariamente má educação politica, que tudo atropella e tudo sacrifica aos seus interessiculos. Ella, a cumplice principal do fracasso; ella que, não satisfeita com arredar a guarda, como tantos institutos uteis, de seus altos destinos patrioticos, se esgueirou, á sorrelfa, portas a dentro da Constituinte Republicana procurando envolver o Exercito em seus implacaveis tentaculos constrictores. Escachou-a, de golpe, illustre discípulo de Benjamin Constant, o deputado Serzedello Corrêa, mas do bote insidioso ficaram vestigios em celebre emenda pondo as unidades do Exercito á mercé dos governos estaduaes, que as podiam aceitar ou recusar em seus dominios, bem como reclamar a immediata remoção dos commandantes, desde que os não tivessem mais como *personas gratas*!

Todavia, se a guarda jamais correspondeu literalmente aos amplos designios por que foi

creada e mantida, é fóra de duvida que, a despeito de todos os ventos em contrario, tem contribuido largamente com inestimaveis e indiscutíveis serviços ao paiz. Seria enfadonho summarialos, respingando alguns episodios de nossos fastos militares, a começar da cruentissima guerra do Paraguay, na qual ella foi valioso auxiliar do Exercito, desde a primeira hora. Sabe-se que Lopes mal aprisionou o «Marquez de Olinda», prestes invadiu a província de Matto Grosso, onde o presidente, general Alexandre Albino de Carvalho, logo mobilizou duas brigadas, uma de tropa regular e outra da guarda nacional. Era pouco para eficiente antemural á audacia fanatica dos invasores: o governo brasileiro «por decreto n. 3.381 de 21 de Janeiro de 1865, chamou ao serviço de des-tacamento na Província de Matto Grosso, 3.000 guardas nacionaes de S. Paulo e por outro decreto (n. 3.382) do mesmo dia chamou tambem a serviço na mesma Província, 6.000 guardas nacionaes de Minas.»

Esse appello á milicia cidadã, no inicio da guerra, tinha que se repetir no desenrolar dos acontecimentos, como de facto sucedeu, entre outras vezes, depois do desastre de Curupaiti, quando foram chamados ás armas mais dez mil guardas nacionaes. A mobilisação dessa milicia foi das primeiras medidas apressadas resolvidas pelo governo, deante da repentina investida paraguaya. Resolveu: recrutamento geral, mobilização da guarda, augmento da marinha, criação de arsenaes e de corpos de voluntarios da Patria.

Em relação á guarda nacional, no Rio Grande do Sul, convem notar que, alguns annos antes, já o governo della lançara mão para entrentar o não menos truculento dictador Rosas. Por essa occasião (1851) foram distinguídos com commandos em Quarahim, Caçapava e Rio Pardo, respectivamente, os coronéis David Canabarro, José Gomes Portinho e José Joaquim de Andrade Neves, o Bayard brasileiro, o «bravo dos bravos», como o qualificou o inclito Caxias. Mais tarde, esses tres officiaes da guarda nacional, e ainda outros de destaque na guerra paraguaya, tiveram as honras de brigadeiro.

Bastava o nome legendario do Barão do Triunpho para assignalar, de modo inconfundivel, a proficia cooperação da velha guarda na tremenda campanha.

Da incomparavel serie de actos de heroismo brasileiro na sangrenta peleja de 5 annos, não precisamos destacar episodios que realcem o valor da milicia cidadã. Ella, como diversas tropas, se orgulha de lances memoraveis, como a arrojada façanha do tenente-coronel Antonio José de Moura, commandante do 11 de cavalaria da guarda nacional sul-riograndense, tomando com 40 companheiros, dos quaes apenas 6 sobreviveram, o degrado onde Lopes torturava 400 prisioneiros; e a temeraria bravura do 17 de infantaria da referida milicia no terrivel desfiladeiro de Sapucay.

Manuseie-se qualquier compendio que amiude a historia do memoravel lustro: rara a operação em que a guarda nacional não tivesse representantes, a começar da epopeia da Laguna, para a qual concorreu tambem o heroismo dos capitães Delfino Rodrigues de Almeida e Caetano da Silva Albuquerque, alferes João Pa-



checo de Almeida, Serafim Augusto Moreira, Manuel Joaquim de Oliveira e outros, tendo sido o capitão Rufino, o *Pisa-flóres*, figura de brilhante relevo.

Não só officiaes, esses representantes em quasi todas as nossas emergencias bellicas, também praças de pret: eram guardas nacionaes, por exemplo, os dois soldados que acompanharam o bravo general Camara até ás margens do Aiquidaban, onde o sinistro Lopes encontrou a sua ultima e irremediavel derrota e o Brasil a victoria suprema, preparada por ardua e gloriosa serie de triumphos immortaes.

Arrastando-se penosamente da aurora de nos-sa vida autonoma, dos primeiros mezes da minoridade, a guarda arribou aos dias contemporaneos de todo avassalada pela maré montante do desprestigio, em deplorabilissima desbandada. Coimo «nucleo de incompetentes e inuteis» fulminou-a, vae por pouco, um deputado fluminense em plenario da Camara Federal. As mais vividas esperanças num miraculoso resurgimento diminuiam a olhos vistos e apenas raros esforços insulados, com singular teimosia patriotica, se debatiam na resistencia á onda que, de roldão, ia levando o velho instituto miliciano para o vortice de extremo desbarato. Manifesta a descrença commum de abrir-se o raio de sol de uma pouca de ordem na cagagem desse cahos. Em 1908 o Exercito soffreu notavel reorganisação, mas, quer na lei 1.860 de 4 de Janeiro, quer no respectivo regulamento a guarda figura como vaga 3.^a linha, visivelmente relegada para as calendas gregas.

De repente, extraordinario phenomeno sismico sacode o mundo e desequilibra a vida universal. A conflagração europea, reflectindo-se em todos os paizes, sobalçou em expoente, de maneira inadiavel, o problema de nossa defesa militar. Já na remodelação das forças de terra, em virtude do decreto 11.417 de 23 de Fevereiro de 1915, a antiga tropa fórmula como 2.^a linha do Exercito e ahi se conservou pelo decreto n. 13.040 de 29 de Maio de 1918, o qual a reconstituiu como auxiliar, com as antigas características de força civica. Quando a gestão do marechal Caetano de Faria não tivesse a effectividade do sorteio militar, que remoçou e transformou o Exercito, nesse teria titulo de perduravel realce, pois o alludido decreto 13.040 trouxe, ao menos, o estanque da inexhaustivel torneira das patentes, metamorfoseadas absurdamente em fontes de renda publica! Esse decreto accendeu alentos novos. Não é, nem podia ser, phantasia tessitura de ineditismos. Retomando o fio tradicional, quanto aos fins da guarda, á oportunidade e aos meios de seu emprego, procura eliminar abusos e corrigir vicios que a inutilizaram. A identidade de fins resalta do conforto entre dito decreto e as leis de 1831 e 1850; o mesmo relativamente á mobilisaçao. O que elle não iez, como em geral se suppõe, foi extinguir a guarda nacional, por lhe ser impossivel dergar num dispositivo da Constituição da Republica, contra a qual, de resto, investiu ao usar impropriamente a denominação «Exercito de 2.^a linha», em vez de «2.^a linha do Exercito», pois pela Constituição o Brasil só tem um Exercito.

Onde o decreto 13.040 discrepa das leis anteriores é precisamente no ponto tido como causa originaria de todos os males: o recrutamento da officialidade. A Republica adoptou o criterio antigo e pelo decreto 1.121 de Dezembro de 1890, organizando a guarda da Capital Federal, extensivo aos Estados pelo de n. 146 de 1891 os postos: de «alferes e 2.^{os} tenentes serão preenchidos pelos cidadãos cuja capacidade moral, intellectual e activa disso os tornem dignos; os de tenentes, capitães e maiores, preenchidos, metade por merecimento e metade por antiguidade; os de tenente-coronel e coronel por escolha do governo.» Já eram precarias essas disposições, mas, fazendo tabo raza, lá vinha uma outra anarchisadora dando ao governo o direito de não se cingir á proposta do comando superior, devolvê-la, alteral-a e, por fim, «nomear livremente os officiaes.»

Esta faculdade discricionaria, ou melhor, esta porta escancarada á politicagem, redundou pelo largo abuso em consequencias funestas. O decreto 13.040 elimina-a por completo e estabelece outro sistema de recrutamento de malhas mais estreitas — exame e serviços de guerra —, notando-se, porém, que só tem sido observada a parte relativa aos officiaes com aquelle requisito. Com efeito: a parte relativa aos officiaes com serviços de guerra tem sido sophismada, o que é de facil evidencia: o decreto 13.040, cujas disposições geraes foram mantidas pelo de n. 14.748 de 28 de Março de 1921, ao determinar certa formalidade aos officiaes da guarda nacional que desejassem aproveitamento no Exercito de 2.^a linha, exceptuou taxativamente os officiaes com serviços de guerra, isto é, já os considerou ipso facto dentro da nova organisação, tanto que lhes reservou apenas opportuna classificação nas unidades. Entretanto, mesmo sem que estas existam, os officiaes com exame são logo incluidos na 2.^a linha e os outros ha mais de 4 annos aguardam oportunidade, não para classificação nos corpos, o que não seria de extranhar, mas para transferencia... da guarda para o Exercito de 2.^a linha.

E talvez fiquem á espreita indefinidamente, não só porque o decreto 15.231 de 31 de Dezembro de 1921 trancou as transferencias, como porque na practica infelizmente parece ter falhado o decreto remodelador de Maio de 918. Uma das provas da fallencia está no decreto 15.102 de 22 de Maio de 1922 dissolvendo unidades da 2.^a linha por não prestar «a organisação que lhes foi dada», a qual, aliás, segundo a letra e o espirito da lei, devia ser identica á da 1.^a linha. E surge aqui uma impertinencia dilemmatica: ou o decreto 13.040 tambem sob esse ponto estava sendo mal comprehendido e executado, ou a organisação do Exercito activo «não corresponde ás necessidades da defesa nacional.»

Como quer que seja, a verdade é que vamos retardando a efficacia de uma categoria de tropa que a grande guerra acaba de demonstrar não ser despresivel. E' corrente o papel importante que as reservas desempenham no formidavel prelio europeu. Basta a relembrança de um caso, colhido de preferencia no paiz yankee por se tratar do «exercito da democracia» e esta palavra, com fulgures-

de epopeias e apotheoses de martyrios, repercutir na historia patria designando o traço proeminente de nossa idiosincrasia de povo cioso da liberdade.

A guerra surprehendeu os Estados Unidos da America do Norte com 675.000 homens efectivos e 400.000 guardas nacionaes, os quaes foram immediatamente mobilizados e, com 400.000 daquelles, distribuidos por 16 acampamentos de instrucao intensiva. E para as reservas continuou a appellar no afan patriotico de possuir milhões de combatentes, o que conseguiu. Ellas, porém, não eram compostas de neophytes no servico das armas: em tempo de paz tinham sido cuidadosamente organisadas e adextradas, nivellados nas fileiras cidadãos de officios modestos, plutocratas e laureados em profissões ditas liberaes.

Repleto de ensinamentos o lance, destacando-se a lição de que os cidadãos, de quaisquer misteres, sempre devem conseguir algumas horas para instrucao militar, ficando aptos á defesa da Patria, ao primeiro rebate. De onde tambem a lição corroboradora do asserto de que a guarda nacional, como força só em circumstancias especiaes chamada ao servico activo, é a propria sociedade armada em seu proveito e, como tal, constituída de individuos de multiplas occupações.

Não pôde ser constituída unicamente de determinada classe de escol. O notavel escriptor Henry Roujou, da Academia Franceza, autobiographando-se «Au fil du souvenir», conta que o papão aterrorizante de sua infancia fôra um carvoeiro, que lhe morava defronte, em Paris. Da janella via-o ennegrecido e horrivel, ao fundo de sua escura furna. «Mas, um bello dia, qual não foi meu espanto ao ver o phantastico e temido personagem emergir de seu antro sob outro aspecto inteiramente diverso, e que aspecto! o de capitão da guarda nacional, rosto corado, barbeado de fresco, deslumbrante, gloriosamente limpo! Ao mesmo tempo que me era revelada a magestade de um cidadão-soldado...»

E' esta verdade que ainda não tomamos a serio.

TTE. CEL. EUCLIDES BANDEIRA
Da Guarda Nacional

Com quanto não esteja ainda publicado o relatorio da commissão, podemos adivinhar que as conclusões finaes deduzidas dos ensaios foram já levadas ao conhecimento do Governo e encerram, em synthese, uma apreciação favoravel do referido material, por cuja adopção os nossos technicos unanimemente se manifestaram.

O voto da commissão junto ás qualidades intrinsecas do modelo estudado, induz-nos a crêr que não será longo o prazo no qual a nossa artilharia possa vêr-se dotada, enfim, de meios capazes de corresponder ás suas necessidades e aspirações.

O canhão de montanha Schneider, tal qual resulta dos aperfeiçoamentos introduzidos em 1919, é com efeito, na actualidade, o mais autorizado representante da potencia balistica, no que concerne a esse genero especial de boccas do fogo. O seu rendimento por kilogramma do peso da peça em bateria vale perfeitamente o dos modernos canhões de campanha do mesmo calibre e alcança o elevado numero de 88 kgm.

A' faculdade de atirar a 9 km. de distancia um projectil da capacidade explosiva da granada de aço mod. 1917, regulamentar na artilharia de campanha franceza (todos os projectis de 75 m/m. franceses, são utilizados por este canhão), reune elle a de offerecer um grande campo de tiro horizontal, qualidade esta de veras preciosa deante das idéas aceitas na tactica da artilharia (augmento da frente a bater, mudanças rápidas de objectivo, concentrações oportunas de fogos), sobretudo na guerra de montanha, em que nem sempre será possivel dispôr de muitas peças em um mesmo sector.

Estes requisitos essenciaes completâm-se por uma sufficiente mobilidade, graças ao peso relativamente moderado do material, que pôde deslocar-se, quer transportado em cargueiros, pela necessaria decomposição em elementos, quer puxado como viatura de duas ou quatro rodas. No primeiro caso são precisos sete muares; no segundo bastam dois ou tres, e o material transforma-se em viatura de duas rodas, mediante o rebatimento da flecha e a adjuncção de um varal á testa do reparo, ou em viatura de quatro rodas, pela reunião da flecha a um pequeno armão que contém munições.

Conforme observa o autor de um estudo publicado nos numeros de Abril,

EXPERIENCIAS DE ARTILHARIA

Por determinação do Ministerio da Guerra, uma commissão de officiaes de artilharia occupou-se ultimamente de estudos e experiencias com um canhão de montanha, typo poderoso, apresentado pela casa Schneider.

Durante cerca de quatro meses de ininterrupto labor, tiveram os nossos profissionaes de enfrentar os varios problemas decorrentes da realização do programma que lhes norteou os trabalhos e no qual foram compendiadas as exigencias de caracter diverso impostas ao material.

Maio e Junho deste anno, da *Revue d'Artillerie*,⁽¹⁾ são vastas as possibilidades de acção da artilharia de montanha, e os principios geraes relativos ao emprego tactico da arma permanecem sensivelmente os mesmos quaesquer que sejam as situações de terreno. Não é só nas regiões accidentadas que a artilharia de campanha poderá revelar-se incapaz de agir ou acompanhar os lances da infanteria. Os casos de especie abundarão igualmente em paiz plano. Para exemplificar e não ter duvidas a respeito, basta que nos figuremos a hypothese de uma zona de operações analoga á da baixada fluminense: ella será inacessivel a qualquer material de campanha.

Percebe-se então como, no dizer daquelle autor, uma artilharia de dorso de animal, convenientemente organizada, constitue um verdadeiro trunfo em mãos de um commandante de tropas que saiba aproveital-a onde, quando e como fôr necessário.

Esta conclusão é irrefutavel quando se tem em vista a modalidade peculiar ao caso brasileiro. Somos um paiz desprovido de estradas e animaes de tracção, e o problema do deslocamento e consecutiva utilização da artilharia leve só poderá ser vantajosamente solucionado conjugando um sistema de peças naquellas condições ao sistema formado pelas peças de campanha propriamente ditas. No todo assim constituído não será difícil enxergar nas peças da primeira categoria os colaboradores indispensaveis das segundas na generalidade das missões a estas commumente atribuidas. E se é patente a inferioridade balistica de umas com relação ás outras,⁽²⁾ resta a convicção de

(1) Capitão A. Mortureux. — *Considerações sur l'artillerie de montagne.*

(2) A perda de efficacia do shrapnel, devido á só diferença da velocidade de projecção, é, por assim dizer, irremediable, a menos que se queira estabelecer uma sorte de compensação, pelo aumento do peso dos balins. A diminuição de alcance é igualmente fatal para todos os projectis. Nada impede, porém, conceber que, levada em conta a precisão propria do material, o emprego de uma polvora de vivacidade conveniente, como as balistites attenuadas, consiga restringir o desvio provavel, pelo menos nas medias distancias, aos valores usuais no canhão de campanha.

No ponto de vista — destruições — a aptidão dos dois materiaes será praticamente a mesma, pois, se um dispõe de maiores velocidades resstantes, o outro realiza melhor a gamma dos angulos de queda.

que em muitas circunstancias, mesmo nos nossos mais provaveis theatros de operações, a artilharia de montanha, transportada em lombo de cagueiros, constituirá a nossa unica e verdadeira artilharia de primeira linha; quer dizer, ella participará oportunamente de todas as acções, ao passo que, não raro, a artilharia de campanha propriamente dita chegará tarde ás suas posições de combate ou as não alcançará nunca...

Cremos vêr assim justificado o interesse que em nosso publico militar, sobretudo entre artilheiros, despertaram as experiencias já referidas e haver, por outro lado, curiosidade em conhecer as disposições geraes e os dados numericos e balisticos mais importantes do material em questão.

Recordemos que a primeira tentativa de Schneider para resolver a questão do canhão de montanha poderoso, data de 1906, com a criação de um typo que realizava uma energia viva na bocca de 46 tm. O progresso era consideravel, pois os modelos existentes na época attingiam no maximo uma potencia comprehendida entre 20 e 28 tm., conforme atesta o exemplo do nosso material Krupp adquirido em 1905 (21 tm.).

A partir de então os melhoramentos se accentuaram e vêm os resumidos, antes de 1914, no material modelo 1911, dotado de alça de mira independente e apto a atirar a 6400 m. e sob um angulo de 30° um projectil de 6k,5 de grande rendimento explosivo.

A experimentação de quatro annos de guerra conduziu, finalmente, ao typo aperfeiçoado de 1919, cuja característica primordial é a potencia aliada á mobilidade e á simplicidade de construção e serviço.

Com as modificações proprias ao genero, este canhão entra, pelo conjunto dos dispositivos, no sistema de artilharia dos fabricantes, e pôde dividir-se em quatro partes principaes: 1) o tubo ou bocca de fogo propriamente dita, com a fechadura de culatra, typo parafuso excentrico; 2) o trenó; 3 o berço; 4) o reparo, ligado ao sistema formado pelas rodas e o eixo respectivo, que é dobrado.

O tubo, composto de dois outros facilmente separaveis para o transporte, é fixado ao trenó, que com elle recua e encerra os orgãos de frenamento e recuperação. Durante o recuo ou a volta á posição

de tiro, é a massa móvel continuamente guiada pelo berço, em torno de cujos muñões se faz a pontaria em altura, mediante um duplo sector dentado. A massa oscilladora (canhão, trenó e berço) prende-se dest'arte ao reparo, e o todo se desloca ao longo do eixo das rodas, girando sobre a pá da conteira, para os efeitos da pontaria lateral.

A organização do material é completada pelos escudos, da peça e dos muniçadores, e pelo apparelho de pontaria, que consta de uma alça curva associada a um goniometro panoramico.

Enfim, o eixo dobrado exerce uma dupla função: mantem a estabilidade da peça no tiro com pequenos angulos (posição baixa) e permite o longo recuo do cano nas grandes elevações, sem que haja

mister cavar o solo por baixo das falcas (posição alta). Ambas estas posições do eixo podem ser aproveitadas no rolamanto, achando-se a posição alta naturalmente indicada para os terrenos cobertos de arbustos, raízes salientes ou tócos.

O transporte da peça completa requer, como foi dito, sete muares, assim distriduidos: dois para o tubo, um para as rodas e o eixo, dois para o reparo (testa e flecha), um para o berço-trenó, um para os escudos. O fardo mais pesado corresponde ao berço-trenó (124 kg.), e este, bem como a flecha e o tubo propriamente dito, em virtude de suas fórmas e dimensões, podem ser dispostos, quer ao longo do animal, quer transversalmente a elle. O peso das cangalhas com os respectivos arreios oscilla entre 34 e 36 kg.

Dados numericos

Calibre		mm.	75
Comprimento do cano em calibres		cal.	18,6
Número			28
Raias	Inclinação, a direitá		gráos
Grandeza do passo		cal.	8°
Peso do cano com fechadura		kg.	22,2
Peso da fechadura			216
Peso da peça em bateria			16,5
Peso da peça com varal de tracção			670
Largura da via		mm.	692
Diametro das rodas		mm.	1250
Largura do trilho		mm.	900
Altura da linha de fogo	Eixo baixo	mm.	50
Eixo alto		mm.	745
Campo de tiro horizontal		mm.	1110
Campo de tiro vertical	Eixo baixo	millesimos	175
Eixo alto		Gráos	— 10° a + 20°
			+ 15° a + 40°

Dados balisticos

Velocidade inicial	Shrapnel	m/s	335 — 350
	Granada mod. 1915		450
	Granada mod. 1917		430
Pressão dos gases na camara	Shrapnel	kg. + cm. ²	1700
	Granada mod. 1915		1900
	Granada mod. 1917		2000
Alcance maximo (com a granada mod. 1917)		cerca de	9 km.
Força viva na boca (granada mod. 1917)		tm.	59

A piryte e o algodão nacionais

Para esta Revista é sempre motivo de alegria o saber e publicar que a nossa industria militar deu mais um passo no sentido de sua completa independencia. E' assim que temos o prazer de comunicar aos nossos leitores que em boa hora a F. P. S. F., voltou a empregar a pyrite nacional, de Minas, no fabrico do acido sulfurico necessario á produçao da polvora. Esta noticia é tanto mais alviçareira quanto se sabe que o resultado foi satisfatorio.

Que a actual Directoria daquelle estabelecimento fabril, seguindo a mesma rota da passada, que soube vencer immensas diffuldades, continue a mostrar-se empenhada em actos de sadio patriotismo, do vulto e importancia do

que ora apontamos são os nossos ardentes votos. Aliás, numa primeira tentativa feita ha annos, logo abandonada, se dera na anterior passagem por aquella Fabrica do Coronel Francisco Widmann. Em sua ultima gestão voltou a empregar a pyrite nacional, vendo coroada essa intelligente iniciativa do melhor exito. Temos legítimas esperanças de ver, dentro em breve, empregar-se tambem naquella Fabrica o algodão nacional na manufactura das diversas polvoras chimicas.

Para nossos corações de patriotas essas realisações intelligentes e praticas correspondem a tonicos energicos que nos levam a pensar num Brazil futuro, forte, respeitado e independente em todos os sentidos, muito diferente do quadro triste e desanimador que nos apresenta a

actualidade. Oxalá, o actual Director daquelle estabelecimento, prosiga bella directriz traçada de fazer uma polvora nacional, não apenas porque é fabricada no Brasil, mas sim porque os elementos componentes sejam genuinamente brasileiros, extraídos do solo patrio.

A pyrite é o sulfureto de ferro FeS_2 , que se encontra em cristais cubicos brilhantes de cor de latão; é empregado no fabrico do ácido sulfúrico.

FACTOS & NOTAS

EDUCAÇÃO CÍVICA

Todos os países do mundo se preocupam presentemente, com verdadeiro ardor, do burlamento de sua educação nacional e cívica.

Em circular ha pouco enviada aos professores da Belgica, o respectivo ministro da instrução assim se expressa: «Por dignidade e por amor a nossa liberdade, poderemos de um momento para outro, ter necessidade de recorrer á guerra. Torna-se imprescindivel um acurado pregar material e moral. Soldados imcompletamente adestrados não constituem um exercito mas apenas hondas que não resistem ao choque do inimigo e serão massacrados. Os educadores da mocidade deverão frisar e por em evidencia que o serviço militar é um premio de seguro contra os perigos de uma invasão. Um povo que não se prepara para defender-se attrahe a invasão». E mais ainda: «Que si faça sentir quando é covarde e anti-patriotico o cidadão que procura eximir-se ao serviço militar, quer praticando fraudes no recrutamento, quer não se apresentando, quer desertando».

SERVIÇO CHÍMICO DE GUERRA

Foi ha pouco reorganizado nos Estados Unidos o «Chemical Warfare Service», criado alli a 4 de Junho de 1920.

Para o pregar de officiaes e praças graduadas que se destinam aos serviços de gazes nas unidades está funcionando uma escola especial em Lakehurst.

O quadro se compõe de 101 officiaes e 776 praças.

CONCURSO DE CÃES PARA O SERVIÇO DE ESTAFETAS

O M. G. da França acaba de determinar a realização em Satory, proximo a Versailles, de um concurso de cães para a transmissão de comunicações, serviço que teve grande valor na ultima guerra.

Apenas serão excluidos do concurso os cães de caça e os de menos de 0,50 m de altura.

Os que obtiverem classificações serão matriculados pelas auctoridades militares, alim de serem mobilizados no caso de guerra.

INSPECTOR GERAL DO EXERCITO

O marchal Petain acaba de ser nomeado inspector geral do exercito francês, cargo que desempenhará com o de vice-presidente do Con-

selho Superior de Guerra e que lhe dá direito a ser o futuro commandante em chefe dos exercitos franceses, no caso de guerra.

Em tempo de paz, competirá ao inspector geral do exercito: ser o conselheiro technico permanente do ministro da guerra em tudo quanto se relate com a preparação das tropas e serviços para a guerra, para o que terá o direito permanente de inspecionar as unidades de todas as armas e serviços, propondo as modificações necessarias á sua organisação, instrução e mobilização, podendo ainda, como delegado do ministro, ser encarregado de missões especiaes sobre organismos dependentes directamente do ministro, inclusive a administração central; exercer auctoridade directa sobre os membros do Conselho Superior de Guerra e inspectores geraes de armas e serviços, sendo-lhe enviados directamente os relatorios desses inspectores; propôr ao ministro as nomeações dos commandantes das grandes unidades, tanto na paz como na guerra, bem como as promocões e recompensas do pessoal do Conselho Superior de Guerra e inspectores de armas e serviços; propôr a reunião do Conselho sempre que entenda necessário, presidindo as reuniões preparatorias das sessões plenarias; ser consultado pelo ministro sobre tudo quanto se relate aos officiaes generaes; dar as directivas necessarias ao chefe do Estado-Maior-General, ao qual competirá submeter á sua apreciação todas as questões relativas á organisação, instrução e mobilização das tropas; visar todos os documentos emanados do E. M. e destinados ao ministro; fazer parte do Conselho Superior da Defesa Nacional, presidindo as commissões superiores incumbidas do estudo e questões relativas a essa defesa, tales como a commissão militar superior dos caminhos de ferro, a da defesa de costa, a de redacção de novos regulamentos, etc.

O AVIÃO MAIS PODEROSO DO MUNDO

O exercito inglez vae receber o avião mais poderoso do mundo e que se está construindo na Inglaterra.

Emprega motores de 1.000 H. P., de um novo tipo e poderá transportar 2 a 3 toneladas de explosivos.

Graças á sua velocidade e á potencia do seu armamento, podera resistir a todos os ataques, sem precisar de escoltas.

Quanto ás suas caracteristicas, guarda-se completo sigillo.

CONSTRUÇÃO DE SUBMÁRINOS

O governo argentino constrói actualmente no porto militar de Bahia Blanca varios submárinos, empregando pessoal e materiais alemaes.

Os trabalhos são secretos, sendo prohibida a entrada na zona respectiva de construção.

Talvez se trate de submárinos do tipo «U», de 820/1.010 tons., velocidade de 15,5/8 nós e armamento constituído de 2 peças de 10,5 cm. e 6 tubos lança-torpedos.

LANÇAMENTOS DE MINAS POR AEROPLANOS

A marinha norte-americana fez experiencias de um novo metodo de lança minas por meio de aeroplanos, empregando uma mina especial de para-quedas.